

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESP  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO - ICHI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, PESQUISA E VIVÊNCIAS DE  
ENSINO-APRENDIZAGEM  
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL



**PPGH**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
HISTÓRIA

LETÍCIA OLIVEIRA BORGES  
O SUJEITO DENTRO DO UNIFORME: UM ESTUDO NO COLÉGIO  
TIRADENTES EM PELOTAS 2015-2017



RIO GRANDE  
2017

**LETÍCIA OLIVEIRA BORGES**

**O SUJEITO DENTRO DO UNIFORME: UM ESTUDO NO COLÉGIO  
TIRADENTES EM PELOTAS 2015-2017**

Dissertação defendida como requisito parcial e final para obtenção do título de Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sob a orientação das professoras: Professora Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Adriana Kivanski Senna e Professora Co-orientadora: Dr<sup>a</sup>. Júlia Silveira Matos.

Rio Grande

2017

Catálogo na Publicação

B732s      Borges, Letícia Oliveira  
              O sujeito dentro do uniforme: um estudo no Colégio Tiradentes em Pelotas  
              2015-2017 / Letícia Oliveira Borges. – Rio Grande (RS), 2017.  
              190 f.

Orientadora: Dra. Adriana Kivanski Senna

Coorientadora: Dra. Júlia Silveira Matos

Dissertação (Mestrado Profissional em História) – Programa de Pós  
Graduação em História, Pesquisa e Vivências de Ensino-Aprendizagem, Instituto  
de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande-  
FURG, Rio Grande (RS), 2017.

1. História 2. Uniforme escolar 3. Identidade 4. Símbolo 5. Representação  
6. Comunicação I. Senna, Adriana Kivanski, orient. II. Matos, Júlia Silveira,  
coorient. III. Universidade Federal do Rio Grande – FURG IV. Título.

CDD 900  
981.657  
391

Elaborada por Maria Fernanda Monte Borges

CRB: 10/1011

*Não sou perfeito, nunca fui eu sei  
Do meu defeito nunca me livrei  
E a cada dia eu percebo mais  
Essa agonia rouba minha paz*

*Já magoei quem eu disse amar  
Ignorei quem quis me ajudar  
Pensei que era capaz de tudo  
E lá no fundo, eu acreditei*

*Sou impagável, incurável  
Indomável por mim mesmo  
Sou incorreto, inquieto  
Incompleto sem você*

*Mas, tua graça é mais  
Teu amor é o que me traz  
pra mais perto de tua paz  
Sem me esquecer jamais*

*Não me deleito quanto que eu errei  
De todo o jeito já me enganei  
E a alegoria de viver em vão  
Não caberia nem nessa canção.*

*Epifania - Tanlan*

*“A Cristo que me ensina a graça a cada manhã, através de suas narrativas que me instruem a trilhar o meu caminhar. Dedico essa dissertação a pessoa mais forte que eu conheço: Dona Edela Oliveira Borges. Uma mulher de narrativas que não podem ser cingidas em palavras, tamanha a minha gratidão a vida que ela me oferece”.*

## AGRADECIMENTOS

Como começar a agradecer? Da maneira mais clássica. A Deus que me proporcionou tal caminho e me conduz a cada dia, com graça e misericórdia.

Depois do clichê é preciso agradecer a todos que nessa caminhada estiveram comigo. Em especial a Dona Edela, a mulher que mais me incentivou, mais se orgulhou, que esteve ao meu lado no momento mais difícil, quando perdi todo o material dissertativo e comecei do zero. Ela estava ali, firme, sempre com as narrativas prontas para me dizer que era possível. Glorifico a Deus pela vida dela, e pelo anjo que Deus colocou no meu caminho, minha co-orientadora Dra. Júlia Matos, que me mostrou que com pouco, posso fazer muito, e que com tudo que havia perdido, ainda tínhamos uma luz no fim do túnel e que era possível dissertar com aquilo que restou do material coletado durante dois anos, e que não havia se perdido.

Meu carinho a orientadora mais gente boa dessa caminhada, Dra. Adriana Senna, mulher sábia, brava e corajosa que me ensinou a ter autonomia, pois segundo ela, eu sou capaz.

Agradeço aos amigos que fizeram parte desse processo, ouvindo minhas lamúrias, minhas vitórias, conquistas, desastres, angústias, cansaços, e tantos outros sentimentos que passaram pela minha cognição nesse tempo. Obrigado, vocês são muito valorosos e, citar um por um seria errôneo da minha parte, porque posso vir a esquecer de alguém e, porventura, magoar o que não desejo expressar nessas linhas que ficaram marcadas no meu histórico.

Grata por minha família que de uma forma ou outra esteve ao meu lado nesse momento turbulento que foi a dissertação, visto os entraves que se alçaram ao longo desse processo de conhecimento e trabalho manuscrito.

Ao Colégio Tiradentes Brigada Militar, que me acolheu e proporcionou com que eu pudesse realizar a minha pesquisa de forma aberta e acessível a todos os segmentos que busquei para me orientar nas escritas desse material. Muito obrigado! De coração, aos professores, comandantes, sargentos, funcionários e alunos.

## RESUMO

Investigar o presente traz sentido as indagações e particularidades do passado. Passa a ser decifrado e apreendido de forma relevante. A partir disso fui provocada a construir investigações, que iniciaram na graduação e repercutiram nessa dissertação. Através da indagação: como em pleno século XXI os indivíduos ainda se portam e se utilizam de uniformes escolares? Como os mesmos se identificam? Até que ponto os uniformes transmitem identidade e/ou representação? Parti para as pesquisas cabíveis para buscar as respostas plausíveis a esses questionamentos. Ao longo da pesquisa vê-se que a moda se mostra como linguagem, como fruto de uma convenção, onde todos se submetem a um objetivo comum – comunicar-se. Tais símbolos necessitam ser compartilhados, precisam de significação em comum à vários sujeitos. Os símbolos variam entre as culturas. Ao se estudar o uniforme escolar percebe-se que a partir de um certo período e, decerto definitivamente e imperativamente a partir do século XVII, mudanças alteraram o estado das coisas. A escola passou a substituir a aprendizagem como meio de educação. Ou seja, a criança relegou seu estado de adulto para criança, separando-se deles e aprendendo a viver com pessoas da mesma idade. Tal aspecto se deve muito ao uniforme escolar. Pedagogicamente, ao longo da pesquisa vemos que o uniforme tornou-se um símbolo, que ensina maneiras corretas de vestir o corpo, de apresentar-se, de produzirem aperfeiçoamentos educativos que classificam e sugerem aos estudantes que se afinem a tais práticas escolares. Mesmo que certos tipos de roupa exprimam algum significado muito claro sobre o quê e quem a está vestindo, pelo menos para alguns grupos de maneira alguma está relacionado à sua origem, identidade. Embora certos tipos de roupa comuniquem algum significado muito claramente por grupos singulares capazes de elucidar os códigos, não se pode dar por certo que todas elas comuniquem significados dessa maneira. Não se pode excluir que o uniforme escolar possa “dizer alguma coisa”, mas como meio de comunicação ele não é totalmente adequado aquele sujeito por trás do uniforme. Pois se há uma mensagem a ser dita ao mundo externo, provavelmente ela seria mais eficiente se traduzida em palavras, ao invés de dizê-la em um vestuário, um traje a fim de supostamente transmiti-la.

**PALAVRAS-CHAVE:** Uniforme escolar, identidade, símbolo, representação, comunicação.

## ABSTRAT

Investigating the present brings meaning to the inquiries and particularities of the past. It will now be deciphered and learned in a relevant way. From this I was led to construct investigations, which began at graduation and reverberated in this dissertation. Through the question: how in the XXI century do individuals still wear and wear school uniforms? How do they identify themselves? To what extent do uniforms convey identity and / or representation? I set out for appropriate research to find the plausible answers to these questions. Throughout the research it is seen that fashion shows itself as language, as the fruit of a convention, where everyone submits to a common goal - to communicate. Such symbols need to be shared, they need meaning in common to various subjects. Symbols vary between cultures. When studying the school uniform one perceives that from a certain period and, certainly definitely and imperatively from the century XVII, changes changed the state of things. The school began to replace learning as a means of education. That is, the child relegated his adulthood to a child, separating from them and learning to live with people of the same age. This is due largely to the school uniform. Pedagogically, throughout the research we see that the uniform has become a symbol, which teaches correct ways of dressing the body, of presenting oneself, of producing educational improvements that classify and suggest to students that they conform to such school practices. Even if certain types of clothes express some very clear meaning about what and who is wearing it, at least for some groups it is in no way related to their origin, identity. Although certain types of clothing communicate some meaning very clearly by singular groups capable of elucidating the codes, it can not be assumed that they all communicate meanings in this way. It can not be ruled out that the school uniform can "say something", but as a means of communication it is not wholly appropriate for that subject behind the uniform. For if there is a message to be said to the outside world, it would probably be more efficient if translated into words, rather than being said in a garment, a suit in order to supposedly convey it.

**KEY-WORDS:** School uniform, identity, symbol, representation, communication.



## SUMÁRIO

INDICE DE TABELAS.....	10
ABREVIACÕES .....	11
INTRODUÇÃO.....	12
1 GÊNESE DOS PERCUSOS INVESTIGATIVOS .....	15
1.1 Delineando da proposta investigativa – teoria e método .....	19
1.2 Revisão de literatura .....	29
1.3 Escola e sujeitos da pesquisa .....	40
1.3.1 Colégio Tiradentes Brigada Militar.....	41
2 A HISTÓRIA DA MODA E O CONTEXTO DO COLÉGIO TIRADENTES.....	42
2.1 O Colégio Tiradentes .....	55
3 A MODA COMO LINGUAGEM E OS UNIFORMES ESCOLARES COMO REPRESENTAÇÃO.....	70
3.1 Os Uniformes escolares no Colégio Tiradentes.....	71
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	109
REFERÊNCIAS.....	111
ANEXOS .....	116

## INDICE DE TABELAS

Tabela 1: Revisão de literatura BDTD .....	36
Tabela 2: Revisão de literatura Scielo .....	37
Tabela 3: Revisão de literatura DOAJ .....	38
Tabela 4: Questão 1 .....	71
Tabela 5: Questão 2 .....	77
Tabela 6: Questão 3 .....	82
Tabela 7: Questão 4 .....	85
Tabela 8: Questão 5 .....	90

## **ABREVIACOES**

CTBM – Colégio Tiradentes Brigada Militar.

CAL – Comandante do Corpo de Alunos.

CT1 – Colégio Tiradentes Uniforme de Gala.

CT2 – Colégio Tiradentes Uniforme diário.

CT3 – Colégio Tiradentes Uniforme de Educao Física.

## INTRODUÇÃO

Eis que me deparo com as primeiras letras, é preciso começar a dissertar. Segundo os dicionários dissertar é expor algum assunto de modo sistemático, abrangente e profundo, oralmente ou por escrito. É isso que necessito fazer e, com certeza, não será fácil delinear todos esses critérios de forma profunda e abrangente visto que toda a pesquisa acaba por abrir mais lacunas e expor muitas outras possibilidades. Depois de muito relutar, começarei a apontar minhas instigações.

A partir do momento que pude compreender certas coisas da vida, fui estimulada a apreciar os detalhes que me rodeavam. Filha de analfabetos, assalariados, cidadãos guerreiros deste país de pai caminhoneiro e mãe costureira, ou seja, uma pessoa estimulada a ser viajante e “*fashion*” afinal, roupa em minha casa nunca foi problema. Desde muito cedo agulhas, linhas e tecidos foram me apresentados de forma natural e rotineira. Mamãe me ensinava o valor de uma roupa, a qualidade das peças confeccionadas e o apressado pelo trabalho manual. Aprendi o que era roupa de domingo, roupa de colégio e roupa de andar em casa. Peças demarcadas que deveriam ser utilizadas de forma distinta em suas devidas ocasiões. Lembro bem na época de colégio que mamãe, logo que chegávamos em casa, depois da aula, dizia, dia após dia, que deveríamos, eu e meu irmão, tirar a roupa de colégio para não estragar, não se gastar.

Sempre estudei em escolas estaduais, e nunca me utilizei de uniformes escolares propriamente ditos. Mas ainda assim a roupa de colégio, como mamãe denominava, era quase um uniforme. Demarcada em seu devido espaço e local, ela se diferenciava e se fazia peça importante na funcionalidade dos dias.

Foram com o aprendizado e a rememoração desses momentos que me deparei com a questão de minha investigação. Como, verdadeiramente, detalhes de nossa vida rotineira e ensinamentos particulares podem instigar nossa curiosidade e desvendar traços da história tão latente e significativa ainda em nossos dias.

Para tanto me vi aportada em uma perspectiva distinta, e me indaguei como trabalhar tais provocações? Acabei por conhecer a História Cultural. A mesma trouxe novos objetos para o âmago das questões históricas, como por exemplo: relações familiares, o proceder perante a vida e a morte, os sistemas de parentesco, crenças e posturas religiosas, a sociabilidade e suas configurações, categorias de exercícios escolares, ou seja, essa teoria ofereceu novos campos ao historiador, por meio da anexação de territórios antes explorados por outras ciências (CHARTIER, 1990).

Tal configuração resultou em uma ‘nova história’ que galgou o estudo de novos objetos, impondo um novo tratamento na forma de se fazer pesquisa histórica.

A história cultural L condicionou novos espaços de investigação, tendo em vista os axiomas da história social, que se embasa em conquistas intelectuais que haviam fortalecido o seu domínio institucional. O objetivo distinto desse tipo de estudo cultural é identificar a maneira como momentos, espaços e particularidades de uma mesma realidade social construída e calculada.

Chartier (1990) explana a seguinte consideração:

(...) variáveis consoantes às classes sociais ou os meios intelectuais são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço decifrado (CHARTIER, 1990, p. 17).

Ou seja, investigar o presente traz sentido as indagações e particularidades do passado. Passa a ser ‘decifrado’ e apreendido de forma relevante. A partir disso fui provocada a construir investigações, que iniciaram na graduação e repercutiram nessa dissertação.

Ao entrar na universidade me deparei com instigações em relação a moda e, como essa traduz diversos aspectos da vida social do sujeito inserido e absorvido pela sociedade. Novamente percebi uma distinção quanto as escolhas das pessoas e as representações que as mesmas desejavam impor no meio acadêmico, transmitida mais uma vez pela aparência e o modo de vestir. Tive a oportunidade nesse tempo de me relacionar, novamente, com uma pessoa que conheci anos antes em outro momento da vida, onde estava me aperfeiçoando em outra graduação e curso totalmente distinto. Revi essa pessoa que acabou por ser minha professora na graduação de história. A mesma, anos antes se vestia de jeans, tênis e camiseta e, agora me deparava com uma pessoa totalmente diferente, minha professora passou a se apresentar de salto alto, maquiagem discreta, vestidos elegantes e acessórios que valorizavam o *look*. Certa vez quando conversei com esta professora, sobre o seu novo modo de vestir, a mesma me disse que agora ela precisava demonstrar serenidade e maturidade. E por estar envolvida e articulando com pessoas que eram doutoras e pós-doutoras a mesma precisava se portar também como tal.

Interessante, pois mais uma vez pude perceber o quanto o parecer ser é mais apazível que o ser. E o quanto é valorável o apresentar-se e, para isso a roupa de ‘colégio’ realmente deve ser diferente da ‘roupa de andar em casa’. Quanta representatividade e acúmulo de significado.

Foi aí que comecei a pensar. Seria possível um sujeito sustentar-se com um estilo próprio apenas? Como um uniforme escolar, sustentaria uma identidade? Essas instigações trouxeram a tona o meu problema de pesquisa. Construções da infância carregadas de sentidos com as

experiências da vida e produtos de provocações diárias, surge então um questionamento mais aprofundado no que tange o uniforme escolar. Um questionamento que me impulsiona a instigar e entrevistar sujeitos que possam pensar o seu modo de ser/estar em sociedade como sujeitos produzidos por enquadramentos que, por vezes, eles mesmos desconhecem. Vamos à questão então: *afinal, como em pleno século XXI os indivíduos ainda se portam e se utilizam de uniformes escolares? Como os mesmos se identificam? Até que ponto os uniformes transmitem identidade e/ou representação?* Para que essas respostas sejam replicadas irei mapear alguns materiais, assim como realizarei entrevistas com estudantes que se utilizam de uniformes escolares e outros sujeitos que não se utilizam dos mesmos mecanismos. Tentarei esboçar através das entrevistas orais os sentimentos expressos e as significâncias que o uniforme escolar traz para cada sujeito e para aqueles que estão inseridos neste ambiente de categorização.

O primeiro capítulo da dissertação dará conta da teoria e do método a serem trabalhados durante a investigação assim como a apresentação das escolas a serem averiguadas. Filosofia, visão, estrutura e organização. Num segundo momento irei explorar a história da idumentária e moda ao longo dos tempos e como o uniforme escolar se incorpora em tal contexto – visão, experimentação e significação sobre o uniforme escolar.

Já o terceiro capítulo se encarregará das vozes dos alunos, através das entrevistas e análises das mesmas irei procurar responder a questão sobre a identificação dos alunos através do uniforme escolar e, como em pleno século XXI o mesmo é identificado e/ou representado. Irei elucidar como os mesmos vêem o uniforme e a forma como ele apresenta-se identitariamente. Se o mesmo ainda é, ou não, preponderante nos dias atuais. Tal explanação será parte preponderante de meu terceiro capítulo. Buscarei articular a voz dos alunos envolvidos nesse ambiente que experimentam desse aparato regulador institucional – o uniforme escolar.

## 1 GÊNESE DOS PERCUSOS INVESTIGATIVOS

Através de estudos pude perceber que a moda tem uma natureza própria para expressar um sentido de mudança, uma leitura antropológica, carregada de crenças e/ou costumes que articulam inúmeros signos, onde o vestuário acaba por ditar um significado social tanto para homens quanto para mulheres. Por isso é importante afirmar que a roupa exerce uma distinção, valoriza corpos, a sexualidade em diferentes contextos. A roupa profere, em momentos diferentes, sendo produtora de sentidos e mudanças, uma relação explícita com a história de cada época, e porque não dizer com o momento de vida de cada sujeito como relata Airton Embacher quando diz que “a importância dada ao vestuário ao longo do processo de construção da identidade, varia de acordo com a idade e o poder de reflexão do indivíduo” (EMBACHER, 2004, p. 96).

Atualmente vivemos numa sociedade que cultua o individualismo, o estilo pessoal, as escolhas pessoais, o desejo como forma de ser único no mundo, o anseio de ser ou parecer alguém em determinado espaço e local. E conseqüentemente a imagem projetada diz muito sobre uma pessoa, o vestuário dos quais os sujeitos se utilizam fala e o mesmo passa a compreender tais mudanças sociológicas, psicológicas e estéticas, intrínsecas as modificações do estudo sobre si mesmo, o parecer do eu e a preocupação do parecer no mundo. Essas influências são refletidas não somente no mundo do vestuário, mas também nas transformações das mentalidades como um todo.

A identidade, conforme o decorrer dos tempos modifica-se, e assim como a moda passa a desenvolver o parecer ser em detrimento do sujeito. Isso é relativamente exemplificado através da moda, principalmente e significativamente feminina, que ao longo dos tempos reivindicou direitos e por vezes seus vestuários foram marcas para essas lutas. Transformações foram alavancadas através de chapéus que diferenciavam as classes sociais que cada homem pertencia, o tipo de corte dos casacos usados galantemente por homens de distintas posições sociais, o encurtamento de saias, espartilhos apertados que deram lugar a roupas mais confortáveis, o modo de vestir a partir da inserção da mulher no mercado de trabalho, transformações no vestuário e nos acessórios que se tornaram mais usuais, queimas de sutiãs em busca de direitos iguais, manifestações em busca de espaço. Percebemos através da vestimenta, a busca da individualização, uma forma de expressão particular através da vestimenta minutou o apoderamento de uma identidade visual e/ou coletiva.

Ao longo da história, a moda teve o poder de reforçar a autonomia e autoestima de cada sujeito. O vestuário concedeu expressão e, comunicação cotidiana. O se estar na moda, reforçou o

ser, aquele sujeito imerso em sua sociedade. Acabou-se por perfazer representações e/ou leituras sociais.

Sem dúvida, a maneira de se vestir, mexe com a estrutura de cada época, fundamenta e arquiteta arquétipos, que apesar de embrionário depende de estruturas de uma consciência formadora, que perpassa tempos e identidades.

Essa aparência constituída acontece na relação com pessoas que repartem valores, sentidos e símbolos. A identidade passa a ser formada na interação do sujeito com a sociedade, num diálogo contínuo com o mundo. E nessa relação o sujeito se projeta e internaliza imagens e símbolos que irão constituir sua identidade numa relação dinâmica e constante.

“A identidade passa a ser um dos principais problemas da modernidade” (EMBACHER, 2004, p. 16). Por isso, um “equilíbrio entre o individual e o social pode se dar via de pertencimento a grupos específicos de referência, possibilitando assim, certa unidade psicológica ao indivíduo” (GAIA, 2014, p. 2).

(...) moda e vestuário constituem sistemas de significados nos quais se constrói e se comunica uma ordem social. Podem operar de diversas maneiras, mas se assemelham no fato de serem umas das maneiras pelas quais aquela ordem social é vivenciada, compreendida e passada adiante. Podem ser considerados como um dos meios pelos quais os grupos sociais comunicam sua identidade como grupos sociais a outros grupos sociais. São formas pelas quais esses grupos comunicam suas posições em relação àqueles grupos sociais (BERNARD, 2003, p. 109).

O vestuário comunica muitos signos, distingue o indivíduo e/ou assemelha dependendo de seu empoderamento.

A questão identidade nos últimos tempos tem sido muito discutida na teoria social. Isso se deve a individualização que cada sujeito tem reconsiderado no momento atual. Stuart Hall em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade” vai nos dizer que essa individualização é devida o resgate de resquícios do homem humanista, renascentista e iluminista. No século XVIII o homem era o centro do universo, além de ter se tornado mais racional e científico. Hall afirma que ao passo que a sociedade moderna torna-se cada vez mais complexa, coletiva e social, devido às transformações econômicas e políticas, o sujeito também passa a alterar sua identidade, vindo a ser visto como um ser ‘definido’ no interior dessas novas estruturas da sociedade (HALL, 2006).

Pode-se então dizer que a partir das relações que o homem constrói, ele torna-se sujeito central do tempo moderno. Ou seja, a identidade não está acabada, definida por completo, ela está sempre em constante produção:

(...) a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. As partes “femininas” do



eu masculino, por exemplo, que são negadas permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. Assim em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma *falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos na unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude (HALL, 2006, p. 38,39).

Para Hall a identidade é um processo em contínuo andamento chamado identificação que se dá também através do vestuário utilizado cotidianamente, fazendo com que o sujeito sinta-se pertencente a um grupo, uma instituição, uma sociedade.

Embacher relata em seu livro “Moda e Identidade” que:

A identidade – metamorfose é a articulação de todas as personagens, articulação de igualdades e diferenças, constituindo e constituída pela história do sujeito diacrônico – personagem-bebê, personagem-moleque, personagem-menino, etc. – e no movimento sincrônico – personagem – professor, personagem – homem, personagem – pai, etc. – dessa mesma história. Para identificarmos essas personagens interpretadas na vida do sujeito, basta pedir que ele narre sua história (EMBACHER, 1999, p. 23).

Ou seja, sua existência, sua totalidade é uma unidade de múltiplos personagens, os quais precisam ser narrados. E talvez as ‘roupas de colégio’, o uniforme escolar, por exemplo, seja, conforme as afirmações de Foucault (2004, p. 118), um objeto de investimentos imperiosos e urgentes em qualquer sociedade, visto que “o corpo está preso no interior de interesses muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições e obrigações”.

Vemos que “a identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” (HALL, 2006, p.13). Ou seja, nessa combinação o sujeito projeta e internaliza imagens e símbolos que o constituirão de forma identitária numa relação dinâmica e constante.

Para tanto, é possível pensar um sujeito com um estilo próprio? E como fica a relação do uniforme escolar nessa conjuntura de identificação?

Através de leituras percebi que as mesmas demonstram que o vestuário, a moda, não está presente apenas no guarda roupas, mas em idéias. Ela estabelece identidade e comportamento desde a infância. É perceptível que desde esse momento a criança tem a capacidade de se olhar e elaborar com satisfação aquilo que lhe é apazível (OLIVEIRA, 2014). Primeiramente isso se dará em virtude do gosto dos pais devido “a maneira que os pais se representam por meio da indumentária

do pequenino(a), seria o início da formação ideal da imagem. A criança então se regozija quando sente que está coerente com aquilo que seus pais idealizaram para ela” (OLIVEIRA, 2014, p. 29).

Com o passar dos anos, na fase infanto-juvenil, o sujeito encontra-se com a necessidade de inserção no “contexto social e de afirmação” (OLIVEIRA, 2014, p. 31). A mídia encarrega-se de influenciar massivamente esta fase, impondo uma construção de ideal estético muito forte. Ocorre uma insegurança generalizada em relação a autoestima e à afiliação social acaba por gerar incerteza quanto a sua identidade individual diante da coletiva. Nesse momento da vida a roupa acaba por ser ditada pelo grupo, e a mesma passa a ser uma das maiores preocupações do indivíduo (EMBACHER, 2004).

A adolescência é mais um momento de hesitação por parte de cada indivíduo:

Ele se torna ainda mais inseguro quanto à sua identidade. A busca pela independência em relação à família e as mudanças radicais em seu corpo, agora mais maduro sexualmente, contribuem para essa situação. O jovem busca trabalhar, além das necessidades de afiliação social e de auto-estima, a necessidade de reconhecimento. Por meio do vestuário ele compete, seduz, quer ser igual e, ao mesmo tempo quer marcar sua individualidade (EMBACHER, 2004, p. 94).

Mais uma vez o coletivo fala mais que o individual. Sem falar nas influências midiáticas que os mesmos sofrem. São fases distintas mas que configuram na formação de sua identidade.

Com o amadurecimento os indivíduos passam a se importar menos com a opinião de outros porém, dependendo de sua posição e sua colocação no mercado de trabalho o mesmo interessa-se muito mais em parecer ser, do que ser.

Na fase adulta, o indivíduo, acaba por ambientar-se melhor na sociedade e comunitariamente passa a adquirir uma capacidade maior de interpretar melhor esse código que se chama vestir-se. Porém, até este momento, discrepâncias com a aparência são vistas nessa fase. Ainda existem sujeitos que anseiam “parecer mais jovens por meio da aparência, e acabam por cultivar o corpo, buscam por um estilo de vestuário mais jovem (...) chegando a ser até narcísica, com a finalidade de obter aceitação social” (OLIVEIRA, 2014, p. 32).

A autonomia de cada sujeito não implica, por sua vez, na total inexistência de determinações externas. Com a sua emancipação, o sujeito se desenvolve e adquire um estilo próprio de se vestir e identificar-se. Um estilo que irá expressar “o que ele está sendo e o que ele é sem estar sendo, coerente com o movimento contínuo de concretização que lhe permite ser o representante de si, com autonomia” (EMBACHER, 2004, p. 97), imerso em influências convencionais, inerentes a evolução da comunicação, produto dos últimos séculos.

Foi assim que me deparei com a pesquisa que começo a elaborar. Uma instigação da infância, carregada de significados na vida acadêmica e produto de provocações diárias, onde

percebo amigos ao meu redor buscando uma identidade, uma maneira de estar/ser parte de um grupo. Isso tudo me fez levantar artifícios para uma pesquisa mais aprofundada no que diz respeito aos uniformes escolares. Uma pergunta que me direciona a consultar, instigar e entrevistar indivíduos que possam pensar o seu modo de ser/estar em sociedade como sujeitos produzidos por enquadramentos que, por vezes, eles mesmos desconhecem. Afinal, como em pleno século XXI os indivíduos ainda se portam e se utilizam de uniformes escolares? Como os mesmos se identificam? Até que ponto os uniformes transmitem identidade e/ou representação? Para que essas respostas sejam replicadas é preciso mapear alguns materiais.

### **1.1 Delineando da proposta investigativa – teoria e método**

Desde o berço da história, o homem viu a necessidade de agrupar-se como forma de sobrevivência, tanto como forma de defesa como para distribuição de tarefas. Percebe-se que as tribos diferenciavam-se entre si através de seus hábitos e de seu habitat e assim cada um desenvolveu um modo particular de viver e se vestir adequando conforme a natureza que os cercava.

Esses grupos acabam por se identificarem através de suas vestimentas. Os fatores inclinavam conforme a região e os animais que habitavam nesses lugares. As roupas serviam como forma de defesa contra o frio, do calor, da chuva, da neve ou da umidade. E involuntariamente as tribos se uniformizam.

Conforme o tempo passa vislumbramos as guerras, as quais foram as primeiras na história a se utilizarem de fardamento, um mecanismo fundamental para reconhecer o inimigo. Não só a vestimenta, mas bandeiras e estandartes identificavam e caracterizavam cada exército. “Os uniformes ou fardas sempre tiveram, ao longo da história da humanidade, o objetivo de marcar a identidade própria e particular de grupos, categorias, tribos, associações, clubes, agremiações, times, classes sociais, estudantes de determinada escola” (LONZA, 2005, p. 17).

É perceptível na sociedade atual que muitos segmentos se apropriam dos uniformes como forma de identificação, os exemplos se proliferam: todos identificam um policial, um guarda de trânsito, um coletor, o jogador de futebol, de basquete, de vôlei, o médico, o padre, até o Papai Noel.

Todos que se uniformizam buscam caracterizar sua categoria e função dentro de uma situação predeterminada para diferenciar de outra. Isso é muito claro quando se fala em esportes, cada modalidade terá uma vestimenta diferenciada e característica do esporte praticado. O *skatista*

não se vestirá como os jogadores de vôlei de praia, assim como os jogadores de futebol não se vestirão iguais os atletas de *sumô*. Mas uma característica importante no contexto esportivo são as cores, isso é fundamental na uniformização, pois, seu intuito, assim como nas guerras de antigamente, é reconhecer o adversário.

E o indivíduo diante dessa relação de uniformização arbitrária de agrupamento não corre o risco de reduzir a individualidade de cada ser humano, destituindo sua criatividade e impedindo o desenvolvimento potencial de cada humano em particular?

Segundo a definição do Dicionário Houaiss (2009), “uniforme é aquilo que tem a mesma ou aproximadamente a mesma forma, aparência, padrão, valor que o(s) outro(s) do mesmo tipo; análogo, idêntico, semelhante”. Ou seja, a palavra *aproximadamente* nos faz pensar. “A verdade é que (conscientemente ou não) as pessoas que vivem numa sociedade têm a tendência natural de se agruparem em pequenos ou grandes subgrupos, com ideias ou gostos semelhantes (...)” (LONZA, 2005, p. 21) e assim, então podemos problematizar, aqueles que conscientemente optam por uma indumentária qualquer e aqueles que têm que se vestir de forma a parecer com o grupo ou categoria. E nesse segundo caso estão os colégios de ensino e os uniformes escolares.

Com o surgimento das instituições escolares de educação no Brasil e no mundo, houve a carência de distinguir os alunos de cada fundação “através de uniformes que os identificassem com o nome, a tradição, o método e características pedagógicas, o grau de disciplina, o nível de ensino, a postura perante a sociedade e as outras escolas” (LONZA, 2005, p. 22). E o uniforme escolar foi um dos mecanismos que possibilitaram tais diretrizes: distinção, segurança e disciplina.

Devido a pesquisas realizadas na área de vestuário relacionada especificamente sobre a identidade através da moda, percebi que a moda apresentasse, ou ao menos almeja, como uma distinção entre as classes sociais, estilos e identidades. O que por sua vez uma diferenciação ou até uma imitação não é um dado simplesmente. Ele está carregado de interferências externas conscientes e/ou inconscientes.

É visível o quanto anúncios vendem mais que produtos: eles vendem valores, conceitos de amor e sexualidade, imagens, sucesso, e poderia dizer conceitos de “normalidade”. Eles dizem e ditam quem cada indivíduo deve ser. Para esse tipo de anúncio o mais importante é como se é visto. Cercam os humanos com ideais de beleza, imagens como cada um deve se apresentar. E desde pequeno cada humano acaba por introjetar tempo, energia e acima de tudo dinheiro esforçando-se para alcançar este ideal, esta imagem e, por vezes, sentem vergonha quando falham. Uma falha inevitável visto que este ideal exige impecabilidade e, isso os humanos estão longe de alcançar, ou

ao menos assim imaginam. Afinal ninguém é perfeito! Os próprios anúncios pré-projetados e estruturados se encarregam de apresentarem exatamente isso – perfeição programada, manipulada. Retoques, ajustes de uma perfeição, um ideal que não é verdadeiro.

A mídia vende estilos, padrões, comportamentos, etc., a serem seguidos. E mesmo que cada indivíduo busque diferenciar-se ele ainda sofre influências através de padrões ditados cotidianamente pela indústria da moda. E até mesmo aquele que opta por não se adequar aos padrões vigentes, acaba por sofrer consequências por tais escolhas, e ainda assim, não se abstém significativamente, pois acaba por consumir o que lhe é oferecido no mercado.

Percebe-se que o sujeito que se adequa as regras da sociedade o faz identificar-se com determinados grupos e acaba por uniformizar-se, mesmo que inconscientemente. E a moda acaba por trazer essas uniformizações, mesmo que o indivíduo busque diferenciar-se.

Tais indagações se elevaram e trouxeram-me até o objeto de estudo, os uniformes escolares. Uma vez que Corazza (2004) denomina o uniforme como farda ou fardamento, o que pode ser entendido também como aquilo que possui apenas uma forma (p. 55), ressalvo, apenas uma forma. Ou seja, algo que teoricamente deveria ser apresentado de igual maneira para ambos os sexos e sem distinção de peças ou acessórios.

Foi então, que ao buscar aparatos para desenvolver as questões relacionadas ao meu problema de pesquisa percebi a nitidez quanto a carência de informações bibliográficas a respeito do tema. O que se tem sobre o assunto uniforme escolar é muito pautado em seu uso e/ou não utilização, sua comercialização e função, mas não a produção de identidade e/ou representação através do mesmo.

Pelas buscas nas bases de dados Scielo (Scientific Electronic Library Online), DOAJ (Directory of Open Access Journals), BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), com as palavras chave: Uniforme escolar, Uniforme escolar e educação, Uniforme escolar e corpos, Uniforme escolar e identidade, Fardamento escolar foram encontrados cinco (5) materiais, teses e dissertações. Os mesmos acabam por produzir mais doze (12) artigos sobre as mesmas teses e dissertações.

A partir daí, e com o problema central, outras inquições elevaram-se. Tais indagações serão a base das entrevistas orais a serem realizadas. Como por exemplo:

**Perguntas ao responsável pela instituição:**

- Qual a relação do uniforme com o colégio?
- Porque ele foi instituído?
- Quem projetou o uniforme?

- Há quanto tempo este uniforme está em vigor?
- Quantas peças compõem o uniforme do colégio?
- Qual a relação do uniforme com a história do colégio?
- Quais cuidados o aluno deve ter com o uniforme?
- Como ele deve se portar quando estiver usando o uniforme? Tanto dentro quanto fora do colégio?
- Qual o significado da utilização do uniforme?
- Que significados de identificação acredita que o uniforme traz ao aluno do colégio?
- Você acredita que o aluno se identifica com o uniforme?
- Acredita que o aluno se sente valorizado com o uniforme?

### **Perguntas ao aluno:**

- Você gosta de usar seu uniforme?
- Como você descreve seus uniformes?
- Há diferenciação entre o uniforme masculino e feminino?
- Qual a sua identificação com o uniforme do colégio?
- Em sua opinião, qual a função do uniforme?
- Ele traz alguma contribuição para a sua aprendizagem?
- Você está satisfeito com o uniforme?
- Quais os cuidados que você precisa ter com o uniforme?
- Quantas peças compõem o uniforme?
- Em quais momentos você se utiliza de cada peça do uniforme?
- Quais identificações do uniforme ressaltam a identidade e a missão do colégio?
- Você se sente representado pelo uniforme?
- Você considera-se parte importante da instituição quando usa o uniforme como identificação do colégio?
- O que consideras primordial na identificação do uniforme?
- Sente-se de que forma quando usa o uniforme?
- Você conhece a história do uniforme desse colégio?
- Sabe por quais mudanças o mesmo passou no decorrer dos tempos?
- Você gostaria de ter outro uniforme? Qual? Porquê?

Partindo dessas elevações, colocadas acima, busca-se através da História Cultural, referencial teórico ligado à quarta geração dos Annales, uma visão sobre a identidade e/ou representação que os uniformes escolares dão conta em pleno século XXI.

A História Cultural, segundo Pesavento, veio para valorizar e reforçar o papel do historiador, que, a partir de então, foi munido de uma maior gama de conceitos que lhes permitem realizar escolhas e recortes das realidades passadas, selecionando temas que constroem objetos,

problematizando questões e formulando problemas. A nova História Cultural esculpe uma nova forma de se trabalhar a História da cultura. Para a historiadora:

Não se trata de fazer uma História do Pensamento ou de uma História Intelectual, ou ainda mesmo de pensar uma História da Cultura nos mesmos moldes. A estudar as grandes correntes de idéias e seus nomes mais expressivos. Trata-se antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo (PESAVENTO, 2008, p. 15).

Ou seja, Pesavento diz que a começar pela História cultural a mesma busca das verdades definitivas algo que possa ser abalado, pois não há mais certezas normativas, leis e modelos que possam reger o social. Pelo contrário uma era de dúvidas e suspeitas aflora, pondo em causa a coerência do mundo.

A pesquisa busca convergir mentalidade cultura e história como forma de expressão particular de um determinado grupo. Essa teoria nada mais é que um estudo confluyente à história das coletividades e conforme afirma Le Goff a mesma estuda “a maneira particular de pensar e de sentir de um povo, de um certo grupo de pessoas, etc.” (Le GOFF, 1976, p. 73). Através da metodologia intitulada Groud Teori, se poderá analisar as narrativas e explicitar uma interpretação sobre as influências que o uniforme escolar, ainda hoje, exerce na herança social de um determinado grupo em específico.

Segundo Matos (2016, p. 111):

Essa metodologia é composta por três elementos básicos que, segundo Rodriguês *et all*, são “...conceitos, categorias e proposições” (2004: 3). Esses três elementos citados pelos autores, são resultado da produção da tabela 1, pois nela buscamos apresentar como transformamos as narrativas dos estudantes em ideias passíveis de comparação entre si. A partir da comparação quantitativa dessas ideias poderemos partir para o segundo momento que é a criação das categorias de análise para por fim, poderemos realizar a proposições conforme os resultados encontrados. Ainda segundo aos autores, é fundamental pensarmos que “os conceitos são a unidade básica da análise uma vez que é da conceitualização dos dados, e não dos dados per si, que uma teoria emerge e evolui até atingir o ponto de saturação”.

A partir de tais narrativas dos estudantes poderá se perceber qual é o ponto comum em suas falas sobre as formas que eles percebem e interpretam a influência que o uniforme escolar tem em seu cotidiano.

Não somente a metodologia Groud Teori, mas a sistematização da História Oral será explorada. Visto a escassez de material bibliográfico e a grande articulação que a História Oral oferece, uma vez que a mesma através de sua metodologia,

(...) busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas

múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais (BOLLE, in DELGADO, 2010, p. 15).

Buscaremos, portanto, nas narrativas os sentimentos e testemunhos experimentados pelos alunos e agentes que se apropriam de tais mecanismos, o uniforme escolar, quais as facetas que os eles trazem na construção da identidade de cada sujeito.

Pensando em história oral Marieta Moraes Ferreira relata que no decurso dos últimos períodos, excessivas transformações marcaram o debate historiográfico e hoje há poucos historiadores que resguardam a crença no potencial da história de produzir um conhecimento em sua totalidade objetivo e digno de recuperar a totalidade do passado. “A objetividade das fontes escritas com que o historiador trabalha foi definitivamente posta em questão” (FERREIRA, 2002, p. 314). Sendo assim ela a partir de então está sendo revista e resignificada.

Quando nos referimos à historiografia da Antiguidade clássica, é sabido, que a mesma recorreu à testemunhos diretos de construção de seus relatos. Tal tipo de fonte foi depreciado na segunda metade do século XIX, porém restaurado no século XX por historiadores que preservam a validade dos estudos do tempo presente. Contudo, a incorporação à disciplina histórica que estuda da história recente e o uso das fontes orais produzidas através da metodologia da história oral não é bem quista, por vezes é vista com suspeita e avaliada de forma negativa. Historiadores como Charles Seignobos e Charles Langlois definiam a história com o objetivo de descrever por meio de documentos as sociedades passadas e suas modificações. Ou seja, o documento e sua crítica essencialmente distinguiram a história científica da história literária, e assim os profissionais dos ensaístas. Para Seignobos, a prática científica da história obrigatoriamente se restringia ao ensino superior e aos períodos recuados. Na sua percepção, escrever sobre a história contemporânea prediz regras do método histórico que seriam impraticáveis e, portanto, os historiadores de profissão necessitavam rejeitar os estudos sobre esse mundo, uma vez que esse campo seria impossível afastar os amadores.

Seus sucessores intentaram demonstrar a possibilidade de se usar o método histórico para o estudo da época contemporânea. Tais iniciativas desses historiadores profissionais tencionaram retirar a história recente das mãos dos amadores, no entanto, a desconfiança sobre o tempo recente conservou-se.

A fundação na França da revista *Annales*, em 1929, e da *École Pratique des Hautes Études*, em 1948, iria dar impulso a um profundo movimento de transformação no campo da história. Em nome de uma história total, uma nova geração de historiadores, conhecida como *École des Annales*, passou a questionar a hegemonia da História Política, imputando-lhe um número infindável de defeitos — era uma história elitista, anedótica, individualista,



factual, subjetiva, psicologizante. Em contrapartida, esse grupo defendia uma nova concepção, em que o econômico e o social ocupavam lugar privilegiado (FERREIRA, 2012, p. 318).

Nesse novo ramo a história alimenta estruturas duráveis que seriam mais reais e determinantes do que acidentes de oportunidades. Suas conjecturas eram “que os fenômenos inscritos em uma longa duração são mais significativos do que os movimentos de fraca amplitude, e que os comportamentos coletivos têm mais importância sobre o curso da história do que as iniciativas individuais” (FERREIRA, 2012, p. 318). Realidades de trabalho e da produção agora seriam mais contundentes ao estudo ao invés dos regimes políticos e eventos. Tais pontos nesse momento deteriam a atenção maior dos historiadores. Fundamentalmente o estudo confluenta as estruturas assume dignidade e não mais o que é manifesto, não aquilo que está visível, mas o que está por detrás do manifesto. O que é proveitoso é a identificação das relações que independentemente das perspicácias e dos propósitos dos indivíduos, administram os mecanismos econômicos, formam as relações sociais, arquitetam as formas de discurso. “Daí a afirmação de uma separação radical entre o objeto do conhecimento histórico propriamente dito e a consciência subjetiva dos atores” (FERREIRA, 2012, 318). Separação plausível e proveitosa para o aprofundamento do conhecimento.

Somente a partir da década de 1980, assinalam-se transformações importantes nos distintos campos da pesquisa histórica. Reconsiderou-se a análise qualitativa valorizando-a e resgatando sua importância através das experiências individuais, ou seja, desarticulou-se “o interesse das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as situações singulares” (FERREIRA, 2012, p. 319). Simultaneamente adquiriu-se um novo impulso a história cultural, uma nova existência ao estudo político foi incorporada à história, ao estudo do contemporâneo.

Com o tempo a introdução das discussões sobre as relações entre passado e presente na história foi aprofundada, e a quebra com a idéia que identifica objeto histórico e passado ocorreu. O que estava morto e era incapaz de ser reinterpretado em função do presente abre novos caminhos para o estudo da história do século XX. A expansão dos debates sobre a memória e suas relações com a história marca o surgimento das chaves para a compreensão de uma nova intelegibilidade do passado.

Um dos precursores a chamar a atenção para o tema memória foi Philippe Ariès, que ressaltou o papel dos cerimoniais comemorativos com a função de fortalecer os laços familiares no

final do século XVIII e início do século XIX. “Ariès chamava a atenção também para o papel dos monumentos, das comemorações em torno das figuras políticas ilustres ao longo do século XIX, e de como eles se relacionavam com a emergência dos Estados nacionais” (FERREIRA, 2012, p. 320). Memória essa que ressalva as estruturas dos agentes em seu tempo.

A história oral, propriamente dita, começou a se desenvolver em grande escala fora da comunidade de historiadores. E com a velocidade do tempo a inquietação da perda de sentido do passado e o acréscimo da capacidade de esquecimento, as sociedades contemporâneas tem demonstrado desmedido interesse em recuperar a memória e também a história e, para tanto, a história oral tem-se demonstrado valorosa com o passar do tempo. É visto que milhões de pessoas, nesse tempo, tem caçado suas raízes, devotado pequenas relíquias do passado, colecionado antiguidades, visitado museus. Isso não reflete nada mais que a busca por uma tradição daquilo que reflete os traumas das perdas e mudanças, bem como a apreensão diante do futuro aterrador.

John Gillis (1994) nos diz que a memória manifesta-se de forma corpulenta e com isso as comemorações em si relegam uma importância significativa daquilo que está sendo lembrado. A memória alçou, assim com quase tudo no mundo contemporâneo, um emblema mercadológico. As exposições nos museus, por exemplo, ou os eventos comemorativos, cada vez mais assemelham-se a espetáculos afirma Gillis. Aquelas memórias que referem-se a indivíduos, de modo particular, passam a ser o alvo de investidas, celebrações. A memória acaba por invadir o dia a dia, mas de forma suprema apenas como mais um produto para corresponder parcialmente a demanda da identidade e tornar-se uma memória doméstica.

Vale ressaltar que a principal crítica à expressão “história oral” relaciona-se “ao fato de que nas sociedades modernas não existe um discurso oral puro” (FERREIRA, 2012, p. 328), e à expectativa de um depoimento oral apenas adquire sua plena significação em enfrentamento com o documento escrito. Ademais, a história oral transportaria a intenção de se constituir em uma disciplina capaz de interpretar-se cientificamente, surrupiando assim a sua finalidade de produzir fontes que existirão como objeto de análises e interpretações. E finalmente, critica-se a noção de que a história oral seria uma outra história, alternativa, empenhada com a militância política, muito mais do que com o rigor dos métodos acadêmicos. “Na visão desses críticos, a história oral, tanto dos vencidos como dos vencedores, estaria marcada por deformações ideológicas” (FERREIRA, 2012, p. 329). Deformações essas, que cada sujeito carrega ao longo de sua trajetória a medida que trilha suas experiências.

Percebemos, portanto, que a história oral está intimamente ligada à memória. E através de estudos pode-se inferir que a memória nada mais é que um fenômeno construído. Halbwachs relata que a memória deve ser compreendida, sobretudo, como um fenômeno social e coletivo, ou seja, como algo construído coletivamente e sujeito a oscilações, modificações, deslocamentos constantes. Pollak (1992) relata que o que constitui a memória individual e/ou coletiva são primeiramente os acontecimentos vividos pessoalmente. Posteriormente são os acontecimentos vividos em grupo, de forma coletiva no qual a pessoa se sente pertencente. Nem sempre a mesma partilhou tal experiência, mas em seu imaginário, tal acontecimento tomou demasiada proporção que ao final, é quase impossível que ela consiga saber se realmente participou ou não. Ou seja, existem acontecimentos regionais que marcam tanto um determinado grupo, que em sua memória pode significar uma identificação. Pollak expõe ainda que “a memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa” (POLLAK, 1992, p. 203). As flutuações que ela exerce se dão em função do momento em que ela é proferida.

As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político. Quando se procura enquadrar a memória nacional por meio de datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais, há muitas vezes problemas de luta política. A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo (POLLAK, 1992, p. 203).

Ou seja, a memória constitui-se à medida que é experimentada.

Se é possível afirmar que a memória é construída social e individualmente, pode-se inferir que há uma ligação fenomenológica estreita entre memória e identidade. Pensando em seu sentido superficial, identidade, é o sentido da imagem de si mesmo, para si e para outros. Aquilo que o indivíduo adquire ao longo de sua trajetória referindo-se a si próprio, a imagem que o mesmo constrói e apresenta para outros e para si mesmo, acreditando em sua representação, e também em sua percepção da maneira com deseja ser percebido por outros.

Sendo assim, nenhum sujeito constrói uma auto-imagem isento de mudanças, influências, modificações em função dos outros. Sua construção de identidade será um fenômeno que produzirá referências a outros, em alusão aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que negocia-se direta ou indiretamente com outros.

Percebe-se que à análise de representações traduzida através da história oral, que não deixa de ser histórias de vidas, torna-se um instrumento privilegiado para o tenro campo de pesquisa. Ela

pode se revelar extremamente rica, produtora de novos temas, novos objetos, interpretações. Histórias parciais e plurais. História se transformando em *histórias*.

Saliento também que contar, expor sua vida, seus anseios, suas conclusões não são nada naturais. Pois se o indivíduo não estiver em uma situação social de justificação ou construção do seu próprio eu, será estranho para o sujeito expressar-se. Uma pessoa a quem nunca foi indagado quem ela é, de repente ser instigada a relatar como ela identifica-se, pode ocorrer uma certa dificuldade. É difícil fazer uma pessoa falar, ainda mais quando fala de si mesma. Para tanto é preciso recorrer a memória deste indivíduo, a memória em construção, para que o mesmo explique suas convicções.

Nesse aspecto Joël Candau diz que estamos “condenados ao tempo”, condição tal, a qual nenhum ser escapa em sua existência. E a memória é que traz tal sentido a tona, pois “o que passou não está definitivamente inacessível, (...) é possível fazê-lo reviver graças à lembrança” (CANDAU, 2012, p. 15). Sendo a memória uma identidade em ação, ela pode muito bem ameaçar, perturbar e até mesmo arruinar o sentimento de identidade de cada sujeito.

Candau afirma que “de fato, o jogo da memória vem fundar a identidade” (CANDAU, 2012, p. 18), uma vez que é feita de lembranças e esquecimentos e acaba por assimilar os indivíduos a sociedade, através dos acontecimentos, “desde que o trabalho de esquecimento de suas origens não tenha se completado” (CANDAU, 2012, p. 18). Tal afirmação está categorizada nos escritos de Bourdieu (1997) onde o mesmo aborda que o passado não é meramente representado, mas sim ator corpóreo ou mais exatamente interprete presente nas disposições que ele produz. Ou seja, o sujeito verbalizando suas lembranças desencadeia multiplicidades possíveis de um acontecimento, considerando que a presença do passado no presente se apresenta de forma bem mais complexa, bem menos explícita, porém mais forte que a existência de narrativas explícita nos poderia fazer crer.

“Uma memória verdadeiramente compartilhada se constrói e reforça deliberadamente por triagens, acréscimos e eliminações feitas sobre as heranças” (CANDAU, 2012, p. 47). Sendo assim a perda de memória é uma perda de identidade. Pois aquele indivíduo que não tem memória se exauri, vive unicamente o presente, desperdiça suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade definitivamente morre, não produz pensamento, lembrança, conhecimento de si mesmo (CANDAU, 2012). É somente por meio da memória que “o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem (tanto no tempo como no espaço) conferindo-lhe sentido” (CANDAU, 2012, p. 61). Ou como diria

Ricoeur (...) o tempo “torna-se tempo humano na medida em que é articulado de maneira narrativa” (RICOUER, 1983, p. 17).

Narrar uma memória, contar uma história, não significa apenas repetir algo, mas criar algo, um processo que conterá uma essência. Ou seja, falar é recordar. E “todo aquele que recorda domestica o passado e, sobretudo, dele se apropria, incorpora e coloca sua marca em uma espécie de selo memorial que atua como significante da identidade” (CANDAUI, 2012, p. 74).

Assim, quando um sujeito está construindo sua história, ele está dedicado em uma tarefa, porque não dizer, arriscada pois, está percorrendo de novo aquilo que ele/a acredita ser a totalidade do seu passado para dele se reapropriar e, ao mesmo tempo, reestabelecer em uma epopéia sempre original.

Não é sobre a história aprendida, mas sobre a história vivida, que se apoia a memória. E por isso é tão importante se utilizar de tal metodologia.

Tendo a história oral como base podemos nos apropriar da análise de Grounded Theory, ou no original *Grounded Theory*, inicialmente proposta por Glaser e Strauss (1967) no livro *The Discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. Tal método é indutivo, aproxima o assunto a ser averiguado sem uma teoria a ser testada. Ela é utilizada no desenvolvimento de dados sistematicamente coletados e analisados, e tal teoria floresce durante a pesquisa real e se faz devido a continuidade interativa entre análise e coleta de dados (STRAUS & CORBIN, 2002). Assim o pesquisador passa a analisar os dados de modo a compreender determinada situação e como e porque seus participantes, entrevistados no caso, agem de determinada maneira e por que tal fenômeno ou situação se estende deste ou daquele jeito (GLASER & STRAUSS, 1967).

Através desse método de coleta de dados, reúne-se um volume de informações sobre o produto analisado, observado e caracterizado, comparando-o, codificando-o e extraindo regularidades, buscando conclusões, através de uma análise rigorosa e sistemática.

## 1.2 Revisão de literatura

No meio acadêmico encontram-se várias pesquisas relacionadas a educação, porém, ao investigarmos materiais, no Brasil, relacionados ao uniforme escolar a escassez é significativa. Uma vez que quando se fala sobre o assunto apenas encontramos materiais que abordam sobre a utilização e/ou não do mesmo, sua história e o porquê de sua utilização.

Ao investigar sobre Uniforme escolar, utilizei-me primeiramente do banco de dissertações e teses da Scielo (Scientific Electronic Library Online), posteriormente do DOAJ (Directory of Open Access Journals), e por conseguinte da BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), com as palavras chaves: “Uniforme escolar”, “Uniforme escolar e educação”, “Uniforme escolar e corpos”, “Uniforme escolar e identidade”, “Fardamento escolar”. Os materiais que foram encontrados datam de 2006, 2010, 2011 e 2012, ou seja, materiais pautados em tempos esparsos e contínuos.

O material de Katiene Nogueira da Silva - Criança Calçada, Criança Sadia!: sobre uniformes escolares no período de expansão da escola pública paulista (1950/1970) traz considerações acerca da compreensão dos modos pelos quais os uniformes escolares foram retratados através da imprensa educacional.

No decorrer do seu texto Katiene apresenta a história cultural como algo que modificou significativamente o estudo e as idéias de cunho pedagógico. Assuntos como sistemas de parentesco, relações familiares, atitudes perante a vida e morte, crenças e comportamentos religiosos, formas de sociabilidade, rituais, funcionamento escolar, ou seja, novos campos a serem explorados. Essa nova história consagrou novas pesquisas e investigações, tendo em vista a história social. A autora relata que o principal objetivo desse estudo cultural é identificar a forma, momentos e lugares distintos de uma mesma realidade social construída e pensada. E é através desse tipo de trabalho que é possível considerar pontos como o uniforme escolar. Ela cita Roger Chartier, enfatizando que o presente só é significativo quando é decifrado.

Katiene busca através do estudo dos uniformes escolares, o qual se dá enquanto prática de uso no recorrente na escola, contribuir ao conhecimento do uso de tais objetos pertinentes à cultura escolar, os quais influenciam na formação dos sujeitos em seu espaço escolar e na relação professor-aluno.

A cultura escolar imersa em um conjunto de valores, regras, normas, objetos é edificada em conflitos em função de dinâmicas sociais. Tais processos existem no interior da instituição e referem-se ao jogo educacional e cultural formado pela organização do saber e da transmissão de conteúdos cognitivos e simbólicos. Ou seja, constroem afabilidades escolares e culturais.

Katiene se aporta em vários autores que debatem o âmbito da história do vestuário, os quais auxiliam em suas observações. Autores como Alison Lurie que expressa em seu livro “A linguagem das roupas” a distinção entre as roupas dos jovens e a roupa dos idosos, assim como sua significação simbólica; Peter Stallybrass – “O casaco de Marx: roupas, memória, dor” que advoga

sobre as roupas como objetos dotados de memória; Umberto Eco – “Psicologia do vestir” material que discute a ótica da semiologia, o significado que as roupas tem para as pessoas e para a sociedade; Philippe Ariès – “História Social da Criança e da família onde o autor explana as transformações dos trajes infantis em relação à concepção de infância que surge na sociedade; Gilda Mello e Souza – “A moda no século dezenove” que discute o conceito de moda pelo viés da sociologia e da estética considerando as transformações que o vestuário passa no século XIX; Inés Dussel, textos sobre “Guardapolvos y uniformes” que apresenta estudos comparativos entre uniformes argentinos, franceses e americanos; James Laver – “A roupa e a moda: uma história concisa” que apresenta as mudanças que o vestuário passou durante o século XX; e, por fim Vicent Ricard – “As espirais da moda” onde está impresso as transformações da moda no período que vai do pós guerra até a década de 1980.

Silva (2006) a partir disso traça um histórico sobre as vestimentas e o uniforme escolar. Segundo ela o uniforme faz parte de toda uma simbologia que está em volta de valores, normas e intenções que impregnam a relação pedagógica, sem que seja necessário uma exposição verbal. Os uniformes transmitem uma comunicação não verbal ampla e dirigida em todos os níveis da ciência como uma linguagem articulada. Através do vestuário é possível, segundo a autora, transmitir certos símbolos ideológicos e o uso dos uniformes faz com que o sujeito se dissolva num todo maior e, em nome disso, se oculte a expressar-se individualmente e em sua identidade.

Katiene se indaga se obrigar todos a vestir um mesmo tipo de roupa não seria renunciar à própria identidade e manifestação do seu eu através dos trajes? Ou então, não seria um forma de renunciar à própria identidade em prol de outra? E a medida de seu texto explana que as vestimentas, tais como os uniformes, vestem identidades nacionais, comunicam controle, autoridade, austeridade, higiene, decência, diferenças sociais, economia, asseio. Vestir uniformes escolares constituía uma regra imposta por normas regimentais de disciplina escolar e não vesti-los caracterizava uma transgressão passível de punição. Comunicações e interjeições.

Já o material de Mônica D’Andréa Marcon – Aspectos históricos do uso dos uniformes escolares: reflexões no campo da educação e da moda (1940-2000 Caxias do Sul) considera, em sua dissertação, a evolução das funções pedagógicas do uso de uniformes escolares em seu contexto educacional. Num primeiro momento Marcon aborda a história do uso dos uniformes escolares, as escolas pioneiras que se utilizaram de tal mecanismo no Brasil situando as influências européias e americanas e descrevendo a estrutura dos uniformes em cada década do século XX, relacionando os materiais utilizados e correlacionando temporalmente as influências do campo da Moda e da

Educação. Em seguida identifica a simbologia dos uniformes escolares, seus mecanismos de ação, estética e linguagens estabelecidas.

Segundo ela o uniforme acaba por identificar e subjugar os sujeitos e seus corpos, impondo limitações, proibições e/ou obrigações. Mesmo que com o tempo os jovens foram inserindo marcas de sua identidade em alguns uniformes, uma customização por exemplo, ainda assim a afirmação identitária de seus usuários estava regulamentada a estruturas socioculturais e políticas da instituição a qual estava relegada.

Por sua vez Raquel Rabelo Andrade em Diretrizes projetuais para o desenvolvimento de uniformes escolares explana em seu texto que os uniformes escolares são trajes muito presentes no cotidiano dos estudantes brasileiros, no entanto, os mesmos necessitam passar por uma reformulação completa em seu *design* e usabilidade. A proposta de sua pesquisa versa sobre um levantamento e implantação de uniformes escolares, investigando o cenário atual deste segmento, sob o ponto de vista não só do usuário como também das escolas e das confecções. A autora demonstra que conforme o tempo a sociedade foi se reformulando e os uniformes também, porém não com tanta velocidade. Ela demonstra que o uniforme surgiu com a necessidade de proporcionar aos estudantes uma vestimenta ajustada ao cotidiano escolar, de modo a superar trajes anteriores, que particularmente eram cópias das vestimentas adultas. No início de sua utilização no Brasil os trajes escolares eram reproduções de roupas adultas e conforme o tempo e a evolução das organizações o estudante pode relegar mais conforto e usabilidade, porém não deixou de extrair o sentimento de coletividade, de pertencimento do grupo.

Em sua análise sobre a evolução dos uniformes escolares, um dos segmentos da indústria do vestuário Raquel evidencia que, apesar do uniforme ser considerado, como uma antimoda, ele ainda funciona como uma espécie de imagem identitária de alguns momentos, pois a mesma adéqua-se aos costumes, tradições e à realidade do momento, expressando comportamentos. Ou seja, os uniformes são um reflexo da sociedade onde, sua principal função é identificar e padronizar os alunos, vinculando-os às instituições às quais pertencem.

Andrade relata que atualmente, muitos dos segmentos que se utilizam dos uniformes estão se tornando cada vez mais próximos a moda. Adequando-se as funções de caracterização e diferenciação do indivíduo. Ela ressalta que determinadas empresas investem cada vez mais na criação dos uniformes, buscando evidenciar a sua identidade nos produtos, na tentativa de atrair e se comunicar com o seu público-alvo.



Os segmentos que se utilizam de uniforme escolar possuem importância fundamental na economia brasileira. “Segundo dados do IBGE (2007), o setor de confecção juntamente com o têxtil, posiciona-se na 7ª colocação no ranking de contribuição para o PIB da Indústria de Transformação do país, dentre os 24 subsetores analisados” (ANDRADE, 2011, 67). Ele está em segundo lugar no ranking de setor que mais emprega na indústria têxtil e consome cerca de vinte mil toneladas de fios e tecidos por ano, e em sua maioria produzido no Brasil. Portanto, é de suma importância se observar os materiais, acabamentos e métodos de confecção pois ele está comunicando a identidade visual da escola, a filosofia, a linha pedagógica sejam instituições públicas ou privadas.

Outro material de grande significância e riqueza de detalhes é o da Dra. Dinah Quesada Beck – Com que roupa eu vou? Embelezamento e consumo na composição dos uniformes escolares infantis. Sua pesquisa versa sobre de que forma as práticas de uniformização escolar infantil interferem no modo como os sujeitos se vestem, principalmente o sexo feminino. Os padrões estéticos e corporais de embelezamento e consumo estabelecidos e difundidos na sociedade vigente e propagados pela escola na constituição de suas identidades de gênero.

A autora inicia seus escritos fazendo uma correlação entre autores sobre a identidade e representação dos sujeitos com seus corpos, com o consumo desenfreado da sociedade e com o pertencimento que cada um internaliza em sua constituição. O consumo adquire forma em peças, diversidades, quantidades e atravessa um processo social e cultural amplo que findado na aquisição e no usufruto de produtos dissemina diversos contextos socioeconômicos, interpelando sujeitos.

O mercado disciplina e regula consumidores em potencial que sintam-se satisfeitos em consumir e adquirir padrões de embelezamento estabelecidos pela sociedade como meio de regulamentação de bem-estar. Mas que no fim acaba por ser negativo, opressor e funesto na vida dos sujeitos. Segundo Beck os sujeitos, no mundo capitalista, não compram apenas por que necessitam, mas simplesmente porque apreciam a beleza dos materiais e desejam, almejam se sentir bonitos/as, atraentes, apresentáveis, com produtos que sejam tendência, moda atual.

“Um corpo, não é apenas um corpo. É também seu entorno” (BECK, 2012, p. 146). Ele é mais que um organismo, é aquilo que veste, o que comunica através do que é apresentado. Não só o biológico, mas fundamentalmente o apreço cultural e social atribuído a ele, sujeito.

O uniforme não está longe dessa regulação, segundo a autora, pois, o mesmo garante significados corporais, estéticos, gestuais e identitários conforme os tempos e suas transformações. Mesmo que os uniformes padronizem, identifiquem e diferenciem os/as estudantes os mesmos

ainda carregam, conotações de gênero em distintas relações sociais e culturais de seu tempo e contexto posicionando sujeitos num jogo no qual o esperado é, que os sujeitos se identifiquem com determinados modelos para eles/as projetados.

A pesquisa é rica em relatos de campo ou mesmo de informações extraídas através de conversas onde encontram-se na fala dos atores a regulamentação, a obrigatoriedade, a busca pelo individualismo, pela caracterização aprazível a um padrão estético e a regulação de um corpo “belo”.

Dinah Beck explana as mudanças que o uniforme passou durante os tempos, a funcionalidade do mesmo, sua regulação e propósito pedagógico e educativo que foi implementado, através de seu uso, e de sua operacionalidade, proposição dos corpos, gestos, atitudes e identidades. E conclui:

Contemporaneamente crianças, jovens e adultos uniformizam-se, ou seja, revestem seus corpos com trajes e vestes para ir à escola, mas também ao clube, à igreja, ao shopping, à praia, ao trabalho etc. tais sujeitos padronizam seus visuais em seu dia a dia vestindo pertencimentos, estilos, modelos e identidades que lhes são próprias e cambiantes. Interessante observar que é nesse revestimento elaborado pelos sujeitos que eles se unem através da uniformização por eles proposta, porém, e ao mesmo tempo, a possibilidade de diferir dos demais por meio da semelhança (BECK, 2012, p. 232-233).

Ou seja, de um modo geral, os uniformes não estão apenas dispostos nas instituições de ensino. Não somente. Eles estão presentes no cotidiano e na identificação dos sujeitos em atividade em lugares e aspectos distintos, buscando a diferenciação entre os pares, seja através do consumo, do embelezamento, etc.

Os uniformes, ainda sob novas formas, imprimem não só na escola, mas principalmente nela, marcas distintas sobre os sujeitos, através de múltiplos e discretos mecanismos, distinguindo corpos e mentes.

E por fim, o material de Ivanir Ribeiro – “Sem uniforme não entra”: O uniforme escolar na Escola Técnica Federal de Santa Catarina (1962-1983). O texto instiga acerca do uso do uniforme na Escola Técnica Federal de Santa Catarina entre o período de 1962-1983 procurando inferir sua justificação quanto ao uso. “Coisas diminutas” como o uniforme escolar exprimem profundas significações nos sujeitos, mais até do que se pode mensurar. Afinal o uniforme, segundo a autora, está envolto de uma simbologia que perpassa as instituições escolares e que ainda necessitam ser decifradas, compreendidas e estudadas.

Ribeiro caracteriza a cultura escolar como um processo educativo que é parte integrante de processos culturais mais amplos, é algo dinâmico e se transforma a cada movimento ou expressão da cultura material escolar e que para tanto, necessita ser problematizada.

Para a autora os uniformes escolares revelam, por detrás de tais mecanismos, não apenas, regulamentação, obrigação, mas higienistas. Um problema nacional que necessitou de um programa global reordenando socialmente os sujeitos, principalmente via escola, pois é um terreno vasto e propício para implantar hábitos de vida sadia. Alçava-se um Brasil civilizado, moral, física e intelectualmente sadio. E para tanto faziam-se prescrições quanto ao local mais adequado para construções de edifícios escolares e sua arquitetura, tipos de cômodos, sistemas de ventilação e iluminação; a nutrição e hidratação dos alunos, rotina alimentar, bebidas permitidas e proibidas até normas de funcionamento das cozinhas; programa de exercícios; a eliminação de resíduos corporais; a melhor forma de moldar os sentidos através da educação moral e intelectual; o vestuário e a higiene pessoal. Ou seja, não só a simples utilização de um uniforme, a apresentação do mesmo, o tipo de tecido, o modo de se vestir, mas todo um mecanismo de controle de civilidade.

Os uniformes também, deveriam, indicavam pressupostos aparentes de igualdade de condições. Através dos uniformes criava-se uma idéia de padronização e democratização do ensino, mesmo que apenas em aparência, além se dar visibilidade pública a uma, cada vez mais importante instituição social – a escola, onde estavam inseridos alunos e também professoras a qual estava imbuída de um dom divino para ensinar boas maneiras, códigos de civilidade/urbanidade e boa educação e para tanto, também se fazia necessário que a mesma estivesse apresentável.

Nos uniformes, segundo Ribeiro, a disciplinarização dos corpos e a padronização e distinção dos mesmos era algo importante também. Ou seja, estão presentes diversos discursos de várias ordens. Preceitos médicos e de saúde que deveriam contribuir para a disciplinarização do corpo do aluno, pois o uniforme revela nada mais que o trabalho individual sobre o corpo e a aquisição dos princípios de ordem rigorosos e coletivos.

A primeira vista, o uniforme escolar, parece ou pode ser considerado um objeto de pouca importância, no entanto revela muitos significados: concepções pedagógicas, transformações sociais, posicionamentos políticos, relações de poder. Revela a capacidade de educação dos corpos escolares, através de um trabalho que está envolto a disciplinamento constante, aspectos sutis e simbólicos que são incorporados pelos alunos como marcas de distinção. O uniforme nada mais faz do que educar o corpo para um comportamento adequado aquilo que se espera dele.

Pode-se perceber várias instigações através dos materiais pesquisados e os resultados que retornaram foram estes, que seguem em forma resumida, conforme tabela a seguir:

Tabela 1: Revisão de literatura BDTD

<b>FILTRO:</b>			
Uniforme escolar/Uniforme escolar e educação/Uniforme escolar e corpos/Uniforme escolar e identidade/Fardamento escolar			
Trabalhos/Títulos	Autor/Ano	Resumo	Mestrado/Doutorado
“Criança calçada, Criança Sadia!” Sobre os uniformes escolares no período de expansão da escola pública paulista (1950/1970)	Katiene Nogueira da Silva, 2006.	A pesquisa tem como problema central como se dava a prática de uso dos uniformes escolares que se configurou nas escolas públicas no estado de São Paulo entre os anos de 1950 a 1970. A mesma procura contribuir para que ocorra uma compreensão dos modos pelos quais os uniformes escolares eram retratados pela imprensa educacional, seja pelas propagandas que intercalavam os textos em questão. O estudo pretende ainda examinar a percepção dos alôos acerca dos uniformes escolares por meio do estudo do jornal escolar e as prescrições relacionadas ao uso deste vestuário nos manuais pedagógicos utilizados nos cursos normais.	Mestrado em educação
“Aspectos históricos do uso dos uniformes escolares: reflexões no campo da Educação e da Moda (1940-2000)”.	Mônica D’Andréa Marcon, 2010.	Esta pesquisa procura estabelecer um diálogo sobre os aspectos históricos envolvidos nos usos dos uniformes escolares, considerando um olhar desde o campo da História da Educação e o da Moda. Ela descreve a evolução das funções pedagógicas do uso de uniformes escolares. Mostra a função pedagógica do uso dos uniformes escolares na tradição escolar além de analisar os motivos que levaram as escolas a adotarem o uso dos uniformes. O estudo também identifica características de moda e estilo nos uniformes examinando o conceito de função pedagógica possível no uso do uniforme escolar. Seu principal problema é qual a função social e pedagógica do uso do uniforme escolar. O desafio na construção das respostas a esta questão envolve uma articulação entre o conceito de uniforme e o conceito de função pedagógica do uniforme numa perspectiva social e histórica.	Mestrado em Educação
“Diretrizes projetuais para o desenvolvimento de uniformes escolares”.	Raquel Rabelo Andrade, 2011.	A proposta desta pesquisa versa na realização, inicialmente, de um levantamento sobre a implantação dos uniformes escolares e, em seguida, investiga qual o cenário atual deste segmento, sob o ponto de vista não só do usuário como também das escolas e das confecções que produzem tais materiais.	Mestrado em Design

“Com que roupa eu vou? Embelezamento e consumo na composição dos uniformes escolares infantis”.	Dinah Quesada Beck, 2012.	O estudo versa sobre a produção de identidades de gênero femininas infantis escolarizadas, marcadas pelo processo de pedofilização como prática social contemporânea. Seu problema principal é de que forma as práticas de uniformização escolar infantil interferem no modo como as meninas investem, em seus corpos, padrões estéticos e corporais de embelezamento e consumo tão difundidos em nossa sociedade e propagados pela escola na constituição de suas identidades de gênero? A pesquisa se apóia de entrevistas semiestruturadas com crianças e com profissionais da escola centenária em questão.	Doutorado em Educação
“Sem uniforme não entra: O uniforme escolar na Escola Técnica Federal de Santa Catarina (1962-1983)”.	Ivanir Ribeiro, 2012.	O estudo investiga acerca do uso do uniforme escolar da Escola Técnica Federal de Santa Catarina – ETFSC, entre o período de 1962 a 1983, procurando compreender as finalidades, revelações, pressupostos, disciplinação e padronização que justificaram a adoção do mesmo.	Mestrado em Educação

Fonte: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

Já na utilização das mesmas expressões na base de dados da Scielo e DOAJ deparei-me com as mesmas dissertações e tese, sendo que agora apareceram artigos os quais, alguns, estavam apenas desenraizados das mesmas dissertações e tese, em concordância com as tabelas a seguir:

Tabela 2: Revisão de literatura Scielo

<b>FILTRO:</b> Uniforme escolar/Uniforme escolar e educação/Uniforme escolar e corpos/Uniforme escolar e identidade/Fardamento escolar			
Trabalhos/Títulos	Autor/Ano	Resumo	Publicação
Das materialidades da escola: o uniforme escolar.	Ivanir Ribeiro e Vera Lucia Gaspar da Silva, 2012.	O texto dedica-se a situar o uniforme escolar como objeto histórico e fonte importante do universo escolar. O artigo busca empreender uma revisão da literatura que aborda a temática e investe em uma reflexão que concebe esse artefato como uma das expressões da materialidade que dá contornos à forma escolar, tomando-o na perspectiva da cultura material.	Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 03, p. 575-588, jul./set. 2012.
		O uniforme como elemento próprio da cultura escolar no presente artigo é debatido acerca das representações e transformações do uniforme escolar feminino, durante a década de 1950, tomando como aporte a análise imagética de documentos pertencentes ao memorial do colégio Farropilha de Porto Alegre RS.	

Vestidas de azul e branco: o feminino uniforme no Colégio Farroupilha de Porto Alegre (1950)	Raphael Castanheira Scholl e Alice Rigoni Jacques, 2012.	Os autores relatam que o uniforme escolar estabelece em seu uso um ato de pertencimento no qual o aluno honra o nome, as cores, a tradição e o emblema da escola na qual está vinculado, tendo o uniforme como constituinte de um elemento da cultura da escola. Através da análise de imagens fotográficas os autores identificam traços visíveis entre as mudanças históricas da moda feminina incorporadas ao uso e funções sociais do uniforme escolar, onde o mesmo não foi imposto, mas afirmou-se como uma prática de um artefato da cultura escolar da instituição ao longo do tempo.	Revista Educação por Escrito – PUCRS, v.3, n.1, jul. 2012.
--	--	---	--

Fonte: Base de dados da Scielo.

Após consultar as bases da Biblioteca Digital Brasileira e da Scielo me deparo com o Directory of Open Access Journals um site de periódicos de acesso aberto com materiais científicos e acadêmicos de padrões de alta qualidade. O site tem como objetivo aumentar a visibilidade e a facilidade de uso e acesso aberto de revistas e jornais científicos e acadêmicos promovendo crescimento e impacto.

Tabela 3: Revisão de literatura DOAJ

<b>FILTRO:</b> Uniforme escolar/Uniforme escolar e educação/Uniforme escolar e corpos/Uniforme escolar e identidade/Fardamento escolar			
Trabalhos/Títulos	Autor/Ano	Resumo	Publicação
Fardamento escolar das escolas públicas: a visão dos alunos	Erika Alencar de Moura, Geyze Marinho dos Santos e Maria Alice Vasconcelos Rocha, 2009.	O artigo apresenta o resultado de uma pesquisa qualitativa realizada com os estudantes de uma escola estadual do Recife. O objetivo foi analisar a aceitação do fardamento escolar da rede pública de ensino, e conhecer possíveis sugestões dos alunos/as sobre a mudança ou modificação desse fardamento.	Anais do III Encontro de Ensino, pesquisa e extensão da Faculdade Senac PE.
“Nem tão distantes”: relações entre o uniforme escolar e a moda européia – um estudo de caso.	Claudia Schemes, Denise Castilhos de Araujo e Ida Helena Thön, 2013.	O presente texto analisa o uniforme escolar no Brasil e suas relações com a moda nacional e internacional. Apresenta uma pesquisa bibliográfica e um estudo de caso com uma escola fundada no século XIX, no interior do Rio Grande do Sul, a Fundação Evangélica, para observação de que forma a moda européia influenciou as vestimentas de seus alunos.	Fênix – Revista de História e Estudos Culturais Julho – Dezembro de 2013 Vol. 10 Ano X nº 2.
A moda européia e	Claudia	Apresenta a mesma análise e objetivo do texto acima.	Online.

o uniforme escolar no Brasil	Schemes e Ida Helena Thön, (sem data)		
A ressignificação do uniforme escolar na contemporaneidade : identidade e representação	Claudia Schemes, Cristina Ennes da Silva e Denise Castilhos de Araujo, 2013.	O artigo procura analisar as representações que são elaboradas através da ressignificação do uniforme escolar e como essas representações constituem identidades. Para tanto, as autoras estabelecem um breve histórico do uniforme escolar no Brasil e, através de uma pesquisa de campo qualitativa e da análise semiótica de fotografias, identificam nos uniformes escolares de alunos de ensino médio de uma escola da rede privada os elementos que nos permitem essa análise.	Cadernos do Tempo Presente, n. 13, jul./set. 2013, p. 49 - 59   <a href="http://www.getempo.org">www.getempo.org</a>
Projeto Licenciário "O arquivo escolar como eixo articulador de atividades de ensino, pesquisa e extensão: diálogos possíveis na escola e entre a Universidade e a escola"	Haroldo Wilson da Silva e Luana Oliveira Freire Maia; Orientado por: Profª Drª Nádia G. Gonçalves, (sem data)	O artigo versa sobre uma proposta de aula a ser praticada por estudantes de pedagogia. Relata um pouco da trajetória do uniforme escolar no Brasil.	Online
Uniforme e cultura visual: códigos visuais do escolar	Teresinha Maria de Castro Vilela e Victor Junger, 2013.	Reflete sobre o uniforme escolar presente no cotidiano como artefato visual. Onde o mesmo pretende uniformizar a imagem dos coletivos, revelando mais que uma estratégia meramente organizacional, como também singularidades nas diferentes formas de uso.	Anais do VI Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e cultura Visual (Online).
Uniformes entre imagens do pensamento e narrativas dos meus cotidianos	Marcio Romeu Ribas de Oliveira, (sem data)	Uma narrativa sobre as experiências do autor com o uniforme escolar. Embasada em alguns autores que dialogam sobre o uniforme escolar e a memória cultural das roupas.	Online
Uniformes escolares, infância e consumo: atravessamentos culturais na constituição de identidades de gênero.	Dinah Quesada Beck, (sem data)	Extrações da sua tese de doutorado, sobre aspectos relacionados ao seu problema central.	Anais do 6º SBECE e 3º SIECE (Online)

Uniforme escolar infantil: seu posicionamento na identificação dos gêneros	Raquel Rabelo Andrade e Lívia Pereira, 2013.	O uniforme escolar como parte do cotidiano de crianças estudantes brasileiras desde meados do século XX e ainda hoje continua sendo um artefato amplamente utilizado, tanto por escolas públicas como particulares. Desse modo, algumas considerações e análises foram feitas em relação à representação e identificação dos gêneros no uniforme a fim de se verificar sua contribuição na constituição das identidades. Nesse sentido, este estudo buscou investigar, por meio de pesquisa bibliográfica e análise imagética, a relação que se estabelece entre a identificação dos gêneros e os uniformes escolares infantis, desde seu advento até a atualidade.	Moda Palavra – Periódico Ano 6, n.11, jul-dez 2013, pp. 141 – 156.
--	--	---	---

Fonte: Base de dados do DOAJ.

Através das dissertações, teses e artigos encontrados, pode-se inferir que há pesquisadores na última década debruçados a consultar sobre o tema pesquisado. Nesta mesma orientação essa investigação vem a corroborar e somar com as demais pesquisas sobre o tema.

### 1.3 Escola e sujeitos da pesquisa

Para realizar a escolha da escola utilizei como base a escola que fosse mais icônica no que diz respeito aos uniformes escolares. A partir das indagações, expostas acima, comecei a pensar em uma escola que fosse atraente visivelmente por seus uniformes, na cidade de Pelotas. E foi então que rememorei sentidos e significados da minha infância, diante do prédio em que estudei no meu ensino regular e, que agora está abrigando uma escola de tradição em disciplina e organização – o Colégio Tiradentes Brigada Militar, uma referência no que diz respeito ao uniforme escolar uma vez que se destaca consideravelmente e é destoante dos uniformes escolares encontrados na cidade.

Partindo desse aspecto é considerável destacar que a Escola Técnica Estadual Professora Sylvia Mello está abrigada no mesmo prédio. Digamos assim, a Escola Sylvia Mello cedeu parte de seu prédio e hoje ambas escolas, Tiradentes e Sylvia Mello se separam apenas por uma porta e, onde uma se utiliza do uniforme escolar e outra não. Sendo que ambas usufruem de um auditório e uma sala de ginástica em comum acordo, com suas ressalvas e controvérsias é claro. E uma investigação e comparação entre as duas se faz no mínimo instigante. Afinal, as escolas mesmo tão próximas, são distintamente distantes no que diz respeito à organização e o ensino, no entanto isso é



um material para outro estudo, que caberia uma outra discussão. Vejamos abaixo destaques, disponibilizados sobre o Colégio Tiradentes Brigada Militar:

### **1.3.1 Colégio Tiradentes Brigada Militar**

O Colégio Tiradentes Brigada Militar, situado na Av. Duque de Caxias 456 – Fragata, Pelotas começa seu funcionamento, após trâmites legais instaurados desde setembro de 2008, em 22 de dezembro de 2010, quando foi devidamente autorizado o funcionamento do liceu, conforme Parecer n° 806/2010 – Processo SE n° 73.771/19.00/10.1, credenciando e autorizando o Colégio para a oferta de ensino médio na cidade de Pelotas.

Em 27 de dezembro de 2010, é aberto o Processo Seletivo de Admissão e Classificação para ingresso no Colégio para o ano letivo de 2011, onde foram ofertadas sessenta vagas, das quais quarenta vagas destinadas à comunidade em geral e vinte vagas destinadas aos filhos ou dependentes de policiais militares com a guarda ou tutela judicialmente constituída.

No dia 14 de fevereiro de 2011 os candidatos realizaram a última etapa do certame e, finalmente no dia 21 de fevereiro de 2011, os sessenta alunos aprovados no processo seletivo ingressaram o treinamento e conhecimento das atividades de rotina diária, monitorados por seis alunos do CTBM de Porto Alegre e, supervisionados pelo Comando da Unidade e seu corpo técnico.

Os órgãos funcionais do colégio encontram-se em pleno funcionamento, tal quadro será mencionado com mais detalhes no próximo capítulo.

Atualmente o Colégio dispõe de um quadro de quinze (15) docentes e cento e setenta e quatro (174) alunos, distribuídos nos três anos do ensino médio (1º Ano - 65; 2º Ano - 60; 3º Ano – 49).

A filosofia da escola está circundada em oferecer aos alunos do Colégio as necessárias condições para o desenvolvimento e construção de saberes; o desenvolvimento de competências e habilidades para o enfrentamento dos desafios que a vida lhes apresenta, nas respectivas fases de desenvolvimento humano. Primando sempre por uma educação que traga múltiplas possibilidades ao indivíduo num grupo social. Segundo o Colégio todas as referências oferecidas pela escola devem permitir o seu crescimento pleno, sua cidadania ampla e o desenvolvimento de competências e habilidades para o enfrentamento dos desafios que se lhes apresentam no presente e no futuro próximo.

## 2 A HISTÓRIA DA MODA E O CONTEXTO DO COLÉGIO TIRADENTES

Para podermos pensar um pouco o papel dos uniformes escolares no Colégio Tiradentes em sua realidade local enquanto uma organização com delineamentos militares, antes se faz necessário refletirmos um pouco sobre a história da moda e sua relação direta com as mudanças históricas.

Todos os dias ao acordar, ao sair de casa, cada sujeito necessita vestir-se. Nos deparamos com um ramo de roupas que possuímos, fazemos a combinação que nos é aprazível para o dia, referente ao clima e o local ao qual iremos nos dirigir.

Por trás desse simples ato, comum ao cotidiano de cada sujeito, a escolha por determinadas peças tem, além de funcionalidade, intenções e expressões que o mesmo quer imprimir ou exprimir aos outros, deixando perceber-se através daquilo que veste. O sujeito acaba por demonstrar gostos, classe social, seu tipo de trabalho, sua identificação, enfim, o que é, ou tenta ser.

Ao se estudar a história da indumentária, três motivos se alçam no que diz respeito ao seu uso. Sendo dois de caráter instintivo – proteção e pudor. As roupas protegem contra agressões da natureza, do frio, das superfícies ásperas. Em determinadas culturas, as roupas adquiriram força no que tange ao caráter da mente humana, onde religiosos por tempos ditaram valores pudicos ao ser humano.

Somente estes dois motivos são suficientes para a compreensão do uso de vestimentas pelo homem. No entanto a “proteção” (grifo meu) não justifica, o fato de povos que vivem em locais de temperaturas quentes andarem vestidos. Já o argumento “pudor” (grifo meu), não se justifica em casos de povos que usam adornos e andam nus, caso de algumas tribos indígenas.

Há um terceiro fator: o uso das roupas como adorno. Ou seja, vestir o corpo sempre esteve relacionado aos meios pelos quais o humano produz significação. Tal motivação, seja ela de caráter social ou psicológica, mostra que a indumentária foi adotada para expressar dialetos humanos.

Barthes (2005) considera o vestuário como um objeto que ao mesmo tempo é histórico também é sociólogo, afirma que o vestuário está ligado implicitamente como significante particular de um emblema geral que lhe é exterior, como a época, o país ou a classe social. Para tanto, é visível e, condicional a questão história da moda e evolução da humanidade, pois através da indumentária os valores da sociedade são influenciados.

Percebe-se nos estudos que a moda é intrínseca à vida da sociedade. Mesmo que aqueles que dizem não importar-se com o que vestem acabam, de certo modo, sujeitos as variações dos modismos. Afinal, moda não é apenas vestir, é um conjunto de informações que direcionam costumes, comportamentos, tempo e sociedade.

Moda é um meio do qual se pode vislumbrar a evolução da humanidade, tempo, espaço, guerra, recessão, riquezas, medos, alegrias. Por meio da indumentária é possível analisar os tempos.

Para tanto, podemos pensar que os acontecimentos históricos refletem a maneira de vestir de cada sujeito. Por meio de uma análise histórica é possível ter uma visão da importância do vestuário ao longo dos séculos e os papéis representados por ela na cultura e nos valores de cada momento.

Segundo historiadores e antropólogos a vestimenta foi adotada por três motivos, conforme já mencionado acima: pudor, proteção e adorno. Motivos que influenciaram significativamente cada sujeito a sua maneira, e a evolução da moda ao longo dos tempos.

A indumentária surge na pré-história com o uso de pele de animais. Porém nem todos os povos cobriam o corpo, mas alguns deles usavam enfeites diferenciadores de posições sociais. Os adornos, conforme estudos, foram encontrados pelo homem como sinais de bravura, exibindo peles, dentes e garras de ferozes animais (BRAGA, 2004).

Através da agricultura e da pecuária o homem passou a viver, não mais como nômade, mas fixando-se ao solo e evoluindo sua indumentária junto, com a utilização do linho na produção de saiotos e de outras peças para ornamentá-lo. Já os escravos e os sujeitos de classes mais baixas andavam praticamente nus.

Dentre os povos antigos os egípcios têm grande destaque. Perucas foram incrementadas aos seus hábitos para evitar a proliferação do piolho, uma das pragas locais. Já nos pés, era comum o uso de sandálias de palha traçada para proteger da areia escaldante do deserto. Os faraós do império, que surgiu por volta de 3000 a. C. usavam o *claft*, pedaço de tecido amarrado na cabeça, cujas laterais emolduravam as faces (BRAGA, 2004, p. 22).

Segundo o mesmo autor a antiguidade clássica, existente até 395 d. C., foi o período de magnificência de dois grandes povos, os gregos e romanos. Os gregos importavam-se com valores estéticos de suas vestimentas, o mérito estava no apelo a sensualidade. Contudo a nudez não é considerada vergonhosa.

Braga relata que assim como nas artes, os gregos procuravam evidenciar a beleza das formas humanas, e para adquirir tais efeitos nas roupas, criavam drapeados marcantes. A peça mais

característica de sua indumentária foi o *quítion*<sup>1</sup>, feito a partir de um retângulo de tecido. As joias eram usadas como complementos das roupas. Os pobres são proibidos de usar roupas tingidas em público (BRAGA, 2004, p. 25).

Roma, fundada no século VIII a. C., adquiriu valores gregos, sendo o luxo uma das principais características de sua indumentária, também sem compromisso de sedução. A peça característica era a *toga* que indicava a posição social do usuário: quanto mais volume, mais alto era o nível do sujeito, já que o excesso dificultava os movimentos e, conseqüentemente o trabalho (BRAGA, 2004, p. 29).

Roma passa a enfraquecer, com as invasões bárbaras, e o império é dividido entre Oriente e Ocidente. A seda passa ser monopolizada pela capital do Oriente, Bizâncio fabricava e manipulava tal artefato. O tecido era de uso exclusivo da família real e de altos funcionários da Corte (BRAGA, 2004).

Com o feudalismo e a ascensão burguesa as mudanças de valores imperam. O êxodo urbano, a fuga para o campo e a formação da estrutura feudal, estrutura-eixo da Idade Média, trouxe entre os séculos IX e XIII o poder descentralizador do rei, e uma sociedade hierárquica, onde o senhor feudal é quem comandava e as leis ditadas pela Igreja Católica, organizavam o Estado. Nas artes o estilo romântico está em alta e, por conseguinte, é adotado nas vestimentas, com linhas duras e pesadas, segundo palavras de Braga.

O Ocidente almeja produtos do Oriente e, as Cruzadas levam a invasões de regiões próximas ao Oriente. Os mercadores vendem produtos orientais dentro dos feudos e formam burgos, na periferia dos castelos feudais. Os feudos desestruturam e dá-se início a primeira fase do Capitalismo Comercial, o Mercantilismo.

Burguesia fortalecida, valores revisados. Isso faz com que a Igreja aborte o monopólio cultural. O estilo gótico adotado nas artes irá interferir significativamente na moda. As mulheres passam a adotar véus que chegam até os joelhos, mangas compridas e punhos amplos,

---

<sup>1</sup> Quítion é uma peça de vestuário utilizada na Grécia Antiga. Era uma túnica usada tanto por homens quanto por mulheres. Estendida, era basicamente um retângulo de tecido. Originalmente, era confeccionada com lã nos períodos mais antigos, sendo fabricada com linho posteriormente. Usava-se tradicionalmente com um cinto à altura da cintura, e era preso sobre os ombros com alfinetes ou broches. Nos homens, podia cobrir a perna até metade da coxa ou descer até os pés. A primeira forma era geralmente usada no dia-a-dia, e a segunda reservada para momentos mais cerimoniais. Poderia ser adornada com desenhos geométricos para dias festivos. Podia ser usada com um pálio. As mulheres a usavam de maneira frouxa. Comumente, fala-se do quítion jônico. Com o surgimento do linho, substituiu-se progressivamente o peplo, um vestido feminino tubular. A palavra *quítion* quer dizer "túnica de linho", sendo de fato o tecido mais usado para a sua elaboração. Entretanto, a lã também servia como base têxtil da peça, especialmente em tempos mais antigos.

assemelhando-se as torres góticas. Os homens usam o gibão <sup>2</sup>, pequeno casaco com mangas ou em forma de colete (BRAGA, 2004, p. 39-41).

Moda, propriamente dita, surge apenas na metade do século XIV. Nesse momento, o poder está centrado no rei absolutista, cuja corte usa uma indumentária extravagante.

Na segunda metade do século XVI, surge o renascimento, um reflexo as modificações ocorridas na sociedade da época. A igreja passa a condenar os lucros da burguesia, que rompe com a instituição. A nova classe abandona valores teológicos da Igreja e adota o humanismo (BRAGA, 2004).

O ideal renascentista de beleza, era o de mulheres rechonchudas, com cintura marcada. Os recortes de bico entre blusa e saia representavam tal silhueta. Joias e adornos capilares eram um hábito feminino, acentuando a testa e esticando os cabelos para trás, raspando os fios do alto do rosto (BRAGA, 2004).

Um tipo de gola que se assemelhava a uma roda era comum, o *rufos* <sup>3</sup> veio a indicar prestígio social, já que limitava os movimentos. Outra característica desse momento são as roupas masculinas efusivas, enquanto as femininas eram mais modestas (BRAGA, 2004, p. 43-47).

Como de costume, as classes intermediárias tentam imitar os mais abastados, porém existem leis restritivas em relação as vestimentas. Nesse tempo o valor monetário interfere nas restrições. Ao passo por exemplo, que usar vestes vermelhas, como seus superiores, é uma das reivindicações da Revolta dos Camponeses na Alemanha. O monetário interfere nas classes sociais.

No século XVI, a moda europeia de cores vibrantes cede lugar ao estilo espanhol, escuro, ajustado e sombrio (BRAGA, 2004).

Em oposição a arte clássica, surge o Barroco, deformando contrastes entre claro e escuro. O estilo parte das artes plásticas e tem seu auge entre os séculos XVII e XVIII. A arquitetura marcada pelo excesso de volume e sombra acaba por interferir na moda exagerada que pedia cabelos longos para os homens, o que veio a incorporar o uso de perucas, segundo as palavras de Braga.

Com o surgimento do Rococó, o exagero e o luxo do Barroco tornaram-se ainda mais evidente. As perucas foram substituídas por penteados enormes. O Rococó passa a ter uma

---

<sup>2</sup> Antiga peça do vestuário masculino, usada por baixo do paletó, que envolve o corpo do pescoço à cintura. Uma espécie de casaco curto, semelhante ao colete, que se veste sobre a camisa.

<sup>3</sup> A idéia do rufos era a de ser uma grande gola que tornasse o visual empertigado e austero, impedindo de certa forma que se tivesse uma postura mais relaxada. Hábitos simples, como comer de talheres, pentear-se ou maquiar-se, por exemplo tornavam-se tarefas extremamente complicada, em função do tamanho de alguns rufos.

linguagem de sonho, suavidade e leveza espiritual. O uso de tons pastéis, o exagero nos detalhes e, tecidos ricos em formas delicadas exemplificam isso (BRAGA, 2004).

Ainda segundo o autor mencionado acima a corte de Versalhes institui padrões sociais para todo o restante da Europa. A moda feminina no período de Luís XIV, o rei sol, exige roupas volumosas, que dificultam o caminhar, corpetes justos e flores nos cabelos e vestidos acabam por configurar mais detalhes a esse período.

Já no século XVIII, a Revolução industrial consoma o capitalismo como força de produção econômica predominante. As ideias iluministas e filosóficas atacam o regime e os reis absolutistas. A Revolução Francesa, chefiada pela burguesia, executa nobre e contrarrevolucionários.

A Revolução é responsável pela extremada mudança no que diz respeito ao vestuário da época. Durante o período, não se utilizam mais de roupas elegantes. Vem à tona uma tendência anterior à revolução, agora o espaço está dividido entre a queda da nobreza e a valorização de tudo o que é inglês (BRAGA, 2004).

Já na Inglaterra, a classe alta não circunda a corte, como acontecia na França. Os ingleses abastados vivem em suas propriedades rurais, o que impede o uso de trajes muito elegantes. Os franceses por sua vez adotam as roupas campestres inglesas.

A população francesa procura usar em suas vestes as cores da bandeira de seu país (vermelho, azul e branco). Como manifestação à guilhotina os homens usam o *plastron*<sup>4</sup>, capa preta com colarinho muito alto, e as mulheres vestem laços vermelhos no pescoço, simbolizando o sangue (BRAGA, 2004, p. 55 – 61).

Em 1804, quando proclamado imperador, Napoleão Bonaparte proíbe a importação de musseline de algodão da Índia, devido a conflitos políticos com a Inglaterra, que colonizava o território indiano, e também pela pretensão de desenvolver a indústria têxtil francesa. O imperador impôs suas proibições as damas da corte de repetirem publicamente seus vestidos com o objetivo de reproduzir um maior consumo. Napoleão almejava que a França retornasse a ser um pólo divulgador de moda, já que a indumentária masculina estava sendo totalmente influenciada pelos ingleses (BRAGA, 2004).

A Inglaterra continua ditando a moda masculina e em Londres surge, criado por George Brummel, o dandismo<sup>5</sup>. O estilo traz roupas justas, sem rugas, bordados e/ou acessórios supérfluos.

A moda feminina (...) foi buscar referências e inspiração no passado. Os homens estavam ocupados com o trabalho e as mulheres em resgatar valores tradicionais e exibir os poderes materiais de toda a burguesia. Paris e Londres foram as grandes capitais europeias dessa

---

<sup>4</sup> Plastron um tipo de lenço do romantismo que fica menor e era amarrado ao pescoço; precursor da gravata

<sup>5</sup> Característica da pessoa que se veste com elegância e requinte.

época. Enquanto a primeira se preocupava com a vida citadina, a segunda privilegiava a vida do campo. E esses aspectos influenciaram suas respectivas modas (BRAGA, 2004, p. 61).

A moda interfere significativamente na relação de construção de poder dos espaços. Com o advento do romantismo, na segunda metade do século XIX, marcado pelo nacionalismo, as potências capitalistas expandem-se, é o chamado “imperialismo”. A Segunda Revolução Industrial origina novas potências (EUA, Itália e Alemanha), e novas formas de energia (petróleo e eletricidade), além de técnicas de produção novas. É uma fase de transformação entre capitalismo liberal e monopolista (BRAGA, 2004).

O estilo romântico surge após a Revolução Francesa e não antes, como na arte. As mulheres passam a usar pouca roupa e cobrem-se com xales. As inglesas por sua vez, usam o que as francesas vestem, enquanto, os homens é o oposto.

Na década de 1840, as mulheres resignadas e submissas, se utilizam de trajés pudorosos. O uso de chapéus contribui para que os rostos sejam apenas entrevistados. As saias são amplas que o peso das anáguas é substituído por uma anágua de arcos. O aumento dos quadris irá representar fertilidade feminina e é também um símbolo de distanciamento.

Já na década seguinte do século XIX, foi o período da crinolina, armação que proporcionava volume as saias e simbolizava prestígio e esplendor à sociedade capitalista.

Foi nesse período que a moda encontrou uma grande maneira de se modificar, uma vez que, devido ao prestígio financeiro da burguesia industrial o aspecto visual das roupas dessa nova classe era muito semelhante aquele da nobreza e da aristocracia. Surgiu então na década de 1850, na França o conceito de alta-costura, criado por um inglês radicado em Paris – Charles Frederick Worth (BRAGA, 2004, p. 63).

Worth vem a revolucionar um período e conseqüentemente a história da moda como um todo. Ele cria o primeiro conceito de *grife*<sup>6</sup>, consturando etiquetas dentro das peças. Lança o primeiro perfume e usa a primeira manequim viva.

Com a invenção da máquina de costura, e das tintas à base de anilina, tons pálidos dão lugar a cores vibrantes. Bicicletas se popularizam e, com a impossibilidade de andar nelas com saias arrastando no chão a solução são os *bloomers*<sup>7</sup>, saias divididas que, embora ridicularizadas pela imprensa e denunciadas no púlpito, são acolhidas pelas jovens (BRAGA, 2004).

<sup>6</sup> A definição de *grife* nada mais é que uma empresa criadora, produtora e/ou distribuidora comercial de artigos, de vestuário, luxuosos. Ela está relacionada a um nome de um costureiro, alfaiate ou fabricante famoso que se apõe a um artigo de luxo em forma de marca, rótulo, logotipo, assinatura ou identidade do criador estilista ou de sua empresa.

<sup>7</sup> Calças esportes, as famosas saias calças.

Segundo Braga no século XIX, no que diz respeito a indumentária, as descobertas são significantes: a máquina de costura (1830); o jeans (1850) e; o zíper (1891).

Pós século XIX, surge a *Belle Époque* francesa, período entre o começo do século XX e o início da Primeira Guerra mundial, chamado na Inglaterra por Era Eduardiana. Extravagância e ostentação eram as marcar registradas desses dois países. Nesse período prevalece o gosto curvilíneo, orgânico e ornamental da *Art Nouveau*<sup>8</sup>, tendência transportada à moda (BRAGA, 2004).

O ideal de beleza para as mulheres era a “silhueta ampulheta”, com ombros largos, cintura afunilada e quadris volumosos. O corpo feminino está todo coberto por tecidos deixando pouco a mostra (BRAGA, 2004).

Neste período a vida é marcada por efervescência artísticas, por cabarés e cafés. O clima de euforia está instalado por todo o mundo.

A primeira metade do século XX dá uma nova estrutura aos padrões. Nos anos 10, jovens mulheres de classe média principiam trabalhar fora, o que faz com que suas roupas não possam ser mais tão elaboradas. As saias sobem para a altura das canelas e ficam estreitas na barra, os chapéus são imensos, há botões por toda a parte e elas não são mais obrigadas a usar espartilho.

Em 1913, surge o decote em “V”, acusado de indecência e de oferecer riscos à saúde. A indumentária masculina é marcada pelo chapéu *coco*, usa por Charles Chaplin, pelo terno de lapela média e pelas cores sóbrias. A estilista Coco Chanel surge com estilo marcante, e a sua ousadia fez nome na moda do século.

A década seguinte, “os anos loucos”, marcado por mudanças ocorridas no período é abafada durante a Primeira Guerra Mundial, a moda retoma seu ritmo apresentando novidades com o fim do conflito.

O que vigora no momento é o erótico e andrógino. As mulheres usam bustos achatados, enquanto a cintura desce para o meio dos quadris. Curvas são repudiadas e os cabelos tornam-se curtos. A dança influencia a moda. Surgem novos modismos, para adaptar-se ao *Charleston*<sup>9</sup>, ao

---

<sup>8</sup> Estilo ornamental utilizado em arquitetura, decoração, joalheria, ilustração etc., que se caracteriza pelo uso de linhas longas, ondulantes e assimétricas, muitas vezes apresentando elementos que lembram formas da natureza.

<sup>9</sup> Uma dança variante de foxtrote sincopado, em compasso quaternário, muito em voga na década de 1920, cujo passo característico consiste em balançar os joelhos para dentro e para fora e afastar as pernas, com um giro rápido e brusco dos calcanhares.



*foxtrot*<sup>10</sup> e ao *jazz*<sup>11</sup>. Era preciso facilitar os passos, as pernas pela primeira vez, desde a pré-história ficam à mostra com saias de comprimento abaixo dos joelhos (BRAGA, 2004).

A silhueta em formato curto e tubular, era reflexo da *Art Déco*<sup>12</sup>. Formas geométricas opostas a *Art Nouveau*, inspiram o vestuário e suas joias do período.

Os tecidos passam a ser mais pesados, feitos para durar mais, e os esportes influenciam a roupa comum. Outra novidade são as semi-jóias. Isso foi uma forma de se repensar o luxo exacerbado do período da *Belle Époque*. Coco Chanel incorpora a moda do “bronzado”, e a ordem agora é deixar a pele à mostra. As primeiras roupas de banho sem costas surgem. Na moda masculina, os *smokings* e os sapatos bicolores são as peças marcantes do período. No final da década de 20, o cinema passa a influenciar intimamente a moda e há um retorno do *glamour*<sup>13</sup>, que sai das telas para a vida do cidadão (BRAGA, 2004).

A década de 30 dá início a uma grave crise econômica, causada pela quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, em 1929. Mesmo que o mundo estivesse passando por um período de depressão econômica, a moda vive momentos luxuosos durante a Depressão.

Luxo e feminilidade são moda novamente, com saias compridas, ombros largos e quadris estreitos. E, se anteriormente, a ênfase a sedução do traje feminino eram as pernas, agora é a vez das costas bronzeadas ficarem a mostra (BRAGA, 2004).

Por um lado, o *glamour*, por outro Marlene Dietrich, responsável pela difusão da calça comprida. A roupa masculina transformada em moda e as mulheres passam a usar o traje nas ruas.

A segunda metade da década foi marcada pelos cortes masculinizados, influenciada por uniformes de soldados. Era o clima de guerra fazendo parte do cotidiano.

O desfecho dos anos 30 não foi nada glamoroso, com o início da Segunda Grande Guerra, em 1939. O conflito demonstrou o quanto a moda reflete a situação econômica e política de cada momento histórico.

Guerra e recessão, matérias para a confecção de roupas simples e racionados, exigindo regras para gastos com tecidos e também com a limitação de metragem da compra. A alta-costura fica em baixa, já que Paris estava ocupada pelos nazistas. As bolsas a tiracolo também acabam por

---

<sup>10</sup> É uma dança de salão caracterizada por movimentos longos e contínuos, cuja direção segue o sentido anti-horário, em andamento suave e progressivo.

<sup>11</sup> Música moderna de origem negro-americana, muito difundida após a guerra de 1914-1918, caracterizada pelo improviso e pelas sonoridades e ritmos sincopados, basicamente extraídos do *ragtime* e do *blues*.

<sup>12</sup> Estilo decorativo de artes aplicadas, desenho industrial e arquitetura caracterizado pelo uso de materiais novos e por uma acentuada geometria de formas aerodinâmicas, retilíneas, simétricas e ziguezagueantes.

<sup>13</sup> Glamour, definido aqui como: atração, charme pessoal; encanto, magnetismo.

fazer parte da composição dos trajés femininos por permitirem as mulheres andarem de bicicleta em uma época de dificuldades nos transportes.

Os sapatos, por sua vez, eram pesados e de aspecto masculinizado, e Carmem Miranda ajudou a difundir o salto plataforma. Começa-se a produção de *nylon*<sup>14</sup> destinado à fabricação de pará-quedas, as meias finas ficaram escassas no período. A solução era pintar as pernas com pastas e desenhar com lápis a “costura” traseira das meias (BRAGA, 2004).

As mulheres retornam ao trabalho e, isso exige, por motivo de segurança nas indústrias, o uso de adornos na cabeça para prender os cabelos. Havia outro motivo também, esconder os cabelos era necessário, visto que muitos cabelereiros estavam nos campos de batalha e não eram vendidos bons cosméticos.

Em 1945, a guerra chega ao fim e Paris suspirava voltar a ser o grande centro da moda. É criada a exposição *Le Théâtre de la mode*<sup>15</sup>, que viajou o mundo popularizando grandes nomes da costura. Os norte americanos não ficam atrás e acabam por estabelecer no país, o *ready to wear*<sup>16</sup>, uma nova forma de produção de roupas em escala industrial e que, na França, se chamaria *prêt-à-porter*<sup>17</sup> (BRAGA, 2004).

---

<sup>14</sup> Nylon (ou náilon em português) é uma fibra sintética obtida através de combinações químicas. Wallace Hume Carothers foi o criador desse material que pertence ao mesmo grupo das poliamidas. Um tecido feito com nylon significa que é um tecido elástico, leve e resistente. É muito utilizado na fabricação de roupas esportivas, roupas íntimas, maiôs, biquínis, meia-calça, etc. As linhas de pesca também são produzidas com nylon.

<sup>15</sup> Em 1939, haviam setenta casas de alta costura registradas em Paris. O crescimento dessa indústria foi interrompido pela ocupação alemã durante a 2ª Guerra. Hitler queria tirar a alta costura de Paris e mudá-la para Berlim, mas Lucien Lelong, presidente da *Chambre Syndicale de la Couture Parisien*, se opôs dizendo: “É Paris ou nada”. Isso fez com que diversos estilistas fechassem suas casas durante a guerra ou se exilassem.

Após o fim da Guerra, em 1945, os dias eram difíceis, cinco milhões pessoas estavam na miséria, racionamentos e sacrifícios eram exigidos dos cidadãos franceses, porém, existia uma “esperança de recuperar o paraíso perdido”. Robert Ricci, filho da estilista Nina Ricci, o Governo e a Câmara Sindical da Costura Parisiense promovem um grande evento. A renda dos ingressos iria ajudar os necessitados e faria com que as profissões envolvidas com a moda demonstrassem que ainda estavam ativas. Então, entre 1945 e 1946, a exposição organizada no Museu do Louvre foi chamada de “*Le Théâtre de La Mode*” (*O Teatro da Moda*); teve grande repercussão e apontou o destino da costura parisiense após a Segunda Guerra Mundial. A exposição tinha o apoio dos principais estilistas franceses, como Balenciaga, Balmain, Dior, Givenchy, Jacques Fath e demonstrou o quanto eles e o governo estavam decididos a reestabelecer a indústria da alta costura no pós guerra. EUA e Inglaterra já haviam começado a criar suas próprias indústrias de moda cada vez mais independentes de Paris.

No “*Le Théâtre de la Mode*”, bonecas de 70cm de altura estavam vestidas com as mais recentes criações dos grandes nomes do luxo parisiense que trabalharam com um mínimo de tecido. Cada *look* tinha roupas de baixo e acessórios diversos. Quanto aos acabamentos, eram idênticos aos das encomendas das mais exigentes clientelas. Cada microscópico botão abotoava, minúsculos sapatos de couro levam a grife dos grandes *bottiers*, jóias acompanham os penteados. Os artesãos e estilistas receberam total liberdade para criar os cenários e as roupas como quisessem. Os treze cenários variavam de: casa de ópera, baile, cenas de manhã, tarde ou noite; cada um deles funcionando como um espetáculo autônomo. A variedade de roupas podia ser mostrada no ambiente correspondente.

<sup>16</sup> Traduzindo a expressão “ready-to-wear” temos “pronto-para-vestir”. No Brasil usa-se “prêt-à-porter”. Trata-se de uma técnica de costura que permitia estilistas fazerem roupas em série.

<sup>17</sup> Prêt-à-porter (pronto para vestir) roupa feita industrialmente em série, de boa qualidade, e geralmente assinada por um estilista da moda.

Em 1946 é criado o *bikini*, roupa de banho de duas peças e, no ano seguinte busca-se novamente retomar e relembrar a época segura e luxuosa. O estilista francês Christian Dior lança a base para a moda da década seguinte: roupas que resgatam a feminilidade perdida durante a guerra, o chamado *new look*<sup>18</sup>. Quem acaba por lucrar com a tendência é a indústria têxtil, já que os trajes exigiam muitos tecidos em sua composição.

Em 1947, como era de se esperar (...) as mulheres substituem a rigidez do corte masculino de suas roupas pela valorização das curvas femininas e por saias dançantes, tendência que encontra apoio e incentivo no *new look*, iniciado nos anos 40. A roupa masculina, também impregnada de nostalgia, volta a exibir um visual “eduardiano”: paletós mais compridos e ajustados, abotoados até o pescoço, calças apertadas e chapéu-coco, com as abas viradas (EMBACHER, p. 50, 1999).

A feminilidade começa novamente a tomar corpo no cotidiano da mulher. Nos anos 50 uma nova estrutura organiza os lares no pós-guerra, com mais e filhos trabalhando. A beleza está em voga visto o fim da escassez de cosméticos. A maquiagem passa a ser forte e o luxo predomina no uso de peles *cashemir e*<sup>19</sup> e joias (BRAGA, 2004).

A alta-costura volta a receber sua clientela em Paris. Dior, subsidiado por empresários, avança com o *new look*, com cintura marcada nas saias rodadas, sapatos forrados do mesmo tecido do vestido e das luvas (BRAGA, 2004).

Jovens assumem novos comportamentos e impeçam a criação da sua própria moda, fazendo a linha *college*<sup>20</sup>, com sapatos baixos, meias soquetes e rabo de cavalo. Os meninos rebeldes

---

<sup>18</sup> Em 1947, o estilista Christian Dior cria uma das estéticas mais importantes da evolução da indumentária no século XX. Sua trajetória profissional, de apenas 10 anos, deixou um império poderoso até hoje. Dior não gostava de sua época, era nostálgico dos anos de 1860 e da Belle Époque. A estética que ele criou exigia o retorno feminino aos valores tradicionais. A mulher idealizada por Dior é propositalmente excluída das realidades práticas. Elitista, sua moda não é destinada às massas, e ainda assim conquistou donas de casa do mundo inteiro ávidas por seus modelos.

Inspirado na estética de 1860, a primeira coleção de Dior tinha peças com cintura marcada, busto natural e saias rodadas longas. A editora de moda americana, Carmel Snow, ao ver a coleção, exclama a frase que dará nome ao estilo: "*This is a new look!*". No icônico "*Bar Suit*", os seios eram naturais, ombros arredondados, a jaqueta justa acentuava a cintura de 45,5cm afinada com corset, a longa saia plissada em crepe de lã, acompanhava chapéu e saltos. Só no casaco foram usados 3,70 metros de seda shantung e na saia, 7,50 metros de tecido.

O *New Look* foi um sucesso, porém, como suas peças podiam usar de 10 a 25 metros de tecido numa época de recessão e racionamento pós guerra, diversos governos desaprovaram e desencorajavam o povo a usar roupas que desperdiçavam tecido. Mesmo assim, o *New Look* dominou o mundo por 10 anos, se tornando a característica padrão da moda dos vindouros anos 50. Dior queria que as mulheres voltassem pra casa, que abandonassem o trabalho remunerado que tinham realizado durante a guerra. Sua moda exigia isso, já que as roupas de baixo eram firmes com uso de corsets, cintas, barbatanas, tule, anáguas e crinolinas. Havia estofamento extra sobre os quadris e busto para dar uma figura feminina suave e curvilínea, sapatos altos e pouco práticos e chapéus.

<sup>19</sup> Cashemire lã muito fina e macia feita do pelo de um tipo de cabra de Caxemira (Índia e Paquistão).

<sup>20</sup> Linha *College* uma das características dos jovens norte-americanos que começaram a buscar uma identidade própria para sua moda, associando-a a determinados comportamentos. Cardigãs de malha, saias rodadas, sapatos baixos, meias soquetes e rabo-de-cavalo faziam a linha *college*. As calças compridas cigarretes, justas e curtas à altura das canelas, usadas com sapatilhas foram muito populares entre as jovens. Para os mais ousados, ou melhor, para os rebeldes, a calça

usam-se do jeans com a barra virada, camisa de malha, cabelos com brilhantina, topetes e costeletas, inspirados pelos mitos James Dean, Marlon Brando e Elvis Presley.

Os vestidos na linha H (tubinho), na linha Y (ombros mais largos) e na linha A (trapézio) adentram a década de 60. O maior diferencial da moda produzida nesse momento, pela primeira vez na história, é que ela está voltada, concentra-se na juventude (BRAGA, 2004).

O clima de incerteza cria um sentimento de rebeldia nos jovens de uma geração marcada pela Guerra do Vietnã, e o corpo passa a ser o veículo de comunicação dessa rebeldia desnuda e erótica. O slogan feminista “queime o sutiã” não faz muito efeito, já que a *lingerie* é adaptada para aparecer sob a transparência da roupa de cima. O uso de minissaias *saint-tropez*<sup>21</sup> faz a calcinha tornar-se uma tanga. O período emerge a arte *pop*, filmes e peças revolucionárias, repletas de crítica social, o *rock-and-roll* e os novos estilos literários fazem surgir a tendência futurista e a linguagem oriental (BRAGA, 2004).

Os anos 70 continuam com tendências da década anterior. Há uma democratização no que diz respeito as opções de estilo. A incerteza está envolta no período e a nova fase da moda é romântica, com estampas florais, anáguas rendadas e chapéus de palha adornados com flores do campo. Os Híppies são a nova sensação. Caracterizados por jeans customizados, calças bocas-de-sino, camisas com estampas indianas, saias compridas e flores espalhadas pelos cabelos.

Ocorre o retorno do tamanco plataforma, a preocupação com a saúde e ser vegetariano vira moda. Assim como os jeans ficam mais apertados para mostrar corpos em excelente forma (BRAGA, 2004).

Os negros passam a demonstrar valor e orgulho através do penteado *black-power*, assim como os *punks* surgem como um fenômeno da década e introduzem-se nos anos 80 identificados com roupas escuras, correntes e cabelos eriçados e descoloridos.

Na metade da década de 80 surge o movimento *glam*<sup>22</sup> (ou *gliiter*) apresentando uma moda glamorosa – roupas brilhantes e de cores vivas. O conceito de *grife* (garra), lançado por

---

jeans com a barra virada e a camiseta de malha compunham o visual. Essa rebeldia veio por influência do cinema e da música.

<sup>21</sup> VER COM A FRANTIESKA.

<sup>22</sup> Glam, por vezes referido como sinônimo de pop metal ou metal farofaé um sub-gênero do hard rock e do heavy metal. Combina elementos desses gêneros com o punk rock e a música pop. Foi bastante popular em toda a década de 1980 e início da década de 1990. As bandas de glam metal adotaram uma aparência, assim como na cultura punk, exageradamente extravagante. Os integrantes cultivavam uma aparência andrógina não só com cabelos longos, mas também um guarda-roupa em que as cores e o brilho ressaltavam. O uso de maquiagem também era bastante comum. Vale ressaltar que o contexto de extravagância não se limitava só à aparência, as performances em palco também eram bastante diferenciadas.

Worth ao criar a alta-costura, ressurgiu agora no fim dos anos 70, destacando nomes de grandes criadores de roupas (BRAGA, 2004).

Os anos 80 apresentam uma moda democrática. Os paradoxos marcam a década e todos os gostos e formas tem espaço. Peças justas ou amplas, cores sóbrias e vivas, formas simples ou extravagantes, tudo é válido.

Existe uma forte competição entre os sexos, nesse período, e a mulher aderi alguns elementos do traje masculino, como as ombreiras. O vestuário dos homens, é menos formal desde a década de 50. Agora exhibe calças de veludo cotelê ou *denim*<sup>23</sup>, camisas lisas ou com uma variedade enorme de listras e estampas florais (BRAGA, 2004).

Criadores japoneses introduzem a filosofia zen aos Parisienses, em uma limpeza visual intitulado “minimalismo”. Uma proposta contrária à do Japão, são os criadores franceses que exibem cores fortes, estampas e muitos detalhes. Paralelo a tudo isso, há uma corrente de pessoas preocupadas com a saúde e a boa forma, se utilizando de tecidos tão justos ao corpo que foram denominados de “segunda pele” (BRAGA, 2004).

Ao se criar a microfibrã, a indústria têxtil evolui. Constroem-se tecidos leves e resistentes de rápida secagem e que não amarrotam. A informatização chega a moda, o que leva a uma produção mais dinâmica e acelerada.

O conceito de “tribos da moda” caracteriza o período. Cada tribo sendo fiel ao seu estilo. Os *punks* continuam fortes, enquanto os *yuppies*<sup>24</sup>, jovens profissionais urbanos do mercado financeiro, adquirem um estilo característico. O que vale ressaltar é que para eles, a indumentária está ligada a sua boa condição econômica (BRAGA, 2004).

As mulheres ganham cada vez mais espaço no mercado de trabalho e as tribos urbanas continuaram existindo na década de 90. Uma das que ganhou força foi a moda *grunge*. Uma tribo influenciada pelas bandas de Seattle (EUA), que se utilizava da chamada “anti-moda”, mas acabou

---

Dentre as bandas de glam metal que mais tiveram destaque nas décadas 1980 e 1990 estão Bon Jovi, Stryper, Europe, Poison, Twisted Sister, Guardian, Cinderella, Warrant, Skid Row, Holy Soldier, Van Halen e Mötley Crüe, sendo que algumas delas, como a banda Bon Jovi, tiveram que se reinventar nas décadas seguintes, tendo administrado carreiras bem-sucedidas.

<sup>23</sup> Denim é um tipo de tecido de algodão em que somente os fios do urdume são tingidos com corante anil, normalmente com ligamento sarja. É a matéria-prima para a fabricação de artigos ganga ou jeans.

<sup>24</sup> Yuppie é uma derivação da sigla "YUP", expressão inglesa que significa "Young Urban Professional", ou seja, Jovem Profissional Urbano.

por criar sua própria moda: peças sobrepostas, *oversized*<sup>25</sup> (manequim maior do que o real tamanho do usuário) e camisas de flanela xadrez (PRADO e BRAGA, 2011).

Com o mundo se globalizando, é impossível que as tendências também não se misturem. Diferentemente dos anos 80, quando as tribos eram fechadas e não deixavam-se influenciar, os jovens do final do século XX, não foram fiéis a um determinado estilo e acabaram por misturar diversas referências, formando dessa maneira uma nova proposta (PRADO e BRAGA, 2011).

A releitura de outras épocas, outros momentos, faz sucesso, em especial dos anos 60 e 70. Ao passo, que surgem tendências extremamente vanguardistas, enraizadas na sensação de insegurança do final de século. A liberdade de vestir talvez trouxesse uma das principais características da década, também denominada pelo *streetwear*<sup>26</sup> e pelo *sportwear*<sup>27</sup> (PRADO e BRAGA, 2011).

O reconhecimento do segmento moda, não está restrito aos seus criadores. Fotógrafos, *stylists*<sup>28</sup> produtores, modelos e diversos profissionais trabalham e comercializam muito mais que roupas e acessórios: ideais são vendidos, imagens são construídas, produtos tornam-se partes chave do cotidiano vestir.

A alta costura buscou se atualizar diante da contratação de novos estilistas, dando prestígio a um novo visual as suas marcas já estabelecidas. Algumas manequins passaram a ter *status* de estrela de cinema. São as esquiladas top-models, símbolos de beleza da virada do século (PRADO e BRAGA, 2011).

Confrontos entre sexos são diminuídos, e os homens mudam seu comportamento, assumindo a vaidade sem recear com os rótulos. A indústria têxtil passa por uma grande transformação, com o surgimento dos tecidos tecnológicos (PRADO e BRAGA, 2011).

O Brasil passa por mudanças em seu período histórico, e a moda nacional é reconhecida mundialmente. Estilistas e modelos fazem sucesso no exterior, e o São Paulo *Fashion Week* torna-se parte do calendário internacional de lançamentos de tendências. A moda no país torna-se, a partir desse momento, uma das formas de expressão e cultura do povo brasileiro no cenário e mercado internacional (PRADO e BRAGA, 2011).

---

<sup>25</sup> Oversized – grande demais é, o que podemos entender e traduzir da palavra.

<sup>26</sup> Do inglês street (rua) wear (usar). Termo usado para determinar o estilo jovem do final do século XX, com conceitos irreverentes e inovadores.

<sup>27</sup> Sinônimo de roupas descontraídas e para o dia a dia, a palavra também representa o conjunto de várias categorias de roupas esportivas.

<sup>28</sup> Uma pessoa cujo trabalho é providenciar e coordenar roupas de forma elegante e atraente em fotografias, desfiles, filmes, etc.

Nesse início de século XXI, percebe-se que a moda progride no quesito democrático e com diversas tendências paralelas. Porém, há de se ressaltar que nesse momento um diferencial se alça em relação as décadas passadas. A globalização modifica drasticamente os espaços perfazendo os localismos (PRADO e BRAGA, 2011).

Percebe-se que a indumentária, por vezes, foi reduzida a ideia simplória de vestuário, no entanto, sua linguagem, sua conduta foi constituída de história e momentos. Cada adereço, cada detalhe, objeto, adorno, tem sua própria significância e esses itens, quando somados ao *look*, resultam em sujeitos diferentes uns dos outros.

Vemos nitidamente através da história da indumentária que a aparência de uma pessoa expressa à outra, com a qual deseja se comunicar, informações sobre sua identidade. Porém a imagem pode funcionar como um espectro e demonstrar algo que a pessoa não é, contudo deseja ser aceito em determinado grupo de referência.

Mas, teriam os uniformes escolares essa mesma função? Qual o papel dos uniformes escolares nos processos de representação identitária dos alunos? Essas perguntas serão melhor analisadas em nosso terceiro capítulo. No próximo subtítulo discorreremos sobre o colégio Tiradentes local do nosso estudo.

## 2.1 O Colégio Tiradentes

Segundo o site da Brigada militar ([brigadamilitar.rs.gov.br](http://brigadamilitar.rs.gov.br)), o Colégio Tiradentes foi projetado pelo Coronel Oswaldo de Oliveira, Comandante da Academia de Polícia Militar na época (1980). Sua produção deu-se por Decreto 29. 502, publicado no DOE de 25.01.80, e a Portaria 10.117 de 13.02.80, autorizando o funcionamento da Escola Estadual de Segundo Grau da Brigada Militar, em Porto Alegre.

O objetivo inicial da Escola era de dispor aos adolescentes uma formação para o Oficialato da Brigada militar, sendo estruturado nos moldes do Curso de Formação de Oficiais – CFO, abrigando apenas alunos do sexo masculino.

O colégio foi comandado preliminarmente pelo Capitão Antônio César da Cunha Chaves. E em sua administração, como prevalece até hoje, a Escola contava com a cooperação de funcionários civis e servidores militares provenientes das Secretarias da Segurança e da Educação.

A partir de 1997, atendendo às alterações da legislação de ensino, a Escola passa a oferecer o Ensino de Segundo Grau, contemplando os dispositivos da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (Lei Federal nº 9.394/96).

Nos dias que correm, o Colégio é conduzido pela Lei de Ensino da Brigada Militar, Lei Estadual nº 12.349/05, possuindo convênio com a Secretaria de Educação, no que concerne à cedência de professores civis, agentes educacionais, merendeiras e outros.

Com o passar dos anos, foram instalados outros Colégios Tiradentes, buscando no Interior do Estado do Rio Grande do Sul aumentar suas instalações. Em 2009 por meio da Portaria do Poder Executivo Estadual, foram criados os Colégios em Passo Fundo, Santa Maria, Ijuí, Santo Ângelo, São Gabriel e Pelotas.

Difundida a Lei de Ensino da Brigada Militar (Lei nº 12.349/2005) e disposto em seu Regimento Interno, aprovado pela Secretaria de Educação, o Colégio Tiradentes, destina apenas 30% de suas vagas, a filhos e/ou dependentes de policiais militares da Brigada Militar. Além disso, a forma de ingresso na Instituição se dá através de processo seletivo, para o preenchimento do restante das vagas, conforme o comando estabelecer, dispondo e enquadrando o número de alunos, conforme a logística de cada Colégio.

O Colégio Tiradentes Brigada Militar (CTBM) busca assegurar aos seus alunos condições para o desenvolvimento de suas habilidades, capacidades e potencialidades, facultando sublimar as relações interpessoais, ajustando os mesmos para que a compreensão da sua realidade seja objetivada através de ações participativas auxiliando na construção de uma escola que salienta uma educação moral e intelectual, nos termos requeridos na Lei de Diretrizes e Bases do Ensino (nº 9394/96).

Sua filosofia fortalece-se nos valores humanos e princípios de cidadania, habilitando o aluno em suas escolhas profissionais.

#### Segundo sua filosofia:

O Colégio Tiradentes propicia o fortalecimento de valores humanos e princípios de cidadania, qualificando o aluno para sua escolha profissional. E, como Joaquim José da Silva Xavier, O Tiradentes: cidadão pleno e alferes, Mártir da Independência, oferece referências do cotidiano da vida militar como forma de estimular o amor à Pátria e o respeito cívico, preparando para a vida em sociedade. A seleção pelo mérito, o aperfeiçoamento constante dos padrões éticos, morais e culturais, a integração permanente do indivíduo com a sociedade, a preservação das tradições e a internalização dos valores e dos princípios da Brigada Militar, fazem do CTBM uma instituição de ensino médio regular com características peculiares (Manual do Aluno Tiradentes, 2012).



Observa-se que a instituição preza por valores que dizem respeito a Brigada Militar e sua integração com a sociedade, incorporando certas atitudes, práticas, atitudes e personalidade ou valores de outra(s) pessoa (s) ou da sociedade, que o indivíduo passa a considerar como seus.

O Colégio Tiradentes tem por objetivo propiciar, através da interdisciplinaridade, transdisciplinariedade e contextualização do conhecimento, a formação de um cidadão ético, moral e consciente do seu fazer diário na sociedade, capaz de transformar e autenticar uma leitura crítica do cenário em que está imerso, dando diretrizes que possibilitem o seu desenvolvimento e o prosseguimento de uma sociedade solidária.

Em especial aos dependentes de Policiais Militares, é permitido, melhores condições para pleitear vagas em escolas militares, estabelecimentos públicos de ensino superior, entre outros, através de um ensino público de qualidade. Potencializando a interação aluno-professor com a comunidade almejando uma construção coletiva de conhecimentos integrais voltados ao exercício de cidadania.

A visão do Colégio é incentivar o exercício de liderança, desinibição, desenvoltura em público e execuções de tarefas da rotina militar que consideram a interatividade do aluno, primando por excelência intelectual em sua formação e construção do conhecimento, desenvolvendo seu pensamento crítico e reflexivo de suas competências.

Para o Colégio é necessário que o aluno compreenda como enfrentar e ultrapassar as adversidades do meio que o mesmo está inserido, disponibilizando condições de comunicação com eficiência em seu ambiente escolar e no meio que o circunda. Disciplina e liderança são partes fundamentais nos Colégios Tiradentes.

A visão do Colégio, como uma instituição pública de qualidade, serve como referencial à educação de ensino médio instigando o desenvolvimento pessoal e intelectual de cada aluno. Sua missão é promover uma formação integral de jovens, por meio de disciplina, hierarquia e ensino qualificado, percorrendo o contexto atual.

Os princípios do Colégio são:

- 1. Disciplina:** é a observância e o acatamento das normas e disposições que fundamentam o CTBM e coordenam o seu funcionamento regular e harmônico, traduzindo-se pela garantia dos direitos e pelo cumprimento dos deveres por parte do corpo discente.
- 2. Hierarquia:** é a ordenação da autoridade em níveis diferentes, dentro da estrutura do CTBM, constituída pela antiguidade legalmente estabelecida.
- 3. Ética:** é um conjunto de valores morais históricos e de princípios que norteiam a conduta humana na sociedade, visando ao equilíbrio e ao bom funcionamento social.

**4. Moral:** é o conjunto de regras adquiridas através da cultura, da educação, da tradição e do cotidiano, e que orientam o comportamento humano dentro de uma sociedade.

**5. Responsabilidade:** É a obrigação a responder pelas próprias ações, e pressupõe que tais atos se apoiam em razões ou motivos.

**6. Cidadania:** é o conjunto de direitos e de deveres pelo qual o cidadão/indivíduo está sujeito no seu relacionamento com a sociedade em que vive (Manual do aluno, 2012).

Ou seja, ao ingressar no Colégio Tiradentes da Brigada Militar, o aluno, perante seu estandarte e a comunidade escolar, assume o compromisso de respeitar os preceitos de moral e ética com estudo, disciplina e afeição pela instituição, transformando suas ações futuras plenas na qualidade cidadã.

O Colégio Tiradentes Brigada Militar, na Cidade de Pelotas está situado na Av. Duque de Caxias 456 – Fragata e começa seu funcionamento, após trâmites legais instaurados desde setembro de 2008, em 22 de dezembro de 2010, quando foi devidamente autorizado o funcionamento do liceu, conforme Parecer nº 806/2010 – Processo SE nº 73.771/19.00/10.1, credenciando e autorizando o Colégio para a oferta de ensino médio na cidade de Pelotas.

Em 27 de dezembro de 2010, é aberto o Processo Seletivo de Admissão e Classificação para ingresso no Colégio para o ano letivo de 2011, onde foram ofertadas sessenta vagas, das quais quarenta vagas destinadas à comunidade em geral e vinte vagas destinadas aos filhos ou dependentes de policiais militares com a guarda ou tutela judicialmente constituída.

No dia 14 de fevereiro de 2011 os candidatos realizaram a última etapa do certame e, finalmente no dia 21 de fevereiro de 2011, os sessenta alunos aprovados no processo seletivo ingressaram o treinamento e conhecimento das atividades de rotina diária, monitorados por seis alunos do CTBM de Porto Alegre e, supervisionados pelo Comando da Unidade e seu corpo técnico.

A instituição tem uma estrutura organizacional particular, disposta da seguinte forma:

### **I - Alto Comando ou Alta Direção**

Comando Geral da Brigada Militar.

Direção do Departamento de Ensino da Brigada Militar.

### **II – Comando ou Direção Mediata**

Comando (Direção) do Centro de Ensino Médio da Brigada Militar.

Subcomando (Subdireção) do Centro de Ensino Médio da Brigada Militar.

**III - Comando ou Direção Imediata**

Comando da Unidade de Ensino

Comando do Corpo de Alunos da Unidade de Ensino

**IV - Coordenadores de Turma**

Coordenação Pedagógica

Supervisão Escolar

Orientação Educacional

Assessoria Biopsicosocial

**V – Seção de Ensino**

Adjunto de Ensino

Secretária de Ensino

Auxiliares de Ensino

**VI - Quadro Docente**

Professores do Quadro de Magistério Público do Estado do Rio Grande do Sul;

Contratados particularmente pelo Círculo de Pais e Mestres;

Contratados através da Fundação da Brigada Militar;

Cedidos de outros Órgãos;

Docentes habilitados e cadastrados no Quadro de Docentes da Brigada Militar.

**VII - Seção Administrativa**

Almoxarifado

Biblioteca

Seção de Meio Auxiliares (SMAE)

Laboratórios

**VIII - Conselho Pedagógico**

Comandante do Centro de Ensino

Subcomandante do Centro de Ensino

Comandante do Corpo de Alunos

Coordenador de Turma  
Coordenador Pedagógico  
Chefe da Seção de Ensino  
Orientador Educacional  
Psicóloga  
Secretária  
Professor Regente de Turma

### **IX – Seção Administrativa**

Chefe da Seção Administrativa  
Auxiliar da Seção Administrativa

### **X – Órgãos Consultivos**

Associação de Pais e Mestres  
Associação Tiradentes  
Conselho Escolar  
Grêmio Estudantil  
Conselho de Classe

Todos os órgãos acima dispostos encontram-se em pleno funcionamento. Atualmente o Colégio dispõe de um quadro de quinze (15) docentes e cento e setenta e quatro (174) alunos, distribuídos nos três anos do ensino médio (1º Ano - 65; 2º Ano - 60; 3º Ano – 49).

Como os outros Colégios, a filosofia do CTBM de Pelotas está circundada em oferecer aos alunos do Colégio as necessárias condições para o desenvolvimento e construção de saberes; o desenvolvimento de competências e habilidades para o enfrentamento dos desafios que a vida lhes apresenta, nas respectivas fases de desenvolvimento humano. Primando sempre por uma educação que traga múltiplas possibilidades ao indivíduo num grupo social. Segundo o Colégio todas as referências oferecidas pela escola devem permitir o seu crescimento pleno, sua cidadania ampla e o desenvolvimento de competências e habilidades para o enfrentamento dos desafios que se lhes apresentam no presente e no futuro próximo.

O objetivo do colégio é desenvolver um projeto pedagógico que acolha aos interesses e necessidades da comunidade escolar. Vivificando o aperfeiçoamento da ação pedagógica participativa, prezando sempre a excelência na educação.

Para o Colégio é necessário formar alunos e equipes, compromissadas com a proposta filosófica do colégio, para que se trabalhe seus objetivos, de forma livre, autônoma e valorosa, no que diz respeito ao indivíduo, impar em sua personalidade.

Ao observar a rotina do Colégio, percebe-se que a instituição realiza atividades de ensino que buscam favorecer o desenvolvimento globalizado do aluno e, sua compreensão e apreensão das traduções de conhecimento, estabelecendo formas de comunicação através de uma metodologia baseada em cooperação e participação de todos vinculados a escola.

São dispostos aos alunos, conforme mencionado acima, conhecimentos básicos da vida e filosofia militar, para que os alunos integrem o processo pedagógico da sua formação geral como aluno, incentivando sempre a continuidade da carreira militar.

É visto que toda a instituição busca com que o aluno alargue sua capacidade, analítica, seus relacionamentos, comparações, classificações, a abstração e generalização de conhecimentos desenvolvendo temas que permitam ao aluno lograr valores formativos, instrumentais e científicos na estruturação de um indivíduo que venha a contribuir estruturalmente em seu pensamento e raciocínio dedutivo, a vida cotidiana de suas capacidades de esclarecimento diante dos problemas habituais de investigação, abstração e análise de uma maneira mais ampla.

Dentro do currículo escolar, observamos os seguintes destaques:

a) Primeira Série - Oferecer situações de ensino-aprendizagem que favoreçam o desenvolvimento de raciocínio e do pensamento reflexivo possibilitando a descoberta e a construção do conhecimento, estimulando a reflexão, o debate, a aquisição de habilidade mental e a formação de hábitos sadios que favoreçam a integração com grupo e ao contexto escola.

b) Segunda Série - Oportunizar condições de ensino que facilitem o acesso à informação, ao debate, a pesquisa, a vivência de valores, ao aperfeiçoamento das relações interpessoais, ao desenvolvimento da liderança bem como uma atitude reflexiva e valorativa da realidade.

c) Terceira Série - Desenvolver situações de aprendizagem que possibilitem, através da experimentação e resolução de problemas, a construção de saber personalizado perseguindo a autonomia, competência pessoal e o exercício da liderança.

Já no que diz respeito a avaliação da escola, a mesma busca considerar dois aspectos (Anexo “A” a Portaria Nº 535/EMBM/2012):

**Avaliação da aprendizagem**

A avaliação da aprendizagem é trimestral, realizada pelos professores através de instrumentos por eles elaborados, abrangendo testes, trabalhos, participação e prova. A escala de notas é de 0 (zero) a 10 (dez), sendo 7,0 (sete) a nota mínima para aprovação. Na composição da nota trimestral, os testes, trabalhos e a participação devem somar 4,0 (quatro) pontos e a prova trimestral 6,0 (seis) pontos.

**Estudos de recuperação**

A recuperação é realizada paralela ao período letivo, dela participando obrigatoriamente os alunos com baixo rendimento escolar - nota trimestral inferior a 7,0 (sete). A recuperação será somente da nota da prova (6,0).

Os Estudos de Recuperação serão realizados na semana posterior à Semana de Provas, com revisão da Prova Trimestral, atendimento as dificuldades dos alunos, usando monitoramento dos alunos aprovados.

Plantão de Dúvidas - Na quinta-feira que antecede a Semana de Provas, os professores estarão à disposição dos alunos para tirar dúvidas durante toda a tarde.

Após os Estudos de Recuperação os alunos farão a Prova de Recuperação.

Percebe-se que todo o regramento da escola, suas diretrizes, objetivos, visão, metodologia e, estrutura está intimamente relacionados a busca de uma excelência no que tange a educação de um sujeito de valor, regrado, disciplinado e transformador na sua ação cidadã.

No quesito Uniforme a escola se utiliza de três fardamentos, denominados, CT1; CT2 e CT3. Vejamos abaixo as suas particularidades

**Uniforme de GALA – CT1:**

I – Composição:

a) Do efetivo masculino:

1. boina na cor azul-marinho CTBM com insígnia do Brasão do CTBM;
2. túnica confeccionada em tecido branco, com extremidades das lapelas confeccionadas em azul-marinho CTBM, e afixado à seis centímetros da costura do ombro do braço esquerdo, o Brasão do CTBM e, a quinze centímetros a partir do início do punho do braço direito, o símbolo bordado da Brigada Militar (centauro);
3. camiseta branca com gola olímpica e brasão do CTBM afixado no peito do lado esquerdo (mangas curtas ou longas), contendo a dois centímetros abaixo desse Brasão, o nome de guerra do aluno, em letras maiúsculas (tamanho 24, fonte Arial), em cor azul-marinho CTBM, devendo ser usada sob a túnica branca;
4. barrotes dourados, referentes ao ano em que o aluno está matriculado, afixados na extremidade azul-marinho CTBM da lapela esquerda, e na lapela direita, afixada na extremidade azul-escuro CTBM, a Torre dourada símbolo das Escolas Militares;

5. calça azul-marinho CTBM, com listra vertical de 1,5 centímetro nas laterais em cetim azul-marinho CTBM, devendo ser usada com o cós posicionado a três centímetros abaixo do umbigo e com bainha na altura do salto do sapato;

6. cinto cinza CTBM com fivela, niquelada, contendo em sua face externa o “Castelo” em alto relevo;

7. meias pretas;

8. sapato preto, em couro, tipo social com cadarço, sem adereços;

9. luvas na cor branca CTBM.

b) Do efetivo feminino:

1. boina na cor azul-marinho CTBM com insígnia do Brasão do CTBM;

2. túnica confeccionada em tecido branco, com extremidades das lapelas confeccionadas em azul-marinho CTBM, e afixado, à seis centímetros da costura do ombro do braço esquerdo, o Brasão do CTBM e, quinze centímetros acima do punho do braço direito, o símbolo bordado da Brigada Militar (centauro);

3. camiseta branca com gola olímpica e brasão do CTBM afixado no peito do lado esquerdo (mangas curtas ou longas), contendo a dois centímetros abaixo desse Brasão o nome de guerra da aluna, em letras maiúsculas (tamanho 24, fonte Arial), em cor azul-marinho CTBM, devendo ser usada sob a túnica branca;

4. barrotes dourados, referentes ao ano em que o Aluno está matriculado, afixados na extremidade azul-escuro CTBM da lapela esquerda, e na lapela direita, afixada na extremidade azul-escuro CTBM, a Torre dourada símbolo das Escolas Militares;

5. saia-envelope confeccionada em tecido azul-marinho CTBM, devendo ser posicionada com o cós a três centímetros abaixo do umbigo, e com bainha a dois dedos abaixo dos joelhos;

6. cinto cinza CTBM com fivela, niquelada, contendo em sua face o “Castelo” em alto relevo;

7. meia-calça branca, lisa (fio 15 no verão e até fio 80 no inverno);

8. sapato tipo colegial, na cor preta, em couro, salto até 03 cm, sem detalhes e adereços;

9. luvas na cor branca.

c) Posse: obrigatório para todos os alunos regularmente matriculados no CTBM.

d) Uso: recepções de gala e/ou social, bem como seguindo orientações do Comando do Colégio, é usado em desfiles, solenidades, formaturas, representações, etc.

**Uniforme DIÁRIO – CT2:****I – Uniforme Diário Manga Longa – CT2 INVERNO:****a) Composição para o efetivo masculino:**

1. boina na cor azul-marinho CTBM com insígnia do Brasão do CTBM;
2. camisa azul-claro CTBM, lapelas azul-marinho CTBM, manga longa, com listra de dois centímetros na cor azul-marinho CTBM nas mangas, com brasão do CTBM posicionado no centro do bolso esquerdo;
3. camiseta branca com gola olímpica e brasão do CTBM afixado no peito do lado esquerdo (manga longa), contendo a dois centímetros abaixo desse Brasão o nome de guerra do aluno, em letras maiúsculas (tamanho 24, fonte Arial), em cor azul-marinho CTBM, devendo ser usada sob a camisa de manga longa;
4. na camisa azul-claro CTBM, barretes dourados, referentes ao ano em que o aluno está matriculado, afixados na extremidade azul-escuro CTBM da lapela esquerda, e na lapela direita, afixada na extremidade azul-escuro CTBM, o Castelo dourado símbolo das Escolas Militares;
5. japona confeccionada em nylon azul-marinho CTBM, com capuz, brasão do CTBM, afixado de forma centralizada no bolso esquerdo, e a 1,0 cm, acima desse bolso, afixado de forma centralizada, o nome de guerra do aluno em letras maiúsculas (tamanho 24, fonte Arial), da cor vermelho, podendo em dias frios ter o zíper fechado até o pescoço;
6. calça azul-claro, com listra vertical nas laterais de dois centímetros, em cetim azul-marinho CTBM, devendo ser usada com o cós posicionado a três centímetros abaixo do umbigo e com bainha na altura do salto do sapato;
7. cinto cinza CTBM com fivela, niquelada, contendo em sua face externa o “Castelo” em alto relevo;
8. meias pretas;
9. sapato preto, em couro, tipo social com cadarço;
10. suéter de lã, azul-marinho CTBM, liso e com gola “V”, com brasão CTBM e nome de guerra do aluno, em letras maiúsculas, na cor vermelha, ambos bordados no lado esquerdo do peito. O nome de guerra será bordado 02 centímetros abaixo do brasão do CTBM em letras tamanho 24, fonte Arial;
11. luvas de cor azul-marinho ou preto para baixas temperaturas;
12. cachecol de cor azul-marinho ou preto liso, para baixas temperaturas;



13. plaqueta de acrílico em azul com letras maiúsculas, em branco com o indicativo do nome de “guerra” do aluno, fixada sobre o bolso direito da camisa azul- claro CTBM.

b) Composição para o efetivo feminino:

1. boina na cor azul-marinho CTBM com insígnia do Brasão do CTBM;

2. camisa azul-claro, lapelas azul-marinho CTBM, manga longa, com listra de dois centímetros na cor azul-marinho CTBM nas mangas, com brasão do CTBM posicionado no centro do bolso esquerdo;

3. camiseta branca com gola olímpica e brasão do CTBM afixado no peito do lado esquerdo (manga longa), podendo conter a dois centímetros abaixo desse Brasão o nome de guerra da aluna, em letras maiúsculas (tamanho 24, fonte Arial), em cor azul-marinho CTBM, devendo ser usada sob a camisa de manga longa;

4. barrotes dourados, referentes ao ano em que a Aluna está matriculado, afixados na extremidade azul-escuro CTBM da lapela esquerda, e na lapela direita, afixada na extremidade azul-marinho CTBM, o Castelo dourado símbolo das Escolas Militares;

5. japona confeccionada em nylon azul-marinho CTBM, com capuz, brasão do CTBM, afixado de forma centralizada no bolso esquerdo, e a 1,0 cm, acima desse bolso, afixado de forma centralizada, o nome de guerra do aluno em letras maiúsculas (tamanho 24, fonte Arial), da cor vermelho CTBM, podendo em dias frios ter o zíper fechado até o pescoço;

6. saia-calça azul-claro CTBM, com listra vertical nas laterais, com dois centímetros em cetim azul-marinho CTBM, devendo ser usada com o cós posicionado a dois dedos abaixo do umbigo e com bainha posicionada a dois dedos abaixo dos joelhos;

7. cinto cinza CTBM com fivela, niquelada, contendo em sua face externa o “Castelo” em alto relevo;

8. legging ou meia-calça de cor preta, lisa (até 80 ou em lã, para baixas temperaturas);

9. bota em couro ou similar, exceto camurça, estilo montaria, na cor preta, lisa, em tom opaco, salto grosso até três centímetros, cano alto, logo abaixo dos joelhos, com zíper nas laterais, sem detalhes (fivelas, laços, botões ou outros adereços);

10. suéter de lã, azul-marinho CTBM, liso e com gola “V”, com brasão CTBM e nome de guerra da aluna em letras maiúsculas na cor vermelha, ambos bordados no lado esquerdo do peito. O nome de guerra será bordado 02 centímetros abaixo do brasão do CTBM em letras tamanho 24, fonte Arial;

11. luvas de cor azul-marinho CTBM ou preto CTBM para baixas temperaturas;

12. cachecol de cor azul-marinho CTBM ou preto CTBM, liso, para baixas temperaturas;

13. plaqueta de acrílico em azul com letras maiúsculas em branco com o indicativo do nome de “guerra” do aluno, fixada sobre o bolso direito da camisa azul- claro CTBM.

c) posse: obrigatória para todos os Alunos regularmente matriculados.

d) uso: para deslocamento em trânsito, representações e atividades internas do Colégio.

e) uso interno em dias de alta temperatura: mediante ordem expressa do Comando do Corpo de Alunos, os discentes poderão participar das atividades do CAL e de sala de aula sem a camisa azul-claro, desde que estejam com a camiseta branca regulamentar.

## **II – Uniforme DIÁRIO MANGA CURTA – CT2 VERÃO:**

a) Composição para o efetivo masculino:

1. boina na cor azul-marinho CTBM com insígnia do Brasão do CTBM;

2. Camisa azul-claro CTBM, lapelas azul-marinho CTBM, manga curta, com listra de dois centímetros de cor azul-marinho CTBM nas mangas, com brasão do CTBM posicionado no centro do bolso esquerdo;

3. camiseta branca com gola olímpica e brasão do CTBM afixado no peito do lado esquerdo (manga curta), contendo abaixo desse Brasão o nome de guerra do Aluno, em letras maiúsculas (tamanho 24, fonte Arial), em cor azul-marinho CTBM, devendo ser usada sob a camisa de manga curta;

4. barrotes dourados, referentes ao ano em que o Aluno está matriculado, afixados na extremidade azul-marinho CTBM da lapela esquerda, e na lapela direita, afixada na extremidade azul-marinho CTBM, Castelo dourado símbolo das Escolas Militares;

5. calça azul-claro CTBM, com listra vertical nas laterais, com dois centímetros, em cetim azul-marinho CTBM, devendo ser usada com o cós posicionado a três centímetros abaixo do umbigo e com bainha na altura do salto do sapato;

6. cinto cinza CTBM com fivela, niquelada, contendo em sua face externa o “Castelo” em alto relevo;

7. meias pretas;

8. sapato preto, em couro, tipo social com cadarço, sem adereços;

9. plaqueta de acrílico em azul com letras maiúsculas em branco com o indicativo do nome de “guerra” do aluno, fixada sobre o bolso direito da camisa azul- claro CTBM.

b) Composição para o efetivo feminino:

1. boina na cor azul-marinho CTBM com insígnia do Brasão do CTBM;

2. camisa azul-claro CTBM, lapelas azul-marinho CTBM, manga longa, com listra de dois centímetros na cor azul-marinho CTBM nas mangas, com brasão do CTBM posicionado no centro do bolso esquerdo;

3. camiseta branca com gola olímpica e brasão do CTBM afixado no peito do lado esquerdo (manga curta), contendo abaixo desse Brasão o nome de guerra do Aluno, em letras maiúsculas (tamanho 24, fonte Arial), em cor azul-marinho CTBM, devendo ser usada sob a camisa de manga curta;

4. barrotes dourados, referentes ao ano em que o Aluno está matriculado, afixados na extremidade azul-marinho CTBM da lapela esquerda, e na lapela direita, afixada na extremidade azul-escuro CTBM, o Castelo dourado símbolo das Escolas Militares;

5. saia-calça azul-claro CTBM, com listra vertical nas laterais, com dois centímetros em cetim azul-marinho CTBM, devendo ser usada com o cós posicionado a dois dedos abaixo do umbigo e com bainha posicionada a dois dedos abaixo dos joelhos;

6. cinto cinza CTBM com fivela, niquelada, contendo em sua face externa o “Castelo” em alto relevo;

7. meia-calça, lisa, de tonalidade natural (tipo cor da pele fio 15).

8. sapato tipo colegial, salto até três centímetros, sem detalhes ou adereços.

9. plaqueta de acrílico em azul com letras maiúsculas em branco com o indicativo do nome de “guerra” do aluno, fixada sobre o bolso direito da camisa azul-claro CTBM.

c) posse: obrigatória para todos os Alunos regularmente matriculados.

d) uso: para deslocamento em trânsito, representações e atividades internas do Colégio.

e) uso interno em dias de alta temperatura: mediante ordem expressa do Comandante do Corpo de Alunos, os discentes poderão participar das atividades do CAL e de sala de aula sem a camisa azul-claro, desde que estejam com a camiseta branca regulamentar.

### **Uniforme de EDUCAÇÃO FÍSICA – CT3:**

I – Composição:

a) efetivo masculino:

1. camiseta branca, manga curta ou manga longa, utilizadas em função da temperatura, gola olímpica com o brasão do CTBM fixado no peito do lado esquerdo, contendo abaixo desse

Brasão, a dois centímetros, o nome de guerra do aluno, em letras maiúsculas (tamanho 24, fonte Arial), em cor azul-marinho CTBM;

2. calção confeccionado na cor azul-marinho CTBM, com listra vermelha, de dois centímetros, nas laterais;

3. boné confeccionado em tecido tactel de cor azul-marinho com Brasão do CTBM afixado na parte frontal (para uso em dias de sol forte);

4. meias soquetes brancas;

5. tênis esportivo: deverá ser 90% da cor preta e os cadarços totalmente pretos;

6. abrigo esportivo nas cores azul-marinho, cinza e vermelho CTBM, no modelo indicado pelo Colégio, contendo de forma centralizada, no peito do lado esquerdo, em caixa retangular medindo 2,0cm x 12,0cm, com fundo da cor azul-marinho CTBM e bordas em vermelho CTBM, o nome de guerra do aluno em letras maiúsculas na cor vermelha CTBM, fonte Arial, tamanho 24, podendo, em dias frios, ser usado com zíper fechado até o pescoço;

b) Efetivo feminino:

1. camiseta branca, sem manga, manga curta ou manga longa, utilizadas em função da temperatura, gola olímpica com o brasão do CTBM fixado no peito do lado esquerdo, contendo a dois centímetros abaixo desse Brasão o nome de guerra da aluna em cor azul-marinho CTBM, na cor vermelha, fonte Arial, (tamanho 24) em caixa retangular medindo 2,0cm x 12,0cm;

2. bustiê azul-marinho;

3. bermuda justa, com comprimento até o joelho, confeccionada na cor preta ou azul-marinho CTBM, para ser usada sob calção;

4. calção confeccionado na cor azul-marinho CTBM, com listra vermelha de dois centímetros, nas laterais;

5. bermuda, confeccionada na cor azul-marinho CTBM, com listra vermelha de dois centímetros nas laterais;

6. boné confeccionado em tecido tactel de cor azul-marinho, com brasão do CTBM afixado na parte frontal (para uso em dias de sol forte);

7. meias soquetes brancas;

8. tênis esportivo: deverá ser 90% de cor preta e os cadarços totalmente pretos;

9. abrigo esportivo nas cores azul-marinho, cinza e vermelho CTBM, no modelo indicado pelo Colégio, contendo de forma centralizada, no peito do lado esquerdo, em caixa retangular medindo 2,0 com x 12,0 cm, com fundo da cor azul-marinho CTBM e bordas em vermelho CTBM,

o nome de guerra da aluna em letras maiúsculas na cor vermelha CTBM, fonte Arial, tamanho 24, podendo, em dias frios, ser usado com zíper fechado até o pescoço;

II – Posse: obrigatória para todos os Alunos regularmente matriculados.

III – Uso:

a) Instrução de treinamento físico, eventos esportivos, atividade extra-classe, deslocamento em trânsito, atividades internas do Colégio e/ou por determinação do Comando do CTBM.

b) O efetivo feminino, a critério do Comando da Escola, poderá utilizar, sem prejuízo das demais peças do uniforme, uma das seguintes composições:

1. camiseta branca sem manga, bustiê, calção e malha atlética;

2. camiseta branca manga curta ou manga longa e bermuda justa, com comprimento até o joelho.

c) Uso interno em dias de alta temperatura: mediante ordem do Comandante do Corpo de Alunos, os alunos poderão participar das atividades do CAL e da sala de aula sem a parte superior do abrigo, desde que estejam com a camiseta branca regulamentar.

Após tais dados informados percebe-se que o uniforme da escola Tiradentes assume um papel de representação identitária da instituição. A questão aqui que se pode retomar é se o uniforme da Escola Tiradentes teria para os alunos o mesmo papel simbólico de representação de suas identidades pessoais e como articulam as mesmas com a Instituição. Esse tema será melhor tratado no próximo capítulo.

### **3 A MODA COMO LINGUAGEM E OS UNIFORMES ESCOLARES COMO REPRESENTAÇÃO**

A moda mostra-se como linguagem, como fruto de uma convenção, onde todos se submetem a um objetivo comum – comunicar-se. Tais símbolos necessitam ser compartilhados, precisam de significação em comum a vários sujeitos.

Segundo Fernandes (2005, p. 8) moda é um bem simbólico, produto da lógica industrial inserido na lógica industrial cultural, através do consumo. Já Garcia e Miranda (2005, p. 29) entendem os produtos como símbolos que amoldam-se na construção de significados que causem reflexo nas pessoas. Se significados e objetivos são negociados e construídos nos consumidores é legítimo ditar padrões de comportamentos, pois esses significados de consumo são definidos por consensos sociais.

Os símbolos variam entre as culturas. Cores, materiais, formas são alguns dos principais aspectos comunicativos quando os objetos em análise constituem a indumentária.

O trabalho dos figurinistas é interessante para a análise aqui dissertada. Pois no ramo da moda são eles que expressam os códigos modais. Essa profissão, torna-se imprescindível no que diz respeito ao conhecimento da linguagem da moda, especialmente nos casos de montagem de obras de época. Os signos devem ser sentidos, compreendidos pelos expectadores. Para que ocorra a comunicação entre mensagem histórica e espetáculo é preciso que eles causem efeito ao atingir o público, ou então eles não compreenderão a mensagem. Seus sentimentos não serão alterados, e conclui-se que não houve comunicação. Os signos, a simbologia, acaba por reforçar as combinações e afinidades que formam a linguagem da moda transmitida.

Nesse mar de simbologia, cores, texturas e formas possuem uma carga considerável. As cores indicam o estado de espírito. Vestidos com decotes acentuados revelam o desejo de sedução. Formas exageradas, grandes ou pequenas demais, são utilizadas em comédias, tornando os personagens caricatos. Tecidos rústicos e rasgados passam a ideia de pobreza. Alguns estereótipos têm origem no cinema na década de 1920, sendo utilizados na identificação de personagens. Nos tempos atuais existem vários personagens de fácil identificação, apenas por seu figurino. Alguns deles são: Homem Aranha, Batman, Superman, Capitão América, Mulher Maravilha Chapeuzinho vermelho, Branca de Neve, a Valente, etc.

No mundo real, decotes profundos, saias curtas, a cor vermelha, os tecidos transparentes, remetem ideia de sensualidade. O preto pode indicar o luto, enquanto cores vivas trazem a sensação de alegria e vivacidade a quem as veste e a quem as visualiza. Marcas visíveis em acessórios ou roupas podem revelar, por vezes, o padrão de vida do usuário. As posses acabam por comunicar sobre seus possuidores, isto é, leva à tendência de observar as posses como símbolo do eu, existindo assim uma associação entre o eu e as posses, o eu e os símbolos, o eu e as representações, o eu e a estética imposta.

A fé também é um exemplo do simbolismo como fator orientador na escolha da indumentária. Sejam eles protestantes, conservadores, afrodescendentes, etc.

O universo da moda acaba por apresentar códigos e significações, que geralmente, são a primeira impressão a respeito do sujeito que a veste. Assim, como já questionamos no segundo capítulo, podemos retomar nossa problemática. Teriam os uniformes escolares o papel de representação identitária de forma simbólica e semelhante a moda? No próximo subtítulo buscamos responder a essa problemática.

### 3.1 Os Uniformes escolares no Colégio Tiradentes

Após extrair das entrevistas cinco (5) questões norteadoras, pode-se dissertar analiticamente os limites narrativos dos estudantes em relação aos uniformes escolares. Essas cinco questões compreendem pontos substanciais do desenvolvimento identitário dos alunos em relação ao vestir uniformizador.

Nessa perspectiva, produziu-se tabelas a fim de construir, a partir da narrativa dos estudantes, o processo de conceitualização de ideias, como será demonstrado a seguir:

Tabela 4: Questão 1

Questão 1 - Tu te identifica com o uniforme escolar? Você se sente representado pelo uniforme?	Conceitos subjetivos	Conceitos senso comum	Conceitos Aproximados	Conceitos Históricos
1. “Um pouco, por que meio que define que tu é aluno daqui é o uniforme, porque todo mundo te	O uniforme representa a escola.	Eu de uniforme sou a escola.	O uniforme é simbólico	O reconhecimento é simbólico

reconhece pelo uniforme, tipo, o uniforme tu enxerga de longe, “Ah, aquele lá é um aluno Tiradentes!” ”. Estudante Antlia.				
2. “Eu me sinto um pouquinho estranho, por que, tipo, a gente não... Quando a gente tá usando o uniforme na rua a gente não pode ficar fazendo muita coisa por que a gente tá ainda com a imagem do colégio, a gente não pode fazer as coisas erradas e tal. (...) Me sinto normal mesmo, mas eu tento o máximo pra não fazer nada de errado”. Estudante Aquila.	O uniforme representa a escola.	1. Eu de uniforme sou a escola.  2. Mudo o comportamento de uniforme	O uniforme é símbolo.	O reconhecimento é simbólico.
3. “An... Me sinto bem, por que é uma instituição que eu gosto de participar e andando na rua ou algo do tipo, eu uso o uniforme e eu me sinto bem usando ele. Representando aqui a escola”. Estudante: Apus.	O uniforme representa a escola.	1. Eu de uniforme sou a escola.  2. Me sinto bem representando a escola.	1. O uniforme é símbolo.  2. Representação.	1. O reconhecimento é simbólico.  2. Representação estética.
4. “Um pouco (...)Tem o uniforme que a gente fica mais bonita, tem uniforme que a gente não gosta muito, mas me identifico mais com o abrigo. É o que eu mais gosto”. Estudante: Aquarius.	1. O uniforme representa a escola.  2. Uniforme é beleza.	Me sinto bem representando a escola.	Representação.	Representação estética.
5. “Me sinto bem, me sinto diferente (...) É... principalmente quando a gente tá na rua é legal as pessoas ficam olhando, pode ser que elas achem estranho e feio, muitas acham né?! Mas, eu acho legal, eu sinto orgulho de usar o uniforme do Tiradentes”. Estudante: Ara.	O uniforme representa a escola.	1. Me sinto bem representando a escola.  2. Orgulho.	O uniforme é símbolo.	O reconhecimento é simbólico.
6. “[Aceno com a cabeça] – Não. Eu fui obrigado a entrar na escola, então... (...) meus pais fizeram eu entrar na escola. Ah, ele até tem um fundo didático de poder	O uniforme como representação didática dos alunos.	Representa a escola.	O uniforme é símbolo.	O reconhecimento é simbólico.



identificar os alunos, saber quem é e quem não é da escola e tanto que é uma escola humanitária e tem essa função do fardamento e tal, mas eu acho que não... Eu acho que fora desse meio militar totalmente desnecessário. (...)Não teria tanta utilidade assim, tanto que os uniforme são extremamente caros, tecido de péssima qualidade. Eu acho desnecessário”. Estudante: Aries.				
7. “Não. (...) Tipo, pela instituição, sim. Mas, por mim mesmo”. Estudante: Auriga.	O uniforme representa a escola.	Eu de uniforme sou a escola.	O uniforme é símbolo.	O reconhecimento é simbólico.
8. “Ah, de certa forma, sim. Me identifico. (...) mais uma com o uniforme... É... Não. Além...”. Estudante: Boötes.	O uniforme representa a escola.	Eu de uniforme sou a escola.	O uniforme é símbolo.	O reconhecimento é simbólico.
9. “Sou bastante diferente sem o uniforme. (...)É... Outra pessoa não tem como ser, né?! Mas, eu acho que a minha personalidade aqui dentro perante as regras é uma coisa e fora é outra”. Estudante: Caelum.	O uniforme representa a escola.	1. Eu de uniforme sou a escola.  2. Mudo meu comportamento por estar de uniforme.	O uniforme é símbolo.	O reconhecimento é simbólico.
10. “Sim, eu acho que a partir do momento que a gente respeita o uniforme, a gente tá se identificando com ele”. Estudante: Andromeda.	O uniforme representa a escola.	Eu de uniforme sou a escola.	1. O uniforme é símbolo.  2. Representação.	1. Reconhecimento simbólico.  2. Reconhecimento estético.
11. “Não, eu que represento a instituição, ela não me representa. Eu posso ser uma pessoa completamente diferente fora daqui”. Estudante: Lyra.	O uniforme representa a escola.	Eu de uniforme sou a escola.	1. O uniforme é símbolo.  2. Representação.	1. O reconhecimento é simbólico.  2. Representatividade simbólica.
12. “Sim, isso é bem perceptível	O uniforme	1. Eu de	O uniforme é	1. O

<p>até... Pelo fato de estar andando na rua, com uma roupa normal e eu for atravessar a rua, por exemplo, eu vou ter que ficar ali esperando, se eu não tiver na faixa, aliás. Eu vou ficar ali esperando até alguém de bom grado parar só que se eu estiver de uniforme as pessoas já param. Não sei é por respeito ao colégio ou se é por achar que a gente vai denunciar ou algo do tipo... Mas dá pra ver a diferença de quando a pessoa tá de uniforme e quando não tá”.</p> <p>Estudante: Camelopardalis.</p>	representa a escola.	uniforme sou a escola.  2. Respeito.	símbolo.	reconhecimento é simbólico.  2. Representatividade simbólica.
<p>13. “Sim, gosto”.</p> <p>Estudante: Mensa.</p>				
<p>14. “Me sinto, eu acho que quando eu mais sinto que... Representada e ao mesmo tempo representando o colégio é nos desfiles em setembro, porque a gente entra lá e todo mundo vê, né! O colégio gosta, sabe o nome do colégio e tudo e a gente entra lá na avenida e representar tudo isso”.</p> <p>Estudante: Câncer.</p>	O uniforme representa a escola.	1. Eu de uniforme sou a escola.  2. Me sinto bem representando a escola.	O uniforme é símbolo.	Representatividade simbólica.
<p>15. “Eu acho que o uniforme me representa. (...) Não, eu sou uma pessoa além da escola, mas o aqui dentro eu acho que o uniforme me representa um pouco como eu sou...”.</p> <p>Estudante: Canis Venatici.</p>	O uniforme representa a escola.	Eu de uniforme sou a escola.	O uniforme é símbolo.	O reconhecimento é simbólico.
<p>16. “No colégio não é tão ruim, mas na rua parece um alien, muito diferente das outras pessoas, fica todo mundo te olhando exatamente por ser diferente, um uniforme muito diferente. Mas é meio ruim, mas, dentro do colégio é todo mundo igual. (...)Acho que... Acho que sim (Risos). Acho que sim, exatamente por ser</p>	O uniforme representa a escola.	Eu de uniforme sou a escola.	1. O uniforme é símbolo.  2. Aparento ser diferente por causa do uniforme.	1. O reconhecimento é simbólico.  2. Representação estética.

diferente todo mundo olha, por ser do Tiradentes todo mundo já te olha: “Nossa, ela é muito intelectual!”, e tal (Risos)”. Estudante: Hydra.				
17. “Eu não sou muito fã de usar uniforme, mas... Sei lá, só não gosto”. Estudante: Delphinus.	O uniforme representa a escola.	O uniforme é a escola.	O uniforme é símbolo.	O reconhecimento é simbólico.
18. “Sim”. Estudante: Libra.				
19. “Sim. É ruim, uma pessoa veste um tipo de coisa e a outra veste, outra e aí fica diferente. Não curto muito isso. Eu gosto mais de ser igual aos outros”. Estudante: Capricornus.	1. O uniforme representa a escola. 2. O uniforme é igualdade.	1. O uniforme é a escola. 2. Me sinto representando a escola.	1. O uniforme é símbolo. 2. Representação.	Representação Estética.
20. “Olha... Isso... É muito relativo, é que eu, assim, eu gosto do CT3, eu sou eu mesma com ele, entendeu?! Com os outros eu sou mais uma pessoa na sociedade, mas os outros... Eu me identifico mais com o CT3... É esse aqui. É o melhor, que eu fico mais a vontade, sou mais eu”. Estudante: Cassiopeia.	O uniforme representa a escola.	1. Eu de uniforme sou a escola. 2. Me sinto a vontade.	1. O uniforme é símbolo. 2. Representação.	1. O reconhecimento é simbólico. 2. Representação estética.
21. “Não sei, sou só mais uma aluna... Mais uma aluna com o uniforme”. Estudante: Carina.	O uniforme representa a escola.	Eu de uniforme sou a escola.	O uniforme é símbolo.	O reconhecimento é simbólico.
22. “Sim, a gente tá num colégio militar, então por exemplo, no CT2 a gente usa a boina, é uma característica daqui. Eu gosto, assim, eu acho bem legal. A característica, assim, tipo a cor da escola, a bandeira da escola, assim, a gente tem as cores dela no uniforme, então me sinto muito caracterizada da escola”. Estudante: Centauros.	O uniforme representa a escola.	1. Eu de uniforme sou a escola. 2. Me sinto bem representando a escola.	1. O uniforme é símbolo. 2. Representação.	1. O reconhecimento é simbólico. 2. Representação estética.
23. “Sim”. Estudante: Cepheus.				

<p>24. “Eu gosto. Eu gosto muito deles, assim, antes de entrar pro colégio eu já olhava os alunos que usavam aqui e eu queria entrar por colégio e achava muito bonito o uniforme. (...)Eu gostar do uniforme também já se encaixa por eu gostar do militarismo no colégio, pelo colégio ser militar foi isso que me trouxe pro colégio, então, conseqüentemente, essa coisa de todo mundo tá igual, tá certinho, essas coisas... Tudo assim, eu gosto”.</p> <p>Estudante: Monoceros.</p>	<p>1. O uniforme representa a escola.</p> <p>2. O uniforme é beleza.</p> <p>3. O uniforme é igualdade.</p>	<p>1. Eu de uniforme sou a escola.</p> <p>2. Me sinto bem representando a escola.</p>	<p>1. O uniforme é símbolo.</p> <p>2. Representação.</p>	<p>1. O reconhecimento é simbólico.</p> <p>2. Representação estética.</p>
<p>25. “Até que sim...”.</p> <p>Estudante: Cetus.</p>				
<p>26. “Eu acho que sim, Primeiro, porque eu acho que eu gosto do militarismo, segundo que eu acho ele bem confeccionado como o de esportes, ele é bem confortável, todo mundo fica igual. Ele não é colado, nem nada... E o outro uniforme que seria o do cotidiano, mais ou menos... Ele carrega o símbolo do colégio que é a instituição que a gente passa a maior parte do dia. Então, eu acho uma coisa importante e é na altura do peito, ou seja, a gente tá aqui pra representar o colégio e eu acho isso muito importante. Eu acho que ele é um uniforme bem chique também, bem bonito e que a gente fica com a apresentação pessoal muito elegante”.</p> <p>Estudante: Columba.</p>	<p>1. O uniforme representa a escola.</p> <p>2. O uniforme é igualdade.</p>	<p>1. Eu de uniforme sou a escola.</p> <p>2. Me sinto bem representando a escola.</p> <p>3. Orgulho.</p>	<p>1. O uniforme é símbolo.</p> <p>2. Representação.</p>	<p>1. O reconhecimento é simbólico.</p> <p>2. Representação estética.</p>
<p>27. “eu acho que é mais eu que represento o uniforme do que o uniforme me representa. Porque se o uniforme tem esse nome que tem por causa do Tiradentes, eu acho que foi por que os alunos criaram isso. Não porque o uniforme fez isso”.</p> <p>Estudante: Crux.</p>	<p>O uniforme representa a escola.</p>	<p>Eu de uniforme sou a escola.</p>	<p>O uniforme é símbolo.</p>	<p>O reconhecimento é simbólico.</p>

Tabela 5: Questão 2

Questão 2 – Em sua opinião qual a função do uniforme?	Conceitos subjetivos	Conceitos senso comum	Conceitos Aproximados	Conceitos Históricos
1. “Eu acho que é mais... Todo mundo ficar igual, assim, não tem aquele negócio, tipo, competição. Tipo, ai eu tenho que ir muito arrumado pro colégio, não, tu vai com a mesma roupa, todo mundo vai tá igual, não faz diferença essa coisa. (...)não tem aquilo, tipo, “Ah, ele usou a mesma calça no mesmo dia”. Não. Tu usa o mesmo uniforme, não faz diferença. O negócio, tipo, tu usa a mesma calça no dia seguinte, o usa o mesmo moletom e a pessoa já fica “Nossa, ele tá com a mesma roupa” e é uma coisa muito ruim”. Estudante Antlia.	O uniforme uniformiza as diferenças sociais e econômicas.	Igualdade	1. Igualdade. 2. Representação.	Símbolo de igualdade.
2. “Bem, eu acho que é mais pra imagem do colégio.”. Estudante Aquila.	Representar a escola.	Representação estética.	Representação.	Símbolo.
3. “... No caso aqui, seria mais pra uniformizar mesmo, porque, pra manter tudo padrão, todos iguais pra instituição”. Estudante: Apus.	O uniforme, uniformiza.	Igualdade.	1. Igualdade 2. Representação.	Símbolo de igualdade.
4. “An... Deixar todo mundo padrão... É e pra identificar os alunos que comessem...”. Estudante: Aquarius.	O uniforme, uniformiza.	Igualdade.	1. Igualdade. 2. Identificação.	Símbolo de padronização.
5. “Como eu te falei, identificar acho que principalmente né?! E... Ah! Não sei, an... Acho que padronizar todo mundo pra ninguém se sentir melhor ou pior do que ninguém... De organizar assim, mesmo... Se um dia eu venho de CT3, todo mundo vem de CT3 e é assim que organiza, ainda mais que tem que tá em forma e batalhão e aí é uma	O uniforme, uniformiza as diferenças sociais e econômicas.	Igualdade.	1. Igualdade. 2. Representação 3. Estética.	1. Símbolo de igualdade. 2. Representação estética. 3. Padronização.

coisa visualmente feio ver algumas pessoas de CT3 e algumas pessoas de CT2. (...) Acho que é pra estética também... É... pra padronizar...". Estudante: Ara				
6. "Ah, ele até tem um fundo didático de poder identificar os alunos, saber quem é e quem não é da escola e tanto que é uma escola humanitária e tem essa função do fardamento e tal, mas eu acho que não... Eu acho que fora desse meio militar totalmente desnecessário". Estudante: Aries.	Uniformização didática.	Igualdade.	1. Igualdade. 2. Representação.	1. Símbolo de igualdade. 2. Aparato didático.
7. "Aqui na escola é por que é militar então tem que ser padrão, mas pra mim a função do uniforme é mais, tipo, amenizar a situação de desigualdade entre as pessoas. É muito melhor". Estudante: Auriga.	O uniforme, uniformiza as diferenças sociais e econômicas.	Igualdade.	1. Igualdade. 2. Padronização.	Símbolo de igualdade.
8. "Ah, igualar todo mundo né?! Por que, tipo, no colégio mesmo que eu estudava antes tinha preconceito com as roupas que as pessoas usavam. Por que, por exemplo, um tem menos que o outro aí sempre vai haver o preconceito. Aqui todo mundo é igual e ninguém vê nada em ti, só ...". Estudante: Boötes.	O uniforme, uniformiza as diferenças sociais e econômicas.	Igualdade.	Igualdade.	Símbolo de igualdade.
9. "Somente igualar? Sim, eu acho que igual, normal...". Estudante: Caelum.	O uniforme, uniformiza as diferenças sociais e econômicas.	Igualdade.	Igualdade.	Símbolo de igualdade.
10. "A função é justamente isso, identificar o aluno como aluno do Colégio Tiradentes, né?! Que todo mundo passa e vê "Olha esse daí..." Tem aquela coisa de respeito, não sei o quê, que todo mundo vê e tipo, "Ah, é o Colégio	O uniforme, uniformiza.	Igualdade.	1. Igualdade. 2. Padronização.	1. Símbolo de igualdade. 2. Representação.

Tiradentes”, pelo uniforme já sabe.”. Estudante: Andromeda.				
11. “Representar a instituição.”. Estudante: Lyra	O uniforme, uniformiza.	Igualdade.	1. Igualdade. 2. Padronização .	1. Símbolo de igualdade. 2. Representação.
12. “Ah, eu acho que seria caracterizar o aluno que estuda no Tiradentes, né?! Não só no Tiradentes, mas em qualquer outra instituição que exija o uniforme. É caracterizar a pessoa tá trabalhando ou estudando nesse lugar. Acho que seria isso”. Estudante: Camelopardalis.	1. O uniforme, uniformiza. 2. Caracterização .	Igualdade.	1. Igualdade. 2. Padronização .	1. Símbolo de igualdade. 2. Representação.
13. “Pra deixar todo mundo padrão, não tem nenhuma diferença, nenhum julgar o outro pela roupa”. Estudante: Mensa	O uniforme, uniformiza as diferenças sociais e econômicas.	Igualdade.	Igualdade.	Símbolo de igualdade.
14. “É representar a minha instituição, né?! Mesmo sendo uma escola militar...”. Estudante: Câncer.	1. O uniforme, uniformiza. 2. Caracterização .	Igualdade.	1. Igualdade. 2. Padronização .	1. Símbolo de igualdade. 2. Representação.
15. “O uniforme é bom, eu gosto da ideia do uniforme deixar tudo igual, sabe?! Não tem aquela diferença. E esse uniforme específico, o abrigo, eu acho melhor. Que é mais livre sabe?! O outro dá um pouquinho...”. Estudante: Canis Venatici.	O uniforme, uniformiza as diferenças sociais e econômicas.	Igualdade.	Igualdade.	Símbolo de igualdade.
16. “É padronizar e definir de onde tu é.”. Estudante: Hydra.	1. O uniforme, uniformiza. 2. Caracterização .	Igualdade.	1. Igualdade. 2. Padronização .	1. Símbolo de igualdade. 2. Representação.
17. “Padronizar a gente. (...) É, eu acho que as pessoas deviam ser livres pra usar o que querem”.	1. O uniforme, uniformiza.	Igualdade.	1. Igualdade. 2.	1. Símbolo de igualdade.

Estudante: Delphinus.	2. Caracterização		Padronização .	2. Representação.
18. “Na minha opinião, o uniforme faz com que uma escola ela seja mais padronizada. Seja um... Que não seja... Por exemplo, um condomínio, um cidadão quer pintar um apartamento dele externamente só que ai se ele pintar externamente o outro vizinho dele também vai querer pintar externamente, então vai ficar um multicores. Então, eu acho que é pra isso que ser o uniforme, pra padronizar todo o colégio e, assim, fazer com que tudo fique um pouco mais normal, pra que não seja tão extravagante”. Estudante: Libra	1. O uniforme, uniformiza as diferenças sociais e econômicas.  2. Caracterização .	Igualdade.	1. Igualdade.  2. Padronização .	1. Símbolo de igualdade.  2. Representação.
19. “Ah, é igualar os outros”. Estudante: Capricornus.	O uniforme, uniformiza as diferenças sociais e econômicas.	Igualdade.	Igualdade.	Símbolo de igualdade.
20. “Eu acho que é padronizar os alunos. É diminuir essa... Desigualdade de roupa, que vem um de cada jeito, entendeu?! Deixar todo mundo igual, ninguém é diferente de ninguém, ninguém é mais do que ninguém, acho que é isso”. Estudante: Cassiopeia.	O uniforme, uniformiza as diferenças sociais e econômicas.	Igualdade.	Igualdade.	Símbolo de igualdade.
21. “Deixar todo mundo padrão”. Estudante: Centauros.	1. O uniforme, uniformiza.	Igualdade.	1. Igualdade.  2. Padronização .	1. Símbolo de igualdade.  2. Representação.
22. “Deixar todo mundo igual. (...) por fora”. Estudante: Carina.	1. O uniforme, uniformiza as diferenças sociais e econômicas.  2.	Igualdade.	1. Igualdade.  2. Padronização .	1. Símbolo de igualdade.  2. Representação.



	Caracterização			
23. “Além de identificar que nós somos alunos daqui para os olhos de fora, tipo, como é que vou te explicar? Me fugiu as palavras (Risos). Xiu, me identificar? As pessoas de fora identificam a gente, por ser, tipo, quando a gente viaja é mais fácil a gente se achar... E aqui dentro mesmo, a gente sabe reconhecer quem é aluno e que não, de vez em quando né?! É uma escola grande, então é melhor. Eu gosto”. Estudante: Fornax.	1. O uniforme, uniformiza.	Igualdade.	1. Igualdade. 2. Padronização .	1. Símbolo de igualdade. 2. Representação.
24. “Causar menos desigualdade entre as pessoas. Um dos principais motivos pra tu não... As pessoas não se achar superior as outras pessoas é por causa do vestimento e também pra poder padronizar. É ser todo mundo igual”. Estudante: Cepheus.	O uniforme, uniformiza as diferenças sociais e econômicas.	Igualdade.	1. Igualdade. 2. Padronização .	1. Símbolo de igualdade. 2. Representação.
25. “Hum... A função do uniforme que eu vejo, assim, é tornar todo mundo igual, assim, não mostrar as diferenças entre todo mundo, entre as pessoas, assim, amenizar um pouco a diferença e ajudar as pessoas a não olhar pros outros já julgando, principalmente, pela roupa que é o caso do uniforme, assim”. Estudante: Monoceros	O uniforme, uniformiza as diferenças sociais e econômicas.	Igualdade.	Igualdade.	Símbolo de igualdade.
26. “Bem, nesse colégio aqui eles querem que todos sejam iguais perante eles, claro, mas não funciona muito bem aqui, mas na visão deles... Bem, que na verdade é o objetivo do uniforme é isso ai né?! Em colégios públicos, por exemplo, ou particular as pessoas sofrem muito bullying por causa do tipo de... As pessoas mais pobres,	O uniforme, uniformiza as diferenças sociais e econômicas.	Igualdade.	1. Igualdade. 2. Padronização .	1. Símbolo de igualdade. 2. Representação.

claro, podem debochar do uniforme delas ou coisa do tipo... mas é esse objetivo do uniforme.”. Estudante: Grus.				
27. “É... na maior parte das vezes eu acho que o uniforme é mais pra não ter diferenciação das pessoas. Isso eu, realmente, não gosto. Eu prefiro muito mais o uniforme, que assim não tem ninguém falando que tem roupa mais bonita, que isso, que aquilo... Não, é todo mundo igual, tá todo mundo aqui pra estudar e é essa importância do uniforme”. Estudante: Columba.	O uniforme, uniformiza as diferenças sociais e econômicas.	Igualdade.	Igualdade.	Símbolo de igualdade.

Tabela 6: Questão 3

Questão 3 – Qual as identificações que tem no uniforme que destacam a identidade do uniforme identificando o Colégio Tiradentes?	Conceitos subjetivos	Conceitos senso comum	Conceitos Aproximados	Conceitos Históricos
1. “Ah, no CT3 diz o nome atrás, tem o símbolo, tem o nome na calça. E no CT2 a gente usa o barrete do castelinho, o indicador do ano, coisa que identifica o colégio. No CT1 tem o símbolo da Brigada e o símbolo do colégio. É mais ou menos isso que... Da identificação do uniforme”. Estudante: Antlia.	O uniforme apresenta símbolos próprios do colégio.	Os símbolos traduzem nome, ano e escola.	O uniforme fala simbolicamente.	O uniforme é simbólico.
2. “tem o símbolo da boina e no símbolo que fica na roupa mesmo, são só esses dois”. Estudante: Aquila.	O uniforme apresenta símbolos próprios do colégio.	Os símbolos traduzem a escola.	O uniforme fala simbolicamente.	O uniforme é simbólico.

3. “O... O símbolo do colégio e nas outras fardas, o símbolo e o barrete e o castelinho. E a boina”. Estudante: Aquarius.	O uniforme apresenta símbolos próprios do colégio.	Os símbolos traduzem a escola.	O uniforme fala simbolicamente.	O uniforme é simbólico.
4. “Tem o nome do colégio, tá no casaco, tá na calça, tá na boina também. Em qualquer peça do uniforme vai ter o símbolo do colégio...”. Estudante: Camelopardalis.	O uniforme apresenta símbolos próprios do colégio.	Os símbolos traduzem nome, ano e escola.	O uniforme fala simbolicamente.	O uniforme é simbólico.
5. “ E os alamares? (...) Não, porque a maioria das pessoas de fora não sabem do significado daquilo ali, né?! E também que, ele é mais visível é no verão que a gente usa o uniforme sem japonsa, que no inverno mesmo, que é o período que a gente mais fica na escola a gente usa a japonsa e aí, fica por baixo, ele fica no suéter ou na gandola em si. Mas, eu mesmo agora eu não uso, mas eu usava antes e não... As pessoas vinham me perguntar o que era aquilo e eu explicava, mas depois eu perdi o alamar e não tem muita diferença, assim”. Estudante: Mensa.	O uniforme apresenta símbolos próprios do colégio.	Os símbolos traduzem a escola.	O uniforme fala simbolicamente.	O uniforme é simbólico.
6. “Tem o nome do colégio e símbolos. (...) o castelinho representa desde que foram fundado o colégio, os colégios Tiradentes”. Estudante: Câncer.	O uniforme apresenta símbolos próprios do colégio.	Os símbolos traduzem a escola.	O uniforme fala simbolicamente.	O uniforme é simbólico.
7. “An... Tem o símbolo do colégio... Que é o castelo com as três estrelas e as cores...”. Estudante: Canis Venatici.	O uniforme apresenta símbolos próprios do colégio.	Os símbolos traduzem a escola.	O uniforme fala simbolicamente.	O uniforme é simbólico.
8. “Essa é uma escola mais ou menos movida a nota, sabe?! Porque, como essa é uma escola diferenciada de Pelotas ela acaba sendo única e o fato de ser única também vai ter o seus alunos	O uniforme apresenta símbolos próprios do colégio.	1. Os símbolos traduzem a escola. 2. Os símbolos traduzem	O uniforme fala simbolicamente.	O uniforme é simbólico.

<p>únicos, os destaques e é o alamar que vai mostrar isso. Mostra quem tem a maior nota e isso é bom pois faz com que a pessoa fique encorajada pra buscar o melhor de si... Pra... Uma média maior, maior nota pra que assim, ela ultrapasse até os seus próprios limites. Mas, o problema é que isso acaba gerando muitos conflitos pois algumas pessoas quando adquirem o mesmo, elas tem algumas que começam a ficar mais arrogantes e usam dele pra se sentir superior aos outros e às vezes até usar isso contra a pessoa”.</p> <p>Estudante: Libra</p>		<p>alguns comportamentos de determinados alunos.</p>		
<p>9. “O nome que tem na calça, as plaquetas e o nome.”.</p> <p>Estudante: Capricornus</p>	<p>O uniforme apresenta símbolos próprios do colégio.</p>	<p>Os símbolos traduzem a escola.</p>	<p>O uniforme fala simbolicamente.</p>	<p>O uniforme é simbólico.</p>
<p>10. “Ele tem a, o símbolo do colégio na boina, e nas camisetas também, na gandola tem o símbolo do colégio, na calça mesmo. No CT3 diz Colégio Tiradentes, no casaco também, em bastante partes do uniforme, assim, qualquer um dos uniformes tema alguma coisa que identifica o colégio.”.</p> <p>Estudante: Cassiopeia</p>	<p>O uniforme apresenta símbolos próprios do colégio.</p>	<p>Os símbolos traduzem nome, ano e escola.</p>	<p>O uniforme fala simbolicamente.</p>	<p>O uniforme é simbólico.</p>
<p>11. “Tem o nome e tem os barretes, que no caso o CT3 não tem, mas aparece que indica se tu tá no segundo ou terceiro ano, primeiro ano. (...)Tem a alamar. Só que aí por questão de disciplina de nota, entende?! Tem medalhas também, só que aí tu consegue ou por ser disciplinado ou ser bem no esporte ou tirar boas notas”.</p> <p>Estudante: Centauros.</p>	<p>O uniforme apresenta símbolos próprios do colégio.</p>	<p>1. Os símbolos traduzem a escola. 2. Os símbolos traduzem alguns comportamentos de determinados alunos.</p>	<p>O uniforme fala simbolicamente.</p>	<p>O uniforme é simbólico.</p>

12. “Bem, tem o símbolo do colégio. Todos uniformes tem o símbolo do colégio e o nome do aluno, nome de guerra do aluno e só. Só o CT1, que é o uniforme de gala que esse não tem nada, o resto todos tem”. Estudante: Monoceros.	O uniforme apresenta símbolos próprios do colégio.	Os símbolos traduzem a escola.	O uniforme fala simbolicamente.	O uniforme é simbólico.
26. “Bem, nesse colégio aqui eles querem que todos sejam iguais perante eles, claro, mas não funciona muito bem aqui, mas na visão deles... Bem, que na verdade é o objetivo do uniforme é isso aí né?! Em colégios públicos, por exemplo, ou particular as pessoas sofrem muito bullying por causa do tipo de... As pessoas mais pobres, claro, podem debochar do uniforme delas ou coisa do tipo... mas é esse objetivo do uniforme.”. Estudante: Grus.	O uniforme apresenta símbolos próprios do colégio.	1. Os símbolos traduzem a escola. 2. Os símbolos traduzem alguns comportamentos de determinados alunos.	O uniforme fala simbolicamente.	O uniforme é simbólico.
27. “O castelinho, o símbolo do colégio e não é bem do colégio, mas tem a plaqueta do nosso ano. O que de certa forma é do colégio que tem a plaqueta do nosso ano e o nosso nome, basicamente isso”. Estudante: Columba.	O uniforme apresenta símbolos próprios do colégio.	Os símbolos traduzem a escola.	O uniforme fala simbolicamente.	O uniforme é simbólico.

Tabela 7: Questão 4

Questão 4 – Você se considera parte importante quando usa o uniforme?	Conceitos subjetivos	Conceitos senso comum	Conceitos Aproximados	Conceitos Históricos
1. “Ah, acho que um pouco. Porque é legal ver as pessoas te olhando de uniforme “Ai meu deus, ele estuda lá”, “Legal, eu queria estudar lá”. Muita gente assim. (...) claro que todo colégio,	A estrutura escolar constrói relações de respeito.	O uniforme representa disciplina e educação melhor.	Representação.	Representação.

<p>nenhum colégio é cem por cento, tem seus erros, mas aqui é mais destacado pelo fato de que as pessoas tem mais educação e é aqui, tá, tipo a gente conversa e tal... O professor, não é aqueles colégios que se o professor pede silêncio, tu taca uma cadeira na cara dele. Aqui não, aqui a gente tem respeito pelas pessoas, claro, que não... Não... Não no geral, mas pelo menos num mínimo a gente tem. Coisa que na maioria dos colégios não tem.”.</p> <p>Estudante: Antlia.</p>				
<p>2. “Sim, até porque eu... O tenente, ele dá aulas mostra como a gente deve se comportar como cidadão, que essa escola, na verdade, tá nos preparando pro mundo lá fora e daí, até diz ali pra gente... Disse um dia pra gente, preparando cidadãos para o mundo...”.</p> <p>Estudante: Aquila</p>	<p>A estrutura escolar constrói relações de respeito e cidadania.</p>	<p>O uniforme representa disciplina e educação melhor.</p>	<p>Representação.</p>	<p>Representação.</p>
<p>3. “E acho que sim, todo o aluno em si é valorizado. (...)Parte de uma coisa boa, sabe?!”</p> <p>Estudante Apus.</p>	<p>A estrutura escolar constrói relações de respeito.</p>	<p>O uniforme representa disciplina e educação melhor.</p>	<p>Representação.</p>	<p>Representação.</p>
<p>4. “Ah, por que a gente passa com o uniforme e as pessoas falam ‘Ah, é do Colégio Tiradentes’ ”.</p> <p>Estudante: Aquarius.</p>	<p>A estrutura escolar constrói relações de respeito.</p>	<p>O uniforme representa disciplina e educação melhor.</p>	<p>Representação.</p>	<p>Representação.</p>
<p>5. “An... eu me sinto... Ah! Eu me sinto representada pelo militarismo né?! Obviamente... Pela boina, esses negócios assim, é bem característico an... Ah, parece que... A disciplina me representa, basicamente. Acho que é o que os outros pensam e eu me sinto também representada pela disciplina, pela diferença, né?! Basicamente isso... Todas as</p>	<p>A estrutura escolar constrói relações de respeito.</p>	<p>O uniforme representa disciplina e educação melhor.</p>	<p>Representação.</p>	<p>Representação.</p>

escolas tem mais ou menos o mesmo estilo de uniforme e os nossos são bem, bem diferentes”. Estudante: Ara.				
6. “[Aceno com a cabeça] Não”. Estudante: Aries.				
7. “(...)sim. Só que, por exemplo, se eu escolher uma roupa pra vestir eu vestiria essa, mas esse mostra quem eu sou”. Estudante: Auriga.	A estrutura escolar constrói relações de orgulho.	O uniforme representa disciplina e educação melhor.	Representação.	Representação.
8. “De certa forma, é importante. Por que, tipo, eu queria muito entrar aqui porque eu via as pessoas na rua com o uniforme e achava uma coisa bonita, legal e eu queria muito entrar e eu consegui e eu gosto. Gosto de estar aqui dentro”. Estudante: Boötes.	A estrutura escolar constrói relações de orgulho.	O uniforme representa disciplina e educação melhor.	Representação.	Representação.
9. “Sou bastante diferente sem o uniforme. (...)É... Outra pessoa não tem como ser, né?! Mas, eu acho que a minha personalidade aqui dentro perante as regras é uma coisa e fora é outra.”. Estudante: Caelum.	A estrutura escolar constrói relações de respeito.	O uniforme representa disciplina e educação melhor.	Representação.	Representação.
10. “ (...) mais um no grupo com certeza. Até a gente diz “A família Tiradentes”, mas a gente se sente importante, mas não superior a ninguém”. Estudante: Andromeda	A estrutura escolar constrói relações de respeito.	O uniforme representa disciplina e educação melhor.	Representação.	Representação.
11. “Não, eu que represento a instituição, ela não me representa. Eu posso ser uma pessoa completamente diferente fora daqui”. Estudante: Lyra	A estrutura escolar constrói relações representativas.	O uniforme representa apenas a instituição.	Representação.	Representação.
12. “Sim.”. Estudante: Camelopardalis				
13. “Me sinto, eu acho que quando eu mais sinto que... Representada e ao mesmo tempo representando o colégio é nos	A estrutura escolar constrói relações	O uniforme representa disciplina e educação	Representação.	Representação.

desfiles em setembro, porque a gente entra lá e todo mundo vê, né! O colégio gosta, sabe o nome do colégio e tudo e a gente entra lá na avenida e representar tudo isso”. Estudante: Câncer.	representativas.	melhor.		
14. “Eu acho que o uniforme me representa.”. Estudante: Canis Venatici.	A estrutura escolar constrói relações de representatividade.	O uniforme representa algo melhor.	Representação.	Representação.
15. “Não, eu acho que a gente representa o uniforme... A gente representa o colégio pelo uniforme, que é... Só fala de onde tu é, onde tu estuda. É a mesma coisa que usar um moletom de uma outra instituição, mas tu representa de onde tu é usando o uniforme e não o colégio que te representa”. Estudante: Hydra.	A estrutura escolar constrói relações de representatividade.	O uniforme representa disciplina.	Representação.	Representação.
16. “Sim”. Estudante: Libra.				
17. “Sinto. Principalmente com a boina”. Estudante: Capricornus.	A estrutura escolar constrói relações de representatividade.	O uniforme representa disciplina.	Representação.	Representação.
18. “Olha... Isso... É muito relativo, é que eu, assim, eu gosto do CT3, eu sou eu mesma com ele, entendeu?! Com os outros eu sou mais uma pessoa na sociedade, mas os outros... Eu me identifico mais com o CT3... É esse aqui. É o melhor, que eu fico mais a vontade, sou mais eu”. Estudante: Cassiopeia.	A estrutura escolar constrói relações de representatividade.	O uniforme representa disciplina.	Representação.	Representação.
19. “Não. Tipo assim, eles... O Uniforme eu sigo porque eu tenho que ser padrão, tenho que agir	A estrutura escolar constrói	O uniforme representa disciplina.	Representação.	Representação.



corretamente, tenho que ser mais certinha e eu não sou assim”. Estudante: Carina.	relações de representatividade.			
20. “Sim, sim”. Estudante: Fornax.				
21. “Sim”. Estudante: Cepheus.				
22. “Sim, eu me sinto, assim. Não é algo, assim, que me coloca pra baixo, nada assim, não. Gosto bastante”. Estudante: Monoceros	A estrutura escolar constrói relações de valorização.	O uniforme representa disciplina e educação melhor.	Representação.	Representação.
23. “Não. É... Mais quem tá usando é quem vai... Vai dar a beleza no uniforme. Por exemplo, tem alunos que usam aquele... Aquela farda com a gola pra fora, assim, fica um troço feio, mas já tem alunos que usam ela bem passado fica mais bonito, eu acho...”. Estudante: Cetus.	A estrutura escolar constrói relações de representatividade, estética.	O uniforme representa disciplina, padronização.	Representação.	Representação.
24. “Isso depende da, tipo, de como as pessoas de fora veem a nossa instituição. Se elas veem como, por exemplo, as pessoas sempre veem isso aqui como lugar de gente, tipo, sempre... Como posso explicar pra senhora? Séria, fazendo tudo que mandam ou bem disciplinados, então que vê a gente na rua com esse uniforme vê pessoas muito disciplinadas, que cumprem regras ou coisas do tipo, entendeu? Mas, claro, eles acham que a gente é sério o tempo inteiro e coisas do tipo, mas como a senhora pode ver, a gente também... Tem pessoas normais, tipo, a gente é adolescente, isso eles também não entendem, nesse colégio eles cobram muito, coisas da gente que é... Difícil explicar pra senhora... Só estando aqui pra realmente entender como	A estrutura escolar constrói relações de respeito, disciplina.	O uniforme representa disciplina e educação melhor.	Representação.	Representação.

funciona tudo isso”. Estudante: Grus.				
25. “Não. Eu acho que eu represento o uniforme. represento, ele não representa nada pra mim, mas se eu estou vestida como todos os meus colegas, o que depende muito da pessoa, eu represento o meu uniforme”. Estudante: Columba.	A estrutura escolar constrói relações de representatividade.	O uniforme representa disciplina, padronização.	Representação.	Representação.
26. “eu acho que é mais eu que represento o uniforme do que o uniforme me representa. Porque se o uniforme tem esse nome que tem por causa do Tiradentes, eu acho que foi por que os alunos criaram isso. Não porque o uniforme fez isso”. Estudante: Crux.	A estrutura escolar constrói relações de representatividade.	O uniforme representa disciplina e ensino melhor.	Representação.	Representação.

Tabela 8: Questão 5

Questão 5 – Sente-se de que forma quando usa o uniforme?	Conceitos subjetivos	Conceitos senso comum	Conceitos Aproximados	Conceitos Históricos
1. “Na verdade, fora do colégio que eles querem que a gente seja bom porque a gente tá meio que mostrando o colégio, não dá pra sair fazendo várzea na rua se tu tá representando o colégio. Pelo menos eu, eu sou a mesma pessoa dentro e fora, então pra mim não faz diferença, mas a maioria das pessoas não, tinham que pensar que estão representando o colégio. Tem que se comportar na rua, não importa se tá fora do colégio”. Estudante: Antlia.	O uniforme impõe um comportamento responsável.	Estar de uniforme contribui para a mudança de comportamento	Uniforme é sinônimo de bom comportamento	O uniforme é um símbolo de representação de uma identidade coletiva construída pelo colégio e que determina o que se espera do aluno.
2. “Normal... Eu não me sinto diferente. Eu me sinto normal mesmo”. Estudante: Aquila	Indiferente.	Estar de uniforme ou não, não faz diferença.	O uniforme é apenas um símbolo.	O uniforme é simbólico.

3. “Parte de um conjunto”. Estudante Apus.	O uniforme realça o estudante como parte de um todo.	O uniforme contribui como parte representativa da escola.	O uniforme é representativo.	Representação.
4. “Ah, não sei. Por que o colégio, não... Não é que não valoriza tanto o aluno, mas ele quer mostrar o que o colégio tem. Não importa o que o aluno tá fazendo, eles querem manter um padrão nesse colégio, então tem que ficar... Não é bem valorizado o colégio”. Estudante: Aquarius.	O uniforme idealiza um padrão de conduta.	Estar uniformizado demonstra a representatividade da escola.	O uniforme é representativo.	1. O uniforme é um símbolo de representação de uma identidade coletiva construída pelo colégio e que determina o que se espera do aluno.  2. Representação.
5. “Uhum... É, valorizada.”. Estudante: Ara.				
6. “Só mais um, assim como todos, todos iguais. Igual até ali. (...)Ih, vai bem mais além... Deixam... Eles aliviam pra uns e não aliviam pra outros. Eu sou mais arteiro, tipo no regulamento era pra ser pra todos mas não é”. Estudante: Aries.	O uniforme idealiza um padrão de conduta.	Estar uniformizado é seguir as regras.	O uniforme é representativo.	1. O uniforme é um símbolo de representação de uma identidade coletiva construída pelo colégio e que determina o que se espera do aluno.
7. “Me sinto valorizada”. Estudante: Boötes.				
8. “Ah, eu me sinto bem. Porque, tirando a parte do desconforto, eu acho que é uma roupa normal, assim... Eu acho que me sinto normal. Tem gente até que pergunta algumas coisas, assim, quando a gente tá na rua, mas eu sei lá, eu me sinto como uma pessoa normal, como qualquer outra... Com ou sem	O uniforme idealiza um padrão de conduta.	Estar uniformizado demonstra a representatividade da escola.	O uniforme é representativo.	O uniforme é um símbolo de representação de uma identidade coletiva construída pelo colégio e que determina o que se espera

uniforme...”. Estudante: Andromeda.				do aluno.
9. “Depende do meu humor, se eu tô de mal humor eu não gosto de nenhum uniforme e se eu tô de bom humor, eu tô nem aí pros uniformes”. Estudante: Lyra	O uniforme idealiza um padrão de conduta.	Estar uniformizado demonstra a representatividade da escola.	O uniforme é representativo.	O uniforme é um símbolo de representação de uma identidade coletiva construída pelo colégio e que determina o que se espera do aluno.
10. “Hum, eu não me vejo diferente de nenhum outro aluno que estaria sem uniforme dentro da escola, pra mim é uma coisa normal. É só a roupa do meu colégio, é o que a gente tem que usar, é o padrão. Porque saindo tu vê a diferença se eu tiver com um colega meu. Eu tenho uns amigos que estudam em outra escola e a gente anda junto mesmo quando eu tô fardado. E tu vê a diferença da pessoa passar, ela acaba olhando mais pro meu uniforme que pro colega que tá normal, chama atenção das pessoas”. Estudante: Mensa.	O uniforme idealiza um padrão de conduta.	Estar uniformizado demonstra a representatividade da escola.	O uniforme é representativo.	O uniforme é um símbolo de representação de uma identidade coletiva construída pelo colégio e que determina o que se espera do aluno e como ele deve se apresentar.
11. “No colégio não é tão ruim, mas na rua parece um alien, muito diferente das outras pessoas, fica todo mundo te olhando exatamente por ser diferente, um uniforme muito diferente. Mas é meio ruim, mas, dentro do colégio é todo mundo igual”. Estudante: Hydra.	O uniforme idealiza um padrão de conduta.	Estar uniformizado demonstra a representatividade da escola.	O uniforme é representativo.	O uniforme é um símbolo de representação de uma identidade coletiva construída pelo colégio e que determina o que se espera do aluno.
12. “An... Que eu represento alguma coisa.”. Estudante: Delphinus.	O uniforme impõe uma conduta.	Estar uniformizado demonstra a representatividade da escola.	O uniforme é representativo.	O uniforme é um símbolo de representação de uma identidade

				coletiva construída pelo colégio e que determina o que se espera do aluno.
13. “Eu acho que eu me sinto mais bonita, mas mais desconfortável. É uma coisa que é mais de imagem pros outros”. Estudante: Libra.	O uniforme idealiza a imagem dos estudantes.	Estar uniformizado demonstra a representatividade da escola.	O uniforme é representativo.	O uniforme é um símbolo de representação de uma identidade coletiva construída pelo colégio e que determina o que se espera do aluno.
14. “Eu não me sinto bem, bem importante, mas é... Eu faço parte da escola. Me sinto parte de um grupo.”. Estudante: Centauros.	O uniforme idealiza a imagem dos estudantes.	Estar uniformizado demonstra a representatividade da escola.	O uniforme é representativo.	O uniforme é um símbolo de representação de uma identidade coletiva construída pelo colégio e que determina o que se espera do aluno.
15. “(...) me sinto mais uma aluna.”. Estudante: Carina.				
16. “muitas pessoas param a gente na rua e perguntam sobre a escola, justamente por a gente estar vestindo o uniforme. Curiosidades que elas tem, aí a gente responde de boa vontade”. Estudante: Fornax.	O uniforme idealiza a imagem da escola.	Estar uniformizado demonstra a representatividade da escola.	O uniforme é representativo.	O uniforme é um símbolo de representação de uma identidade coletiva construída pelo colégio e que determina o que se espera do aluno.
17. “Acaba virando muito costume, né?! É rotineiro, é como... Não sei... É como perguntar pro pessoal como se	1. O uniforme impõe um comportamento responsável.	1. Estar de uniforme contribui para a mudança de	1. Uniforme é sinônimo de bom comportamen	O uniforme é um símbolo de representação de uma

<p>sentem usando roupas, suas próprias roupas, entendeu?! Mas, não me sinto mal. Normal. Antes eu não gostava muito, claro eu me achava meio estranho, me achava... An... Sei lá, um pouco feio, coisas do tipo. (...)Isso depende da, tipo, de como as pessoas de fora veem a nossa instituição. Se elas veem como, por exemplo, as pessoas sempre veem isso aqui como lugar de gente, tipo, sempre... Como posso explicar pra senhora? Séria, fazendo tudo que mandam ou bem disciplinados, então que vê a gente na rua com esse uniforme vê pessoas muito disciplinadas, que cumprem regras ou coisas do tipo, entendeu? Mas, claro, eles acham que a gente é sério o tempo inteiro e coisas do tipo, mas como a senhora pode ver, a gente também... Tem pessoas normais, tipo, a gente é adolescente, isso eles também não entendem, nesse colégio eles cobram muito, coisas da gente que é... Difícil explicar pra senhora... Só estando aqui pra realmente entender como funciona tudo isso".</p> <p>Estudante: Grus.</p>	<p>2. O uniforme idealiza um padrão de conduta.</p> <p>3. O uniforme idealiza a imagem da escola.</p>	<p>comportamento .</p> <p>2. Estar uniformizado é seguir as regras.</p> <p>3. Estar uniformizado demonstra a representatividade da escola.</p>	<p>to.</p> <p>2. O uniforme é apenas um símbolo.</p> <p>3. O uniforme é representativo.</p>	<p>identidade coletiva construída pelo colégio e que determina o que se espera do aluno e como ele deve se apresentar.</p>
<p>18. "Acho que uma pessoa normal, não. Acho que traz uma diferenciação, mas não chega a esse ponto, acho que eu já tô acostumado. Às vezes traz até inferioridade, que a gente tem que passar pelo exército e prestar continência com o uniforme, sem uniforme a gente não precisa. (...) é chamativo. Tem vezes que as pessoas passam por mim e começam a perguntar sobre o colégio, como é que é. Então, acho que mais um eu não sou,</p>	<p>1. O uniforme impõe um comportamento responsável.</p> <p>2. O uniforme idealiza um padrão de conduta.</p> <p>3. O uniforme idealiza a imagem da escola.</p>	<p>1. Estar de uniforme contribui para a mudança de comportamento .</p> <p>2. Estar uniformizado é seguir as regras.</p> <p>3. Estar uniformizado</p>	<p>1. Uniforme é sinônimo de bom comportamento.</p> <p>2. O uniforme é apenas um símbolo.</p> <p>3. O uniforme é representativo</p>	<p>O uniforme é um símbolo de representação de uma identidade coletiva construída pelo colégio e que determina o que se espera do aluno e como ele deve se apresentar.</p>

mas não sou ‘aquele lá’ ”. Estudante: Crux.		demonstra a o. representativida de da escola.		
--	--	---	--	--

Ao se estudar o uniforme escolar percebe-se que a partir de um certo período e, decerto definitivamente e imperativamente a partir do século XVII, mudanças alteraram o estado das coisas. A escola passou a substituir a aprendizagem como meio de educação. Ou seja, a criança relegou seu estado de adulto para criança, separando-se deles e aprendendo a viver com pessoas da mesma idade. A criança então foi separada e mantida em uma espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo, foi intitulada de Escola, (ARIÉS, 1986, p. 11). Surge então o uniforme evidentemente pela necessidade de proporcionar aos estudantes um vestuário adequado ao dia-a-dia escolar, de forma a superar seus trajes anteriores – bastante semelhantes aos dos adultos – como vestidos longos ou as calças ajustadas – durante as atividades desenvolvidas pela escola.

Tal aspecto, no Brasil, no momento da implantação dos primeiros modelos de uniforme, popularizou a escola pública; do mesmo modo que demonstrava que uma criança uniformizada diferenciava-se das outras crianças que não estavam na escola. “A figura do estudante invadiu as imagens publicitárias, já que todo pai almejava ver seu filho na escola uniformizado, asseado e adquirindo conhecimentos” (ANDRADE, 2011, p. 38). O governo buscou democratizar o acesso a escola, porém acabou por promover exclusão das crianças mais carentes. Exigir uniforme, sapato, material escolar e alimentação era o projeto para apagar as diferenças sociais de cada pessoa, no entanto, acabou por transpor uma barreira material, além de cultural aqueles mais pobres que não conseguiam se manter na escola pública.

No fim da década de 1950, minha mãe estudou em escola pública no interior de Canguçu no Rio Grande do Sul, onde o sustento da família vinha diretamente da agricultura, sendo que seu pai era terciário das terras, ou seja, tudo o que se colhia, metade era para o patrão, e a outra metade ficava para o sustento da família. Nesta época o uniforme era obrigatório, e a mesma relata que se utilizava de um guarda-pós branco, usualmente chamado de tapapo, e um sapato, estilo tamanco, solado de madeira revestido de couro na parte frontal do pé, deixando a parte de trás, os calcanhares descobertos. Tais sapatos eram confeccionados pelos Pomeranos que habitavam naquele território. Esse acessório é uma herança do século XVIII, trazida para o Brasil pelos imigrantes alemães, chamados de colonos, por se diferenciarem com suas vestes típicas carregada de significados regionais das regiões dos territórios que seriam da Alemanha de 1871.

Os sapatos eram obrigatórios para as meninas, já para os meninos somente os mais abastados tinham acesso a tal acessório. Outro grande detalhe era o material têxtil de cada guarda-pós. Os mais pobres confeccionavam seus uniformes com chita, um algodão barato e ralo, já os mais provisionados se utilizavam de tricolina, um tecido leve e sedoso de algodão, um material têxtil mais refinado. No seu relato ela afirma que tudo era comprado. Materiais, uniformes e sapatos. Era obrigatório utilizar-se de um caderno de português e outro de matemática, e ao relatar isso ela menciona que quando não havia mais folhas brancas para serem escritas, seu pai fazia com que ela e seus irmãos apagassem com borracha todo o caderno para reutilizar no próximo ano e/ou no mesmo ano quando findava as folhas em branco do caderno.

Em suas palavras os guarda-pós serviam para uniformizar as classes, para não transparecer desigualdades. No entanto, eram materiais onerosos para as famílias, que não eram pequenas, e que possuíam pouca renda. A mesma relata que ocorriam reuniões com a coordenadora regional de educação da cidade onde ela realizava primeiramente uma reunião com os professores/as e, os instruíam para que doutrinassem os pais da necessidade do uso dos uniformes – guarda-pós, não só como identificação, padronização, mas também higienização e cuidado dos filhos.

Para tanto, pode-se perceber os prós e contras que o uniforme ao longo da história gerou e, verificar que os benefícios eram maiores no que tange a utilização do uniforme, o que justifica seu uso até hoje.

Entre os pontos positivos podemos mencionar, e a fala dos alunos entrevistados exemplifica tais considerações, a economia, segurança, respeito, facilidade e, referência de coletividade. O uniforme acaba por assinalar uma espécie de “imagem identitária”. Visivelmente diagnosticado nos estudos relacionados ao uniforme, onde a principal função dos uniformes, desde o seu surgimento, é a de apontar e padronizar os alunos, vinculados a determinada instituição de ensino.

Para tanto, o uniforme escolar deve nomear visualmente a escola, indicando fatores como: filosofia, postura, linha pedagógica, características particulares de cada instituição.

Lonza (2005) relata que o papel dos uniformes era marcante e nele se apresentavam ideais. Todos estudantes estavam uniformizados (embora utilizassem-se diferenciados por gêneros), demonstrando a preocupação em exibir homogeneidade de uma nação como uma totalidade. Disciplina e ordem engrandecendo “a valorização à condição de virtudes supremas a serem perseguidas” (LONZA, 2005, p. 117).



É palpável perceber na análise das respostas dos alunos que a necessidade de pertencer a um grupo, a visibilidade, a possibilidade de demarcação que diga “esta é a escola” acaba por cumprir seu papel regulador. Os alunos consomem e incorporam noções de normatizações sobre a autoridade, os limites da discrepância, o consentir e o impedir, o pudor e a transgressão (DUSSEL, 2000, p. 107). A roupa indica o sujeito tão profundamente que o liga a sistemas de simbologia, representação que se convertem em signos. As instâncias pedagógicas, por sua vez, também são demarcadas. Mesmo que um uniforme escolar, seja apenas um vestuário ele carrega emblemas de um conjunto articulado de saberes, regras e normas que orientam os alunos como lidar com o corpo e como representar a escola e nela se ver representado, assegurando uma identidade institucional e social. Beck (2012, p. 229) declara que:

Uniformizar-se não se concebe num ritual no qual apenas demarca-se a identidade dos/as estudantes com a instituição de ensino, nem tampouco o uniforme se configura somente num mecanismo promotor de segurança, carregado de preceitos tais como norma, obediência, igualdade identidade, patriotismo, ordem. Por certo todas essas instâncias implicam e marcam historicamente os percursos das escolas ao promover a utilização dos uniformes. Contudo, parece-me que desde sempre (...) tais artefatos perseguiram propósitos pedagógicos e educativos que implementaram, através do seu uso e da sua operacionalidade, proposições aos corpos, seus gestos, suas atitudes, suas identidades.

Dinah acaba por nos afirmar que os uniformes escolares pedagogicamente são simbólicos, ensinam maneiras corretas de vestir o corpo, de apresentar-se, de produzirem aperfeiçoamentos educativos que classificam e sugerem aos estudantes que se afinem a tais práticas escolares.

Partindo de todos as conjecturas mencionados acima, buscou-se analisar através das entrevistas com os alunos aspectos que convergem com tais considerações.

Num primeiro momento quando inferimos os estudantes sobre o seguinte questionamento: “Você se identifica com o uniforme escolar? Se sente representado?”, uma das reflexões primárias das indagações deste estudo, compreendeu-se significativamente a relação simbólica que o estudante tem em relação ao uniforme escolar. Os símbolos acabam por confirmarem a centralidade de identidade de cada sujeito. Por exemplo, um crucifixo, um *piercing*, um traje despojado, ou tradicional acaba por condescender o indivíduo em seu aspecto identitário. Esses símbolos significam e auxiliam na emissão de alguma coisa sobre a pessoa que a usa. Um outro exemplo são cores que remetem a partidos políticos – vermelho e preto, anarquismo, ou então os códigos de vestuário na era feudal – códigos que comunicavam a identidade social de quem as usava determinados trajes de maneira explícita. O que com o surgimento da modernidade veio a se desvaler, tornando o vestuário como um indicador menos claro da identidade de um sujeito. Svendsen (2010, p. 74) explica sucintamente que:

Durante o século XVIII tornou-se cada vez menos usual dar as peças de roupa motivos decorativos com um significado específico, tendo a ênfase passado a incidir mais sobre o corte e a textura. Mas, embora as roupas não forneçam mais indicações tão claras da identidade de quem as usa, ainda tiramos conclusões sobre os outros com base nelas.

Ou seja, apenas em um olhar podemos facilmente julgar a pessoa pelo que ela veste. Supomos que ao observamos uma pessoa com um traje completo de sadomasoquista, presumimos, talvez, que ela tem preferências sexuais que se relacionam a essa área. Ou então se contemplamos um homem que gosta de se vestir bem e de estar na moda. Que investe em seu vestuário e acessórios, sofisticados ou não, frequenta cabelereiros e institutos de beleza, cuida da pele, usa cosméticos, bons perfumes, faz manicure, pedicure, depilação etc., por vezes é taxado de homoafetivo, ou meramente metrosssexual, mas ainda assim está fugindo aos padrões tradicionais masculinos. Ou por vezes se vemos um líder político de uniforme militar depreendemos que o mesmo dirige um grupo ou estado de forma militarizada. Percebe-se, portanto, que as roupas possuem altos valores simbólicos, e o quadro se agrava à medida que observamos a moda de massa que absorveu elementos do vestuário, fetichista, homoafetivo, militar, entre tantos outros. E essas roupas passaram a ser utilizadas também por pessoas cuja identidade não condiz de forma alguma com a origem delas.

Mesmo que certos tipos de roupa expressem algum significado muito claro sobre o quê e quem a está vestindo, pelo menos para alguns grupos de maneira alguma está relacionado à sua origem, identidade. Embora certos tipos de roupa comuniquem algum significado muito claramente por grupos singulares capazes de elucidar os códigos, não se pode dar por certo que todas elas comuniquem significados dessa maneira.

Ao indagar os alunos, observamos em sua fala, claramente que ele “com o uniforme é a escola”, ele se sente representado, ao mesmo tempo que representa a escola, modifica seu comportamento simplesmente por estar se utilizando do uniforme e da representação simbólica que o mesmo carrega. Há orgulho, diferenciação por portar-se uniformizado.

Alison Lurie, autora do livro *A linguagem das roupas*, salienta no início de sua obra que para se constituir uma linguagem das roupas o sujeito deve compor um glossário e ter uma gramática internalizada. Segundo a autora, esse glossário é tão grande quanto as línguas faladas pelos homens, “pois inclui todos os artigos de vestuário, penteado e decoração do corpo já inventados” (2000, p. 5). Ademais, o vestuário capta uma extensão de dialetos, sotaques, arcaísmos, palavras emprestadas e gírias. Resumindo, a analogia com a linguagem é levada de forma

longínqua. As roupas acabam por expressar visualmente o vocabulário pessoal do ser, segundo Lurie.

Por sua vez, Roland Barthes, define em seus escritos, *O sistema da moda* (2009), que a totalidade das relações sociais e atividades necessárias para que a moda exista está ligada diretamente a três aspectos. São eles: a roupa “real” que é a peça de roupa física produzida, a roupa “representada” aquela exibida em revistas e anúncios de moda, e a roupa “usada” a que por fim, é comprada e usada. Em seu livro, Barthes está de sobremaneira dedicado a roupa “representada”, visto que é com ela que nos defrontamos como consumidores. O que se encontra é uma roupa já representada, e que foi decididamente moldada por um discurso de moda. Barthes insiste, portanto, que é improvável colocar a roupa “real” à frente do discurso da moda, e que necessariamente deveria ser o contrário, de forma a passar de um discurso constitutivo (a roupa “representada”) para a realidade construída.

Assim é possível pensar que o significado simbólico de um vestuário pode ser encontrado na consciência de cada sujeito que se utiliza de determinado tipo de roupa. Nesse intento, uma roupa significaria isto ou aquilo segundo a intenção de quem a veste. E é perceptivelmente, relatado na fala de cada aluno entrevistado. Porém para alguns “(...) as roupas podem ter significados que aquele que as usa ignora” (Svendsen, 2010, p. 78). Exemplificado também no diálogo de alguns estudantes. Segundo as palavras de Aries o uniforme escolar *“até tem um fundo didático de poder identificar os alunos, saber quem é e quem não é da escola e tanto que é uma escola humanitária e tem essa função do fardamento e tal, mas eu acho que não... Eu acho que fora desse meio militar totalmente desnecessário. (...)Não teria tanta utilidade assim, tanto que os uniforme são extremamente caros, tecido de péssima qualidade. Eu acho desnecessário”*.

Se removermos o contexto de um vestuário, conforme exposto no diálogo acima, todo o significado de uma peça de roupa também será removido. Isso se expressa significativamente quando Barthes relata que a roupa é um idioma visual. Nessa linha de pensamento Svendsen faz uma abordagem sobre uma peça de vestuário específica pode modificar-se “drasticamente de significado segundo o tempo e o lugar” (2010, p. 79). Ou seja, uma peça usada de forma inadequada, em espaços divergentes, onde há diferentes interpretações se chocam, à medida que as pessoas podem erigir numa absoluta autoridade de significação, ou porque não dizer simbolismo, uma representação fixada por outrem. Posto isto, o uniforme escolar representa para esses estudantes um significado que está diretamente relacionado ao contexto em que os mesmos estão introduzidos. Conforme responde Caelum: *“Sou bastante diferente sem o uniforme. (...)É... Outra*

*peessoa não tem como ser, né?! Mas, eu acho que a minha personalidade aqui dentro perante as regras é uma coisa e fora é outra”.*

É visto, que em cada sociedade certas roupas comunicam alguma coisa sobre quem as usa, e isso conjectura uma ideia compartilhada do que se deve significar. Daquilo que este estudante uniformizado deve representar, ou então ser representado. Este símbolo de representação comunica uma mensagem, porém é difícil proferir uma mensagem, por que não dizer, verdadeira sobre o sujeito por trás do uniforme. Acaba por ser menos um código semântico que um símbolo estético. A medida que o uniforme fala por si, ele tem a natureza de também relatar algo como “olhe para mim!”, reflita de onde venho e quem estou me tornando. Camelopardalis expõe bem esse pensamento: *“Pelo fato de estar andando na rua, com uma roupa normal e eu for atravessar a rua, por exemplo, eu vou ter que ficar ali esperando, se eu não tiver na faixa, aliás. Eu vou ficar ali esperando até alguém de bom grado parar só que se eu estiver de uniforme as pessoas já param. Não sei é por respeito ao colégio ou se é por achar que a gente vai denunciar ou algo do tipo... Mas dá pra ver a diferença de quando a pessoa tá de uniforme e quando não tá”.* O respeito, a disciplina e a representação simbólica que o uniforme traz, está diretamente visível ao outro que o observa.

Não se pode excluir que o uniforme escolar possa “dizer alguma coisa”, mas como meio de comunicação ele não é totalmente adequado aquele sujeito por trás do uniforme. Pois se há uma mensagem a ser dita ao mundo externo, provavelmente ela seria mais eficiente se traduzida em palavras, ao invés de dizê-la em um vestuário, um traje a fim de supostamente transmiti-la.

Em um segundo momento, ao indagar aos estudantes a sua opinião quanto a função do uniforme, os mesmos relatam que o uniforme simboliza igualdade, padronização, estética, inibe desigualdades sociais e econômicas.

Nos escritos de Raquel Rabelo Andrade (2011) percebemos através de sua pesquisa que os uniformes surgiram como uma necessidade de imprimir aos estudantes um vestuário refinado ao cotidiano escolar, para um determinado tempo e sociedade e com o tempo reformulou-se, porém não com tanta fugacidade. Primeiramente, no Brasil, os uniformes eram reproduções de vestimentas adultas e ao decorrer do tempo o estudante pode afastar tal estigma usufruindo de mais conforto e usabilidade, mas ainda assim não se afastou do sentimento de coletividade, pertencimento.

Andrade (2011) exprime que salvo a consideração de o uniforme ser algo coletivo, ele ainda funciona como um vocabulário indentitário, uma espécie de adequação a costumes, tradições, realidades e hábitos de determinados segmentos revelando e objetivando comportamentos. Ou seja,

os uniformes acabam por refletir uma sociedade onde, a função imprescindível é de identificar e padronizar os alunos, vinculando-os as instituições que estudam. Já relata Lyra: “*Representar a instituição*”. Dizer de onde é e, explorar as características do ambiente.

Um exemplo bem específico em nosso país foi durante o período do governo Vargas, onde uma das diretrizes de seu mandato foi democratizar o ensino e para tanto tornou obrigatório o uso dos uniformes escolares no Brasil. Isto gerou na população, rica ou pobre, um sentimento de coletividade, apesar das divergências entre um indivíduo e outro. A popularização dos uniformes levou estudantes à uma semelhança, ou seja, não era mais possível distinguir se cada jovem ou criança pertencia a um determinado grupo social, segundo Silva (2006, p. 16).

Não só naquele tempo, mas nos dias atuais o uniforme reafirma tal designação, já responde Mensa, quando diz que o uniforme serve: “*Pra deixar todo mundo padrão, não tem nenhuma diferença, nenhum julgar o outro pela roupa*”.

Lonza (2005) reforça esse entendimento quando realça a noção de igualdade e identidade. O autor relata que “uniforme é (algo) que só tem uma forma, que não varia, (é) semelhante, análogo, idêntico” (2005, p. 19). Quer dizer, uniformidade é a qualidade de harmonia, coerência, correlação, coesão. Nas palavras de Silva (2016, p. 106) “a escola, através da organização estética de seus alunos, caminhava por firmar-se enquanto instituição disciplinar, assim como o exército, legitima a sua autoridade”. Ou seja, o uniforme acaba por “*padronizar e definir de onde tu é*” (*Hydra*) como instituição.

Percebemos nos escritos de Marcon (2010) que a realidade da simbologia do uniforme escolar ante o estudante que o veste, acaba por ser um agente identificador que o regala segurança por meio do usuário e daqueles que os vislumbram. Segundo ela é passada uma impressão de que mesmo o uniforme escolar sendo um “uniforme escolar” seu sentido existencial sofreu várias mutações ao gosto dos tempos. Conforme a humanidade foi passando por processos de evolução esta vestimenta fixou-se na idealização, mas não na conceituação.

O uniforme escolar, no decorrer da história serviu para identificar, controlar e padronizar os alunos das instituições que o utilizam e até hoje utilizam. Há os que se referem ao seu uso como forma de segurança e outros que afirmam ser o uniforme um encobridor das diferenças sociais de uma mesma escola e/ou sala de aula, além dos efeitos estéticos que oportunizariam com imagens mais harmoniosas (MARCON, 2010, p. 21).

Não só nas palavras de Marcon, mas na dos estudantes entrevistados, é perceptível a conceituação de igualdade, padronização o que faz refletir que o uniforme acaba por introjectar um instrumento de representação simbólica que move “dentro do campo educacional um conjunto de

sinais socialmente qualificados e apreciados que serve de orientação para a reprodução de um *habitus*, constituído de manifestações também simbólicas e de necessidades culturais produzidas pelo sistema educacional” (RIBEIRO, 2012, p. 21). Parece que as relações de poder na adoção dos uniformes escolares, age sobre os corpos de quem as veste, produzindo conformidade, modelando relações individuais e, porque não dizer, também com o outro. Nessa perspectiva foucaultiana Dussel (2007, p. 133) explica que:

(...) los individuos son producidos junto a otras instituciones sociales como parte de lo gubernamentalización de la sociedad. Esta producción implica el despliegue de tecnologías específicas que moldean tanto el cuerpo como el alma de los sujetos modernos, y pueden ser rastreadas en lo que llamaré el ‘regime de apariencias’, un sistema que regula como la gente y las cosas deben verse o mostrarse, como los cuerpos deben desempeñarse publicamente y como los espacios deben lucir para ser considerados educados.

De uma certa forma, os alunos apenas produzem discursos pré-estabelecidos e internalizados no que a própria Inês Dussel evidencia através de suas ideias que os uniformes servem como inibidores de contrastes entre ricos e pobres, tão caros à ideia de democratização, não só dos corpos, das instituições de poder e/ou do regime de aparências. Ao compor símbolos de padronização, os uniformes escolares acabam por tornarem-se elementos fundamentais na construção de um sistema de educação postulada igualitária, ainda que em circunstâncias distintas. *“Na minha opinião, o uniforme faz com que uma escola ela seja mais padronizada. Seja um... Que não seja... Por exemplo, um condomínio, um cidadão quer pintar um apartamento dele externamente só que aí se ele pintar externamente o outro vizinho dele também vai querer pintar externamente, então vai ficar um multicores. Então, eu acho que é pra isso que ser o uniforme, pra padronizar todo o colégio e, assim, fazer com que tudo fique um pouco mais normal, pra que não seja tão extravagante”* (Libra). Ou seja, as aparências importam sim e, muito.

Através das conversas com os estudantes percebe-se que os mesmos passam muito tempo do seu dia com estes uniformes. Estudam, praticam atividades físicas, participam das instruções antes do início das aulas e ao final das mesmas, tal método é intitulado “entrar em forma” no qual os alunos são separados por pelotões ou batalhões, no pátio da escola, onde juram a bandeira, são ordenados e recebem instruções de ordem do dia, se necessário. “E é nesta atribuição de sentido que percebemos que as representações não são ingênuas. Apesar de se proporem a uma aproximação com a realidade, sempre são influenciadas pelos interesses do grupo que a produz” (CHARTIER, 1990, p. 17). Produzir representações reflete diretamente na produção do discurso. Relato exemplificado na fala de Monoceros: *“a função do uniforme que eu vejo, assim, é tornar todo*

*mundo igual, assim, não mostrar as diferenças entre todo mundo, entre as pessoas, assim, amenizar um pouco a diferença e ajudar as pessoas a não olhar pros outros já julgando, principalmente, pela roupa que é o caso do uniforme, assim”.* Um meio de coesão de um grupo, a nível de aparências, caracterizando uma categoria, ou uma função apropriada dentro de um contexto pré-determinado (ECO, 1989).

A partir do questionamento acima, os inqueri acerca de qual as identificações eles têm no uniforme que identificam o colégio Tiradentes?

Suas respostas ocupam-se em traduzirem a escola. O uniforme fala, transpõe, simbolicamente o colégio. A fala de cada um exemplifica detalhes de identificação. Um deles é que o uniforme *“tem a, o símbolo do colégio na boina, e nas camisetas também, na gandola tem o símbolo do colégio, na calça mesmo. No CT3 diz Colégio Tiradentes, no casaco também, em bastante partes do uniforme, assim, qualquer um dos uniformes tem alguma coisa que identifica o colégio”* (Cassiopeia). Ou seja, as roupas dão lugar a iniciativas que os diferencia em relação aos outros e as unidades que a pertencem. É a necessidade de se distinguir, de se identificar como instituição e dar reconhecimento, pois o uniforme impõe controle, eficiência e poder social através de uma educação que reconhece o significado daquele que o veste e imprime a instituição que transporta.

Mesmo que ingenuamente capta-se que o uniforme revela muitos significados; visões pedagógicas; conversão social, disposições políticas e relações de poder. Uma vez que na fala dos alunos percebemos que mesmo que todos utilizem-se do uniforme escolar, *“uniforme – que só tem uma forma, não varia”*, ainda assim traz consigo diferenciais que, por vezes, gera desconforto por parte de alguns estudantes. O Colégio Tiradentes por ser uma escola pública, singular na cidade de Pelotas, acaba ao longo de sua trajetória diferenciando-se na maneira disciplinar e vem a traçar significados e construções distintas por sistemas simbólicos e linguísticos de representação de seus artefatos que regalam aos alunos mesmo que uniformizados discrepâncias entre uns e outros alunos. Libra relata que *“essa é uma escola mais ou menos movida a nota, sabe?! Por que, como essa é uma escola diferenciada de Pelotas ela acaba sendo única e o fato de ser única também vai ter o seus alunos únicos, os destaques e é o alamar que vai mostrar isso. Mostra quem tem a maior nota e isso é bom pois faz com que a pessoa fique encorajada pra buscar o melhor de si... Pra... Uma média maior, maior nota pra que assim, ela ultrapasse até os seus próprios limites. Mas, o problema é que isso acaba gerando muitos conflitos pois algumas pessoas quando adquirem o mesmo, elas tem algumas que começam a ficar mais arrogantes e usam dele pra se sentir superior*

*aos outros e às vezes até usar isso contra a pessoa*”. Isto é, aquilo com que os identifica, ou a menos deveria padronizar, uniformizar, acaba por em seu próprio contexto demarcar distintos significados e discursos, mesmo que simbólicos, representam e emanam produções de identidade, tanto culturais quanto sociais desiguais. Tais símbolos acabam por traduzirem comportamentos.

Segundo Bourdieu (1999), a hierarquia dos objetos legítimos ou não são mediações que se estudam através de imposições a censuras específicas de um determinado campo. Considerando essa questão, Bourdieu reitera que “a definição dominante das coisas boas de se dizer e dos temas dignos de interesse é um dos mecanismos ideológicos que fazem com que coisas também muito boas de se dizer interessem a ninguém, ou só possam ser tratados de modo envergonhado ou vicioso” (1999, p. 35). Na prática o mecanismo uniformizador contribui para que os sujeitos se conheçam pertencentes à cultura escolar, que podem interferir na sua formação, assim como no espaço que coabitam uns com os outros procurando compreender “o que é que as pessoas fazem com os modelos que lhes são impostos ou com os objetos que lhes são distribuídos?” (BOURDIEU, 1999, p. 34). Para tal questão os objetos, processos organizacionais que existem no interior da instituição escolar compõem um conjunto de valores, regras, normas sociais, que estruturam o saber e a transmissão por vezes cognitivas e simbólicas do próprio colégio.

O quarto questionamento veio para contemplar em suas falas a importância do uniforme. Questionou-se se o aluno se considera parte importante do Colégio quando usa o uniforme?

A fala dos alunos versa muito sobre a representação. Onde a estrutura escolar acaba por construir relações de respeito, disciplina, estética, valorização, por vezes orgulho e cidadania. O uniforme transparece uma educação melhor.

Nas legislações educacionais o apreço por educar jovens cidadãos é significativo. E nos tempos atuais nunca se esteve tão vivo a palavra cidadania. Não apenas nas escolas, mas nos palanques, rádios, emissoras de televisão, redes sociais, discursos inflamados e controversos, por vezes, material disponível a apenas um clique, que gera convicções deveras equivocadas em alguns casos, devido as ações comuns a que essa palavra apregoa. Todos buscam esclarecer o que vem a ser isso, porém poucos realmente sabem o seu significado efetivo.

Cidadania provém do latim *civita*, assim como Política vem do grego *pólis*, ambas significando cidade. Preservada pelos ideais liberais da Revolução Francesa ao final do século XVIII, a concepção de cidadania vem sendo utilizada até os dias atuais como menção ao direito de igualdade política e à participação (ZANELLA, 2008, p. 85).



Aprende-se que ser cidadão está relacionado a sujeição e a forma como o sujeito deve se posicionar frente a realidade e, considerando, portanto, que é possível aprender a ser cidadão em um contexto de sala de aula, ou de uma instituição. Para delimitar tal ponderação, é necessário que delimite-se a palavra cidadania aqui como *condição*, na dimensão em que diz respeito ao lugar preenchido pelo sujeito no ambiente social. “Diz respeito, portanto, a forma como nos inserimos no contexto social, ao acesso (ou não) que temos aos bens culturais historicamente produzidos pelos homens, à possibilidade de participar das decisões que dizem respeito a coletividade, ao efetivo exercício das possibilidades humanas” (ZANELLA, 2008, p. 88). Ou seja, ao mesmo tempo que cidadania é uma condição, o espaço não deve ser delimitado unicamente a aprendizagem ou a um contexto. Porém é claro, conforme Freire (1994) exemplifica em seus escritos aprender a ler e escrever não basta para usufruir da plena cidadania. O acesso ao conhecimento, as discussões travadas dentro de um colégio, o incentivo à leitura crítica da realidade e a forma como o espaço pedagógico é organizado, influencia consideravelmente na formação de cada sujeito.

Prova disso é a fala de Aquila quando responde claramente a pergunta sobre se sentir importante quando está com o uniforme da escola. “*Sim, até porque eu... O tenente, ele dá aulas mostra como a gente deve se comportar como cidadão, que essa escola, na verdade, tá nos preparando pro mundo lá fora e daí, até diz ali pra gente... Disse um dia pra gente, preparando cidadãos para o mundo...*”. Sua expressão emite um significado de cidadania. A qual pode ser definida simplesmente por gozo de direitos civis e cumprimento de deveres de acordo com as leis estabelecidas em sociedade. Não deixa de ser um conceito, uma *condição* que pode perfeitamente confundir as pessoas pela complexidade do seu conceito, como pela relação do seu uso, sobretudo em sociedades com necessidades básicas, como é o caso do povo brasileiro. Enfim, se formos aprofundar seu conceito iremos nos delongar demasiadamente.

Fato é que o nível de conscientização destes alunos ainda não é revelador e não está destoante daquilo que lhes é exemplificado, explanado. A consciência crítica de cada aluno está sujeita as relações aparentes, do dia-a-dia no colégio, a representatividade no processo de ensino, não só escolar, mas militar, no que diz respeito às normas da instituição. Andromeda exemplifica bem essa consciência em sua fala: (...)*mais um no grupo com certeza. Até a gente diz “A família Tiradentes”, mas a gente se sente importante, mas não superior a ninguém*”. Representatividade, orgulho, estética, formação estruturada no contexto vivido.

Segundo Bonin (2008, p. 98) “a reflexão não é um processo somente destinado à adaptação do ser humano ao seu meio, mas principalmente à transformação deste último, que por sua vez

modificará o ser humano no bojo de um movimento histórico”. Ou seja, a sua consciência não é ingênua, não está comprimida as transformações sociais, e significativamente as transfigurações do acúmulo de informação que cada aluno adquire, conforme vai estabelecendo diretrizes aos seus desígnios.

E por fim, ao indagar os alunos como eles se sentem quando usam o uniforme escolar, certifica-se que o uniforme é um símbolo de representação de uma identidade coletiva construída pelo colégio e que determina o que se espera do aluno.

Silva (2006, p. 56) em seus escritos deixa claro que “os uniformes escolares fazem parte de toda uma simbologia que permeia as instituições educativas e postula valores, normas e intenções que impregnam a relação pedagógica sem que, para isso, seja necessário o discurso verbal”. Nesse mesmo intento Umberto Eco (1989) sustenta que o vestuário contém uma linguagem e código próprios. O uniforme acaba por impedir a identificação ideológica de cada sujeito, estando, portanto, cada aluno dotado de um mesmo significado comum, que simplesmente os identifica como um aluno em especial, de uma instituição diferenciada. Este código e/ou linguagem, é articulado de forma a impedir que seu portador se expresse através de seu vestuário.

O vestuário é uma forma de comunicação, e, segundo a semiologia ele está inserido num quadro mais amplo, no quadro de uma vida em sociedade onde tudo é comunicação. Isto porque as pessoas se comunicam através de uma infinidade de sinais que podem ser os gestos das mãos, o movimento dos olhos, as inflexões da voz, enfim, toda forma de expressão. Assim como a expressão “Bom dia!”, através de quem a emite e da forma como o faz pode ter os mais variados significados: felicidade, tristeza, raiva, desprezo pelo tom de voz e ter diversos significados, dependendo do contexto cultural em que está inserida. (...) O mundo da comunicação não verbal possui uma amplitude de limites (SILVA, 2006, p. 61, 62).

Nas palavras de Silva, é compreensível expressar que o pesquisador possui um vasto e contínuo olhar a sua volta que expressa comunicação de vida cotidiana, em todos os níveis, portanto, ao que cabe a esta pesquisa, pode-se admitir que existe uma ciência da moda como interlocução do vestuário e como articulação de linguagem e/ou glossário. “Há casos em que o objeto perde a tal ponto a sua funcionalidade física e adquire um valor comunicativo a tal ponto que se torna acima de tudo um sinal, e permanece objeto apenas em segunda instância. A moda é um destes casos” (ECO, 1989, p. 15). Quer dizer, o vestuário não permite apenas a transmissão de símbolos e representatividades, mas identificações ideológicas, segundo a tradução emitida e a forma que lhe é exposta para transmitir. Neste sentido o uniforme escolar impossibilita uma

identificação individualista e sim coletiva. Seu uso acaba por representar uma multidão e oculta sua expressão, através das roupas, de sua identidade.

Peter Stallybrass (2016) em seu livro “O casaco de Marx: roupas, memória, dor” externa uma reflexão acerca da relação que as pessoas arquitetam com suas roupas e objetos em geral. Para Peter, as peças do vestuário são como agentes amoldados à forma humana e trazem a marca de cada pessoa. Stallybrass retrata uma discussão referente a relação entre o casaco, utilizado no primeiro capítulo do “O capital”, de Karl Marx, para retratar a vida mercadológica da época, e o casaco do próprio Marx. Historicamente na Inglaterra, na época da Renascença, a sociedade concentrava-se em explorar a roupa, além da indústria têxtil, com a manufatura de lã. A roupa era considerada naquele momento como moeda de troca, onde essa sociedade via nas peças do vestuário uma forma de valor.

Se observarmos a história quando os Incas conquistavam novos territórios, eram outorgadas roupas aos novos cidadãos, que eram, por assim dizer, mais valorizados. A esse respeito Stallybrass afirma que um presente têxtil era, um simbolismo das obrigações para com o bem e o novo status dos novos cidadãos. Em troca deste suposto presente, os novos cidadãos eram obrigados, a tecer roupas para os seus líderes.

E na Europa, na época de Marx, ao analisarmos os armazéns do Estado, descobrimos que comida, armas e ferramentas possuíam um número ínfimo, diante do armazenamento de lã e algodão, roupas e vestimentas. Ou seja, nesse tipo de organização social e econômica o vestuário tanto significava moeda quanto integralidade. O autor defende que a uniformização do vestuário e das atitudes para com as roupas é materialmente inscrita nas relações sociais.

A obra de Peter ainda ressalta que o casaco de Marx determinava diretamente o trabalho que ele poderia realizar ou não, se o mesmo estivesse ou não na loja de penhores.

Nesse momento, por meio dos tecidos, dos motivos e das texturas, cada país exprimia sua linguagem, expressando, por meio desta sua identidade cultural. A este fim, obrigar todas as pessoas a vestirem-se da mesma forma, com as mesmas roupas não seria repelir a identidade de cada ser e a não manifestação através dos trajes? Ou então, abdicar de sua identidade e assumir outra?

Silva (2006, p. 71) relata que:

Os uniformes escolares surgiram para minimizar as diferenças e para auxiliar a disciplinar os alunos. Esses trajes fazem parte de uma estrutura burocrática que está acima dos desejos de cada um. Dentro da escola, o conceito de normalidade é atribuído a todos que estão uniformemente trajados.

Ou seja, a comunicação não verbal, mantém bem visível os seus modos, hábitos de vestir (ARIÉS, 1986).

Após as análises, é plausível depreender que tanto a história da indumentária, quanto os uniformes analisados através da fala dos estudantes do Colégio Tiradentes Brigada Militar, que sim, a aparência é relevante no conceito comunicação, representação e simbologia.

O sujeito, mesmo ingenuamente, acaba por informar através das suas vestes sua identidade, ou ao menos a identidade que procura representar. Toda uma construção é feita e, internalizada, ainda que tais sujeitos não desejem, através dos suportes que habilitam os espaços didáticos e cotidianos da sociedade. E no que diz respeito ao vestuário, aos uniformes escolares, as indumentárias, os sujeitos buscam aceitação e referenciais ao se vestirem. Não é um ato simplista, como se pode observar nos escritos dessa dissertação.

Implicitamente os uniformes escolares possuem a mesma função representativa das indumentárias, do vestuário cotidiano, eles esboçam vocabulários, glossários do sujeito em questão. Elas acabam por construir identidades, mesmo que primárias, mas significativas no quesito comunicativo.

Ao observar o cotidiano escolar do Colégio Tiradentes é perceptível atentar a paternalidade dos sargentos, tenentes, soldados, professores, funcionários em relação aos estudantes. Eles buscam passar aos alunos que ali, usufruindo de aparatos pedagógicos, como os uniformes, eles são sujeitos de sua história, de sua conduta, de seu caráter adquirido no período letivo, bases que constroem seu futuro como agentes históricos, cidadãos inseridos em uma sociedade ímpar.

A comunicação, representatividade e simbologia que os uniformes escolares transparecem é considerável na questão parecer ser, em todo o contexto do Colégio Tiradentes, e conforme visto acima, na questão histórica e social também.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos escritos acima, pode-se compreender mudanças sociológicas, psicológicas e estéticas intrínsecas as modificações do estudo em si.

O estudo apresentou diversas facetas. Fato é que o estudo em si não se resume a essas linhas, ele abre muitas outras particularidades. O vestuário dependendo da atmosfera, das mentalidades, das relações de poder, do eu em detrimento do outro, traz consigo contrastes da sociedade, a qual se revela através de símbolos e representações, sinais exteriores como a vestimenta – os modos, linguagem, espaço. Tais transformações predominam uma variedade maior no que tange as questões de julgamento, nas demarcações sociais, intransponíveis a comunicação.

Ao elaborar essa pesquisa pude vislumbrar que sim, o uniforme escolar em pleno século XXI ainda é um aparato pedagógico, impregnado de significados do passado e presente, que traz ao sujeito, ingenuamente ou não, diretrizes em seu cotidiano.

Ao delinear o primeiro capítulo pude perceber o quanto a metodologia é importante no decurso de uma investigação, o valor que a apropriação de organização, sistematização auxilia, e como, o processo de escrita. A gênese do estudo tem toda uma singularidade, visto que a pesquisa não partiu de uma mera investigação, ela se moveu ao longo da minha trajetória de vida, através da escola da vida, porque assim não dizer.

O segundo capítulo demonstrou as influências que a moda teve ao longo dos tempos, e como o uniforme escolar, um aparato, aparentemente, insignificante, mas que trouxe a criança o seu lugar de infância no mundo, não mais uma miniatura de um adulto, mas o relegou a um status de ser em desenvolvimento, que necessita estar aseado, higienizado, educado e devidamente apresentado. Representando e sendo representado. E nas diretrizes e normas do Colégio Tiradentes isso é evidente. É preciso representar, estar apto a valorar o que a escola busca em sua visão e diretriz curricular.

O terceiro capítulo é fascinante. Ao poder analisar a fala de cada estudante do Colégio, ouvir em suas falas o quanto os símbolos e a representatividade estão presentes. E que mesmo eles sendo parte de algo, sendo valorizados por estar e fazer parte do Colégio Tiradentes, identificados com o uniforme escolar, ainda assim, são sujeitos em construção além do uniforme. Ressaltando que tal suntuosidade os ensina e carrega uma comunicação a ser explanada e internalizada por cada estudante.

Como diria Geraldo Vandré temos “ a certeza na frente, a história na mão”. Essa frase nunca foi tão viva em meus escritos, como o é agora. Tenho a certeza de que através do presente, sim, fazemos história, temos ela na mão. Ela é a comunicação que traz valor ao presente, sempre interagindo com o passado. Os uniformes escolares relegaram e ainda relegam signos que transpassam nosso entendimento histórico e filosófico, ele carrega signos psicológicos que embora, queiramos ou não, demonstram os aspectos mais extraordinários do ser humano – o parecer ser em detrimento do ser. O uniforme como símbolo, ensina o vestir o corpo, o apresentar-se, o aperfeiçoamento educativo que o classifica e sugere afinidades e práticas escolares. Ainda que certos tipos de roupa expressem um significado claro, como os uniformes, ainda assim o quê e quem está vestindo é que relega à sua origem e identidade.

Percebe-se que ao longo do estudo, e na fala dos estudantes, mesmo que eles não queiram ainda assim estão sendo influenciados diretamente pelos uniformes escolares e por todo aparato direcionador que o Colégio traz consigo. E eles querendo ou não se amoldam cotidianamente ao uniforme, e as características que o mesmo carrega em si. Isso é comunicação, não apenas visual, como alguns relatam, mas histórica, afinal eles fazem parte de uma instituição militar.

Após o estudo, ao menos a mim, fica claro, o uniforme escolar está aquém do sujeito que o veste, porém traz consigo uma identidade, diariamente construída através dos mecanismos que ele apresenta e/ou apresentou durante a sua história, não só modal, mas parte de um sistema político, econômico e social de grupos singulares que o concatenaram.

Muda-se os aparatos, modificam-se os tempos, porém ele apresenta-se de forma ícone nos dias atuais, o uniforme escolar ainda traz consigo “a certeza na frente, a história na mão” daqueles que se apoderaram dele.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Raquel Rabelo. **Diretrizes projetuais para o desenvolvimento de uniformes escolares**. Dissertação (Mestrado)–Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/96269>>. Acesso em 17 maio 2015.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. (trad. Dora Flaksman) 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BARTHES, Roland. **Sistema da moda**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- BECK, Dinah Quesada. **Com que roupa eu vou? embelezamento e consumo na composição dos uniformes escolares infantis**. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/61954>>. Acesso em 05 maio 2015.
- BERNARD, Malcolm. **Moda e comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BONIN, Luiz Fernando Rolim. Educação, consciência e cidadania. In.: SILVEIRA, AF., et al., (Org). **Cidadania e participação social [online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Disponível em: < <http://static.scielo.org/scielobooks/hn3q6/pdf/silveira-9788599662885.pdf>>. Acesso em: 10 março 2017.
- BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Médiations pascaliennes**. Paris, Seuil, 1997.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. 12ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRAGA, João. **História da moda: uma narrativa**. 4.ed. rev. e atual. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. 1.ed. 1. Impressão. São Paulo: Contexto, 2012.

CHARTIER, Roger “Textos, impressos e leituras” In\_\_\_\_\_. CHARTIER, Roger **A história cultural: entre práticas e representações** Lisboa: Difel, 1990, p. 121-139.

CORAZZA, Sandra Mara. O paradoxo do uniforme. **Pátio: Revista Pedagógica**, Porto Alegre, ano 7, n. 28, p.54 -56, nov.2003/jan.2004. Enfoque.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. 2 ed. Trad. Cristiana Coimbra. São Paulo: SENAC, 2013.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral – memória, tempo, identidades**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DUSSEL, Inés. Histórias de guardapolvos y uniformes: sobre cuerpos, normas e identidades em la escuela. In: GVIRTZ, Silvina. **Textos para repensar el día a día escolar: sobre cuerpos, vestuários, espacios, lenguajes, rytos y modos de convivencia en nuestra escuela**. Buenos Aires: Santillana, 2000, p. 105-132.

\_\_\_\_\_. Los uniformes como políticas del cuerpo: um acercamiento foucaultiano a la historia y el presente de los códigos de vestimenta en la escuela. In: GÓMEZ, Zandra Pedraza. **Políticas y estéticas de cuerpo em América Latina**. Bogotá: Universidad de los Andes, Facultad de Ciencias Sociales, Departamento de Antropología, CESO, Ed. Uniandes, 2007.

ECO, Umberto (Org.) **Psicologia do vestir**. São Paulo: Assírio e Alvim, 1989.

EMBACHER, Airton. **Moda e identidade: a construção de um estilo próprio**. 3.ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

FERNANDES, Renata. **Moda e Comunicação na pós-modernidade – um estudo sobre a moda como sistema de comunicação subjetivo no contexto da Pós-modernidade**. Juiz de Fora: Facom, UFJF, 2005.



FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. Disponível em: [http://revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/topoi05/topoi5a13.pdf](http://revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi05/topoi5a13.pdf) >. Acesso em: 07 ago. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 28.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FREIRE, P. “Alfabetização e cidadania”. In: GADOTTI, Moacir ; TORRES, Carlos Alberto. **Educação popular: utopia latino-americana**. São Paulo: Cortez, 1994.

GAIA, Mariana et al. **Moda e identidade: individualização e socialização**. Disponível em:< [http://legacy.unifacef.com.br/rec/ed07/ed07\\_art04.pdf](http://legacy.unifacef.com.br/rec/ed07/ed07_art04.pdf) >. Acesso em: 01 out. 2014.

GARCIA, Carol ; MIRANDA, Ana Paula. **Moda é comunicação**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

GILLIS, John. **Commemorations: the politics of national identity**. Princeton: Princeton University Press, 1994.

GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselm L. **The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research**. New York: Aldine de Gruyter, 1967.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa v3.0**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KÖHLER, Carl. **História do vestuário**. 2.ed. São Paulo: M. Fontes, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomas Tadeu da Silva , Guaracira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE GOFF, Jacques. História das mentalidades: uma história ambígua. In: LE GOFF, J.; NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

LONZA, Fúrio. **História do uniforme escolar no Brasil**. Brasília : Ministério da Cultura, 2005.

LURIE, Alison . **A linguagem das roupas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

MARCON, Mônica D'Andréa. **Aspectos históricos do uso dos uniformes escolares: reflexões no campo da educação e da moda (1940-2000 Caxias do Sul)**. Caxias do Sul: UCS, 2010. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: < 113

<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/512/Dissertacao%20Monica%20DAndrea%20Marcon.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 maio 2015.

MATOS, Júlia Silveira. Aprendizagem histórica: o ensino da história na graduação de arquivologia. **Revista Eletrônica Documento/Monumento** [recurso eletrônico]. Cuiabá, v. 20, n. 1, dez. 2016. Disponível em: < <http://200.129.241.80/ndihr/revista/revistasanteriores/revista-dm-20.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

OLIVEIRA, Talita Souza de. **Moda: um fator social**. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100133/tde-13052013-161455/pt-br.php>>. Acesso em: 30 jul. 2014.

PELOTAS (RS). Colégio Tiradentes Brigada Militar. Portaria Nº 535/EMBM/2012, de 13 de dezembro de 2012. Anexo A . **Manual do aluno Tiradentes**. Disponível em:< <http://colegiotiradentes.g12.br/institucional/legislacao/manual-do-aluno-tiradentes/>>. Acesso em: 7 jun. 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p.200-215, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>> . Acesso em: 07 ago. **2016**.

PRADO, Luís Andre do; BRAGA, João. **História da moda no Brasil: das influências às autoreferências**. 2.ed. Barueri, SP: Disal, 2011.

RIBEIRO, Ivanir. **“Sem uniforme não entra”**: o uniforme escolar na Escola Técnica Federal de Santa Catarina (1962-1983). Florianópolis, 2012. Disponível em: < <http://www.tede.udesc.br/handle/handle/979?locale=en>>. Acesso em: 10 maio 2015.

RICOUER, Paul. **Temps et réctis, 1: l'intrigue et récit historique**. Paris: Seuil, 1983.

SILVA, Katiene Nogueira da. **“Criança calçada, criança sadia!”**: sobre os uniformes escolares no período de expansão da escola pública paulista (1950/1970). São Paulo: FAPESP, 2006. Disponível

em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29062007-152705/en.php](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29062007-152705/en.php)>. Acesso em: 20 maio 2015.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupa, memória, dor . Trad. Tomaz Tadeu. 5.ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Bases de la investigación cualitativa**: técnicas y procedimientos para desarrollar la teoria fundamentada. Medellín (Colômbia): Universidad de Antioquia; 2002.

SVENDESEN, Lars. **Moda**: uma filosofia. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ZANELLA, Andréa Vieira. Escolarização formal e cidadania: possíveis relações, relações possíveis?. In: SILVEIRA, A.F. et al.(Org.). **Cidadania e participação social** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p.84-91. Parte III: Cidadania e educação. Disponível em: < <http://static.scielo.org/scielobooks/hn3q6/pdf/silveira-9788599662885.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

## ANEXOS

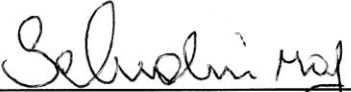


SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Major Paulo Renato Scherdien, CPF/RG nº 591542170-91, comandante e diretor do Colégio Tiradentes Brigada Militar situado na Av. Duque de Caxias 456 – Fragata, na cidade de Pelotas, estado do RS, concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável o(a) aluno(a) de graduação Letícia Oliveira Borges, nº de matrícula 104282, do curso de Mestrado em História da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com depoentes, visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a), a realização de um trabalho de conclusão de curso. Minha participação consistirá em conceder autorização para realização de entrevistas que serão gravadas e transcritas. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

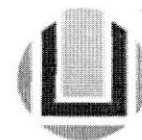
  
 \_\_\_\_\_  
 Assinatura

Paulo Renato Scherdien  
 Maj. QOEM - Cmt CTBMPel  
 Diretor  
 Id. Func. 2279983

Pelotas, 18 de Agosto de 2017.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Edela Oliveira Borges, CPF/RG nº 449783160.49, residente e domiciliado na rua Allan Kardec, 412 na cidade de Pelotas, estado do RS, concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável o(a) aluno(a) de graduação Letícia Oliveira Borges, nº de matrícula 104282, do curso de Mestrado em História da Universidade FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com depoentes, visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a), a realização de um trabalho de conclusão de curso. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

  
Assinatura

Pelotas, 18 de AGOSTO de 2017.

## ENTREVISTAS TRANSCRITAS:

### 1. ANTLIA

Letícia: Eu vou conversar com a Antlia, aluna do Colégio Tiradentes. Antlia, tu gosta do uniforme? São três tipos de uniforme, né?! Tu gosta do uniforme da escola?

**Antlia:** Depende do ponto de vista, eu acho que o uniforme é bom porque tu não tem que ficar pensando em uma roupa, não tem que escolher nada. É mais fácil, é mais simples, só que nem todo o uniforme é confortável, mas eu acho que é melhor por que é mais fácil de se vestir.

Letícia: Qual uniforme que não é confortável?

**Antlia:** O uniforme que usa sapatinho, que é meio ruim porque às vezes chove, coisa, e é bem desconfortável.

Letícia: É o CT?

**Antlia:** É o CT2 e o CT1.

Letícia: CT2 e CT1...O CT1 é de gala né?

**Antlia:** É...

Letícia: Não é tão confortável e o CT2 é o que vocês mais usam, né?!

**Antlia:** Sim, é o que a gente mais usa. Só que às vezes é ruim, que tá chovendo. Aí é muito ruim de vir com o sapatinho, por que tu pisa na poça e aí o sapato fica ruim de usar.

Letícia: Como é que tu descreve o teu uniforme?

**Antlia:** Não sei, às vezes... Depende se tá muito calor o uniforme é meio ruim de usar, por que tem muita coisa nele. Mas se tá tranquilo o tempo, é bom de usar o uniforme?

Letícia: São muitos acessórios? Não é acessórios, são muitas peças?

**Antlia:** É, o CT2, ele tem que usar camiseta e tem que usar a gandola por cima e às vezes tem que colar o suéter, aí quando tá meio calor é ruim de usar.

Letícia: Uhum...

**Antlia:** Aí tem mais uma saia-calça, que se tá frio é ruim de usar só meia calça.

Letícia: Ah, sim...Tem uma diferença entre o uniforme masculino e o uniforme feminino?

**Antlia:** Ah, os meninos usam calça mesmo no verão e inverno, as gurias, a gente usa no verão, sapatinho e meia calça e no inverno legging e bota. Só que no inverno, às vezes, dá aqueles calorão e a gente tem que usar o negócio muito quente e às vezes no verão fica frio e a gente tem que usar um negócio muito fresco.

Letícia: Tu te identifica com o uniforme escolar?

**Antlia:** Um pouco, por que meio que define que tu é aluno daqui é o uniforme, porque todo mundo te reconhece pelo uniforme, tipo, o uniforme tu enxerga de longe, “Ah, aquele lá é um aluno Tiradentes!”.

Letícia: Uhum... E aí tu te sente valorizada, tu te sente identificada?

**Antlia:** Às vezes. É bom porque, por exemplo, quando tu quer atravessar a rua olham pra tua roupa e às vezes param, normalmente, até um idoso eles não param o carro, mas olham a gente de uniforme e param o carro.

Letícia: Uhum... E porque que tu acha isso? Esse respeito?

**Antlia:** Não sei, às vezes as pessoas tratam a gente como se a gente fosse militar, coisa que a gente não é e às vezes as pessoas tem medo da gente que... É uma coisa boba (Risos).

Letícia: Uhum... Sim, sim. Então, tu te sente valorizada, então, com o uniforme escolar?

**Antlia:** Um pouco, sim.

Letícia: Na tua opinião, qual é a função do uniforme?

**Antlia:** Eu acho que é mais... Todo mundo ficar igual, assim, não tem aquele negócio, tipo, competição. Tipo, ai eu tenho que ir muito arrumado pro colégio, não, tu vai com a mesma roupa, todo mundo vai tá igual, não faz diferença essa coisa.

Letícia: Não tem... É uma briga entre quem tá mais vestido, quem tá mais...

**Antlia:** Sim, não tem aquilo, tipo, “Ah, ele usou a mesma calça no mesmo dia”. Não. Tu usa o mesmo uniforme, não faz diferença. O negócio, tipo, tu usa a mesma calça no dia seguinte, o usa o mesmo moletom e a pessoa já fica “Nossa, ele tá com a mesma roupa” e é uma coisa muito ruim.

Letícia: E aqui não tem...

**Antlia:** Aqui não tem, Aqui é uniforme e tu vai sempre usar uniforme.

Letícia: Qual o cuidado que tu tem que ter com o uniforme?

**Antlia:** Ah, tem que deixar ele bem passado, deixar ele limpo. É o básico que tem que fazer.

Letícia: Ah, e por exemplo, o uniforme, quando você entra na escola, eles te dão o padrão do uniforme e você vai usar aquele uniforme durante os três anos ou não?

**Antlia:** Sim. É durante os três anos, só que aí depende, às vezes eles liberam mais o CT3, que é o de educação física ou tem evento é CT1 aí varia.

Letícia: Tu já tá no segundo ano é o mesmo uniforme desde o primeiro ano ou tu já fez novo?

**Antlia:** Não, é o mesmo uniforme.

Letícia: Mesmo uniforme... Pretende usar ele até o último ano mesmo?

**Antlia:** Sim, eu não estrago o uniforme, então não tem necessidade de fazer outro.

Letícia: Então, sempre bem cuidado pra que não venha estragar... E em quais momentos você utiliza o uniforme? Na escola, todos os dias? E fora da escola, você usa o uniforme?

**Antlia:** Não, não pode usar o uniforme fora do colégio, aí já é... A gente só usa quando tem evento e coisa que.. Aí o colégio que escolhe.

Letícia: Mas, por exemplo, você sai daqui, se você tivesse cursinho... Ano que vem, você tem cursinho, né?! Você sairia com o uniforme e iria pro cursinho ou você trocava de roupa?

**Antlia:** Eu não sei, depende do horário. Se eu sáisse com tempo, eu prefiro ir com uma roupa normal.

Letícia: Com uma roupa normal...

**Antlia:** Mas, se tipo, já tá na hora é melhor ir de uniforme mesmo...

Letícia: Não teria problema em ficar...

**Antlia:** Não, não tem problema.

Letícia: ... Com ele mais tempo... Tá. Qual é as identificações que tem no uniforme que destacam a identidade do uniforme identificando o Colégio Tiradentes?

**Antlia:** Ah, no CT3 diz o nome atrás, tem o símbolo, tem o nome na calça. E no CT2 a gente usa o barrete do castelinho, o indicador do ano, coisa que identifica o colégio. No CT1 tem o símbolo da Brigada e o símbolo do colégio. É mais ou menos isso que... Da identificação do uniforme.

Letícia: E tu te sente representada pelo uniforme?

**Antlia:** Ah, acho que um pouco. Porque é legal ver as pessoas te olhando de uniforme "Ai meu deus, ele estuda lá", "Legal, eu queria estudar lá". Muita gente assim.

Letícia: E, pelo fato de tu estudar aqui e as pessoas te dizerem "Ah, que legal" e é tudo isso mesmo ou é só aparência ou a escola é realmente boa e, enfim?

**Antlia:** Ah, claro que todo colégio, nenhum colégio é cem por cento, tem seus erros, mas aqui é mais destacado pelo fato de que as pessoas tem mais educação e é aqui, tá, tipo a gente conversa e tal... O professor, não é aqueles colégios que se o professor pede silêncio, tu taca uma cadeira na cara dele. Aqui não, aqui a gente tem respeito pelas pessoas, claro, que não... Não...



Não no geral, mas pelo menos num mínimo a gente tem. Coisa que na maioria dos colégios não tem.

**Letícia:** Por que é ensinado né?! Desde... Vocês tem regras a serem seguidas...

**Antlia:** Sim.

**Letícia:** Você se considera parte importante da instituição? Quando tá usando o uniforme e a identificação do colégio?

**Antlia:** Sim, Porque também é a representação do colégio, que vê da rua sabe que tu estuda lá e que normalmente tu é uma pessoa educada, essas coisas assim. Meio que dá uma definição.

**Letícia:** Como é tu te sente usando o uniforme? Por que estando dentro da escola tu tem que te portar de uma maneira e estando fora da escola com o uniforme tu te que te portar de outra maneira também. Como tu te sente usando o uniforme?

**Antlia:** Na verdade, fora do colégio que eles querem que a gente seja bom porque a gente tá meio que mostrando o colégio, não dá pra sair fazendo várzea na rua se tu tá representando o colégio. Pelo menos eu, eu sou a mesma pessoa dentro e fora, então pra mim não faz diferença, mas a maioria das pessoas não, tinham que pensar que estão representando o colégio. Tem que se comportar na rua, não importa se tá fora do colégio.

**Letícia:** Conhece a história do uniforme?

**Antlia:** Ah, mais ou menos.

**Letícia:** Mais ou menos?

**Antlia:** Já ouvi algumas coisas, mas não lembro assim.

**Letícia:** Não sabe se ele mudou? O estilo?

**Antlia:** Na verdade, aqui do colégio... Depende do colégio, que são sete colégios que...

**Letícia:** Sim.

**Antlia:** Como são pessoas que fabricam, cada cidade fica diferente o uniforme, mas o daqui o máximo que eu vi é que a japona mudou um pouco a cor, de resto é a mesma coisa.

**Letícia:** Gostaria de ter outro uniforme?

**Antlia:** Acho que não, porque os que tem... Tem mais uniforme que usa, mas tem natação e eu acho que não tem necessidade.

**Letícia:** Porque aqui não tem as modalidades?

**Antlia:** Sim, pra que tu vai gastar dinheiro num uniforme que tu não vai usar.

**Letícia:** Então, não gostarias de ter outro tipo de uniforme?

**Antlia:** Não...

Letícia: Porque tu não gostaria de ter?

**Antlia:** Ah, por que eu acho que não tem mais opção, assim, que o CT1 eu acho mais bonito, mas é o que a gente menos usa...

Letícia: É o de gala.

**Antlia:** Então, eu acho que não tinha que ter mais uniforme se não vai usar.

Letícia: Sim, então tu te sente representada, se sente valorizada com o uniforme, representas bem a escola com ele?

**Antlia:** Uhum...

Letícia: Então, tá. Muito obrigada Antlia.

## 2. AQUILA

Letícia: Eu vou conversar com o Aquila Eu queria saber, Aquila, se tu gosta do uniforme? São três uniformes?

**Aquila:** Sim...

Letícia: São três conjuntos de uniforme. Tu usa mais dois, que é o ...

**Aquila:** Que é o CT2, que o que a gente usa geralmente... O que aquele cinza, não gosto muito, pois é bem difícil de colocar daí, deixa um pouquinho desconfortável usando ele...

Letícia: Uhum...

**Aquila:** ... Mas, a gente usa, daí, a gente já tá acostumado também não é grande coisa agora.

Letícia: E aí, tem o abrigo?

**Aquila:** Sim, que agente usa nos dias que tem educação física, como hoje e quinta-feira.

Letícia: Uhum, terça e quinta, tá?! E tem o de gala, né?!

**Aquila:** Sim, a gente usa quando os desfiles são, realmente, especiais. Como Sete de Setembro, an... A gente mais assim mesmo...

Letícia: Uhum, tu gosta do uniforme?

**Aquila:** Sim.

Letícia: Sim?

**Aquila:** Sim, eu acho também que é bem importante pra imagem do colégio isso. Mostra que a gente é... Mostra que é um colégio militar, que a gente gosta, que a gente entrou aqui pra...

Demonstrar mais ou menos isso... Não é todo mundo que entra aqui só pra desfilando e tal, a gente entra aqui pra estudar e tal. Mostra que a gente gosta dessa parte do colégio. Eu mesmo não gosto de ficar desfilando todo dia. Tem gente, que pede pros alunos voluntários pra vim nos desfiles e quase todo mundo levanta a mão, daí, fica umas pessoas lá...

**Letícia:** Tu não é muito a fim de desfilando e tal?

**Aquila:** É...

**Letícia:** Mas tu gosta do uniforme?

**Aquila:** Sim.

**Letícia:** Tem uma diferenciação entre o uniforme feminino e o masculino?

**Aquila:** Sim.

**Letícia:** Sim?

**Aquila:** Só no CT2 e no de gala.

**Letícia:** Tá, que é a saia?

**Aquila:** É a saia e o coque que elas usam. Ao menos no CT2 que elas usam normal, mas quando é evento eles pedem pra usar coque mesmo, só isso.

**Letícia:** E qual é a identificação que tu tem com o uniforme? Como que tu te identifica com o uniforme? Tu passa o dia com o uniforme, né?!

**Aquila:** Eu não sei bem te responder essa pergunta (Risos).

**Letícia:** Como tu te identifica com o uniforme? Tu te sente bem com ele? Quando tá fora da escola, por exemplo. Que quando tá dentro da escola todo mundo tá vestido igual. Tu tá normal, tá igual a todo mundo, mas fora da escola tu não tá igual a todo mundo.

**Aquila:** Eu me sinto um pouquinho estranho, por que, tipo, a gente não... Quando a gente tá usando o uniforme na rua a gente não pode ficar fazendo muita coisa por que a gente tá ainda com a imagem do colégio, a gente não pode fazer as coisas erradas e tal.

**Letícia:** Hum, tu te sente constrangido?

**Aquila:** Não, eu não me sinto constrangido. Me sinto normal mesmo, mas eu tento o máximo pra não fazer nada de errado.

**Letícia:** Claro, se portar bem. E na tua opinião, qual é a função do uniforme? Pra que que tu acha que serve o uniforme?

**Aquila:** Bem, eu acho que é mais pra imagem do colégio.

**Letícia:** Mais pra imagem do colégio?

**Aquila:** Uhum.

Letícia: Pra ti te portar bem? Pra ti te apresentar bem, será?

**Aquila:** Sim. É isso que eu acho.

Letícia: Que que tu precisa ter de cuidado com o teu uniforme?

**Aquila:** Bem, a gente tem que passar o uniforme sempre, deixar com friso as calças, tem que ver se tá tudo cem por cento no lugar, tem que ver se tem os barretes, tem que ver se tem o nome, tem que tá tudo certinho (risadinha).

Letícia: Hum, eu sou leiga. O que que é barrete?

**Aquila:** Barrete, seria os símbolozinhos aqueles...

Letícia: Na gola?

**Aquila:** Sim. Seria o do segundo ano... Pode ser do segundo, do primeiro e do terceiro. Daí, tem um outro, que é castelinho que mostra...

Letícia: ... A imagem do colégio... Tá, tu já disse, os momentos que tu usa. É na educação física, no dia-a-dia, o cinza, e o de gala...

**Aquila:** Pra eventos.

Letícia: Pra eventos, né?! Quinze anos, por exemplo, vocês participam?

**Aquila:** Sim.

Letícia: Desfiles? Tá. An... Então, quais as identificações que diferenciam, que destacam a imagem do colégio que tem no uniforme? Tem alguma identificação que tenho no uniforme? Além da cor, o que mais que tem no uniforme que identifica que ele é do Colégio Tiradentes?

**Aquila:** Bem, tem o símbolo da boina e no símbolo que fica na roupa mesmo, são só esses dois.

Letícia: E tu te sente representado pelo uniforme do colégio?

**Aquila:** Sim.

Letícia: De que forma tu te sente representado pelo uniforme do colégio? Ele carrega uma história por trás. É um colégio militar. De que forma tu te sente representado pelo colégio?

(Risos)

**Aquila:** É bem difícil responder essa (Risos).

Letícia: Como tu acha que tu... O colégio te representa?

**Aquila:** É bem difícil responder essa (Risos).

Letícia: O que você pensa?

**Aquila:** Eu não sei te responder (Risos).

Letícia: Não? Você, Andrew, e o colégio Tiradentes. Vamos tentar mudar a pergunta, você, Andrew, e o Colégio Tiradentes, an... A escola tem valores, tem uma missão, tem ética. Ela te representa nesses valores, nessa ética, você se faz parecido com os valores, com a moral da escola?

**Aquila:** Sim, até porque eu... O tenente, ele dá aulas mostra como a gente deve se comportar como cidadão, que essa escola, na verdade, tá nos preparando pro mundo lá fora e daí, até diz ali pra gente... Disse um dia pra gente, preparando cidadãos para o mundo...

Letícia: Uhum...Então, com certeza, ela te representa? Você está sendo representado para o futuro melhor?

**Aquila:** Uhum...

Letícia: Você se sente sendo preparado e se transformando em uma pessoa melhor?

**Aquila:** Sim.

Letícia: Então, você se considera parte importante da instituição, do Colégio Tiradentes?

**Aquila:** É...

Letícia: E o uniforme traz essa carga contigo, porque o uniforme é um símbolo, né?! Que tá te representando e tá te mostrando pro mundo. An... De que forma tu se sente quando tá usando o uniforme?

**Aquila:** Normal... Eu não me sinto diferente. Eu me sinto normal mesmo.

Letícia: Tu conhece a história do uniforme do colégio? Ou não?

**Aquila:** Não.

Letícia: Não sabe quais foram as mudanças que o uniforme passou?

**Aquila:** As mudanças não, até porque os Colégios Tiradentes são de outros lugares e daí, tipo, aqui só veio pra cá mesmo. Não teve nenhuma mudança desde que eu vim pra cá.

Letícia: Uhum, e tu gostaria de ter um outro uniforme?

**Aquila:** Na verdade, não. Até porque nos outros colégios, tem outros uniformes... Tem o CT4 e o CT5 que é pra... Natação. Tem outro que é pra essas coisas de cavalo, que eu esqueci o nome... (Risadinha).

Letícia: Uhum... Equitação?

**Aquila:** É...

Letícia: E... eu vi que existem alamares que diferenciam alguns alunos. Você possui alamares?

**Aquila:** Não. Os alamares são dados aos alunos que atingem uma certa pontuação no trimestre, sem reprovar, né?! E o alamar de honra, que é o que maioria das pessoas tem, tem que ter

média nove na maioria das matérias e nota disciplinar, dez. A nota disciplinar seria o teu comportamento aqui no colégio. Se tu faz muita coisa errada, ela fica, geralmente, em seis ou sete e pra conseguir recuperar, tu recebe elogios por fazer desfiles ou... é... Só isso.

Letícia: E tu não te sente menosprezado por não ter um alamar?

**Aquila:** Não, até porque o pessoal... Na verdade, tem um pessoal que usa alamar que se sente superior e tal...

Letícia: Que se sentem e tal?

**Aquila:** São só alguns, bem poucos, mas a maioria conversa com a gente. Não são diferentes só porque eles ficam naquela outra parte da tropa. Eu até acho um pouquinho pior pra eles por causa da...

Letícia: Visibilidade?

**Aquila:** Sim. E tipo, é isso. E quando eles estão marchando eles tem um outro comando diferente. Tá fazendo essas coisas... E quando tu recebe um alamar tu tem que ir pra aquele outro grupamento pra todo mundo fica com o coisinha igual ali e tal...

Letícia: Mas não tem disputa entre...

**Aquila:** Até tem uma disputa entre alguns ali, mas...

Letícia: Nada de mais...

**Aquila:** É, nada de mais, são bem poucos (Risos).

Letícia: E, me disseram, que tem gente que usa a boina de uma maneira diferente. A boina tem que ser usada de uma forma padrão pra todo mundo. Tem uns que se rebelam e usam a boina tapando a orelha, de um jeito diferente...

**Aquila:** (Risos) Não, não...

Letícia: Tu confirma isso aí?

**Aquila:** Não é que a boina seja diferente... Eles... Ao invés de usar a boina daquele modo, eles deixam ela mais pra baixo, tapando a orelha (Risos)...

Letícia: É uma rebeldia? O que será que é isso aí? Pra se mostrar, pra ser diferente?

**Aquila:** Não, não é pra se mostrar, é que um é meu amigo e eu já conversei isso com ele. E ele fala que ele acha mais bonito assim.

Letícia: Ah!

**Aquila:** Por parte é... (Risos). Tipo uma rebeldia, assim...

Letícia: Mas nada além disso?

**Aquila:** É... isso nem pode também, ele já foi comunicado por isso...

Letícia: Mas, então tá Aquila. Era isso... Obrigado. Espero que me ajude, vai me ajudar com certeza na minha dissertação. Muito obrigada pela sua fala.

### 3. APUS

Letícia: Eu vou conversar com o Apus, que é estudante do Colégio Tiradentes. E, primeiramente, eu queria te perguntar se tu gosta dos uniformes da escola?

**Apus:** Gosto.

Letícia: Gosta?

**Apus:** É...

Letícia: São três conjuntos, né?!

**Apus:** Sim, são mais, mas no de Pelotas a gente só usa três.

Letícia: Só três?

**Apus:** Sim. Os três que é o CT1, que é o de gala, que é pra formatura, especiais, aniversários e... O que a gente usa mais, que o CT2, com a boina que... E esse que é o de educação física. E todos são... Esse de educação física é o mais confortável, a maioria das pessoas gosta.

Letícia: O CT3 é o que vocês usam demais...

**Apus:** Não, o que a gente usa mais é o CT2.

Letícia: O CT2, o cinza?

**Apus:** O Cinza.

Letícia: Ele é confortável?

**Apus:** Ele é confortável, mas pra algumas pessoas pode não ser tanto por causa do cinto ou algo do tipo, a saia-calça que as gurias usam... Eu não posso dizer porque eu não uso, mas...

Letícia: Sim, sim, mas pra ti ele é confortável ou não é confortável?

**Apus:** Ele é.

Letícia: Ele é confortável? Gosta dele?

**Apus:** [Aceno com a cabeça]

Letícia: Então, como tu descreve ele, confortável?

**Apus:** Confortável.

Letícia: Ele é prático?

**Apus:** É...

Letícia: Ele é fácil de manter?

**Apus:** Sim, só tem que manter passado sempre, pelo menos eu passo sempre antes de vir pra aula, todos os dias.

Letícia: Todos os dias? É... Tem que passar então, essa é a... É esse o cuidado que tu tem que ter? Passar, manter sempre limpo?

**Apus:** Isso.

Letícia: Esse é um cuidado que tu tem que ter?

**Apus:** Isso.

Letícia: Qual a tua identificação com o uniforme? Tu te identifica com ele, tu te sente representado através dele? Como tu te sente com o uniforme escolar do Tiradentes?

**Apus:** An... Me sinto bem, por que é uma instituição que eu gosto de participar e andando na rua ou algo do tipo, eu uso o uniforme e eu me sinto bem usando ele. Representando aqui a escola.

Letícia: Tu te sente valorizado usando o uniforme escolar?

**Apus:** Isso.

Letícia: Como tu te sente na rua? Como tu acha que as pessoas te veem?

**Apus:** Bem, as pessoas... Bastante gente olha pra mim quando eu tô com o uniforme, mas eles ficam pensando... A maioria pensa que eles são aprendizes de militares.

Letícia: Uhum...

**Apus:** E eu acho que as pessoas valorizam isso, com algumas exceções, mas...

Letícia: Na tua opinião, qual é a função do uniforme?

**Apus:** ... No caso aqui, seria mais pra uniformizar mesmo, porque, pra manter tudo padrão, todos iguais pra instituição.

Letícia: Não tem diferença entre vocês? Nenhuma? Nenhuma?

**Apus:** Como assim?

Letícia: O uniforme é igual pra todo mundo?

**Apus:** É é igual, tirando...

Letícia: Não tem nada ?

**Apus:** Tirando as gurias que tem que fazer trança e os guris tem que cortar o cabelo, mas...

Letícia: Uhum, nada além disso?

**Apus:** E a saia, que é pras gurias, as gurias usam saia e os guris usam calça.

Letícia: Uhum... An... Em quais momentos tu se utiliza dos uniformes? Só na escola?



**Apus:** Só na escola, até por que seria proibido... Não pode sair com o uniforme, tipo, pra fazer algumas outras coisas que não tenha a ver com a escola. Exceto, se tu tá de manhã, no terceiro ano é só de manhã e a tarde tu tem curso e não tem tempo de tirar...

Letícia: Tu te sentirias a vontade se tivesse que ir pro cursinho, por exemplo, e não tivesse tempo de trocar. Te sentirias a vontade de ir com o teu uniforme?

**Apus:** Me sentiria.

Letícia: Ficar todo dia com ele sem problema algum. An... Você se considera parte importante da instituição quando estás uniformizado?

**Apus:** E acho que sim, todo o aluno em si é valorizado.

Letícia: Você se sente de que forma, então?

**Apus:** Parte de uma coisa boa, sabe?!

Letícia: Aham... Se sente parte de um conjunto?

**Apus:** De um conjunto.

Letícia: De valores importantes?

**Apus:** Uhum...

Letícia: Tu conhece a história do uniforme?

**Apus:** Não.

Letícia: Não conhece nem as mudanças que ele passou?

**Apus:** A história desse...

Letícia: A história do Tiradentes, por exemplo?

**Apus:** Não, as mudanças não. Acho que não houveram mudanças desde a criação até hoje.

Letícia: Tu gostaria de ter um uniforme diferente do que tu tens agora?

**Apus:** Eu acho que não, mas dependendo do uniforme, mas não substituir. Se tivesse um novo uniforme talvez.

Letícia: E esse novo uniforme de que jeito seria? Como tu pensaria que poderia ser?

**Apus:** Ah...

Letícia: Mais confortável.

**Apus:** É mais confortável. Talvez no de uso diário, que é o CT2, ele é confortável mas poderia ser mais.

Letícia: Mais... Então tá, Apus, muito obrigada. Era isso...

#### 4. AQUARIUS

Letícia: Vou conversar com a Aquarius agora. E Aquarius eu queria saber se tu gosta dos uniformes escolares da escola, Colégio Silva Gama?

**Aquarius:** Do Colégio Tiradentes.

Letícia: Colégio Tiradentes, olhei pra lá e... (Risos).

**Aquarius:** Eu gosto assim, ele não... Como eu posso dizer? Não... Ai esqueci a palavra... Não deixa as pessoas metidas, não é bem metidas... Mas fica tudo padrão, que não fica um com roupa mais chique, com roupa mais... Menos chique. É, é bem bom. Eu gosto.

Letícia: Iguala todo mundo, né?

**Aquarius:** Sim.

Letícia: Como tu descreve o teu uniforme escolar?

**Aquarius:** Como assim?

Letícia: Ele é confortável? Ele é...

**Aquarius:** Ah, os... Os...

Letícia: Ele é bonito, ele é feio? Como tu descreve?

**Aquarius:** O CT3, que é o abrigo, ele é bonito e confortável. Apesar de ser confundido com um “Smurf”, mas tudo bem. O CT2, que é a farda cinza, é meio desconfortável assim, mas tem que usar né?! E o de gala que é o branco, ele é o mais bonito.

Letícia: Top, top?

**Aquarius:** É...

Letícia: Vocês gostam de usar, mas usam pouco?

**Aquarius:** É...O CT3 é o que agente mais gosta, que é bem mais confortável.

Letícia: O CT3 é o abrigo?

**Aquarius:** É...

Letícia: O abrigo... E vocês usam só duas vezes na semana, né? E em tempo de provas?

**Aquarius:** Em tempo de prova a gente usa toda a semana.

Letícia: Ah, porque em tempo de prova usa toda semana?

**Aquarius:** Por que o antigo major, Uberaque, ele liberou que os alunos ficavam pedindo, pedindo que é bem mais fácil estudar com uma coisa que tu te sintas mais confortável do que com uma coisa apertada que tem que ficar se cuidando.

Letícia: Uhum, aí tu te sente mais confortável, mais a vontade. Tem diferenciação entre o uniforme masculino e o uniforme feminino?

**Aquarius:** Só no de... A farda do CT2 que a gente usa dia de semana e o de gala, que pras gurias é saia e pros guris é calça. E no de... CT2 que a gente usa dia de semana é saia-calça pras gurias.

Letícia: Tu te identifica com o uniforme escolar do Colégio Tiradentes?

**Aquarius:** Um pouco.

Letícia: Um pouco? Em que se sentido tu te identifica?

**Aquarius:** Tem o uniforme que a gente fica mais bonita, tem uniforme que a gente não gosta muito, mas me identifico mais com o abrigo. É o que eu mais gosto.

Letícia: Que tu gosta dele, tu te sente a vontade. Na tua opinião qual é a função do uniforme?

**Aquarius:** An... Deixar todo mundo padrão...

Letícia: Essa é a função dele?

**Aquarius:** É e pra identificar os alunos que comessem...

Letícia: Hum... Quais os cuidados que tu tem que ter com o uniforme escolar?

**Aquarius:** Não rasgar, não pode sentar no chão pra não sujar muito, an... Tem que andar com ele passado, não pode amassar, não pode andar com ele amassado. Acho que é isso.

Letícia: Todo dia de manhã qual a tua preocupação pra vir pra escola? Tu te preocupa com a roupa?

**Aquarius:** Não, porque eu já sei... Já acostumei

Letícia: Já sabe... já acostumou... Não te preocupa, já segue aquele padrão. Tem que passar, tem que tá limpo...

**Aquarius:** É...

Letícia: ....Não te preocupa com o que vai vestir, essa já não é uma das preocupações da manhã?

**Aquarius:** Não.

Letícia: Já sabe o que vai vestir?

**Aquarius:** É.

Letícia: Em quais momentos, então, tu te utiliza do uniforme escolar, propriamente dito?

**Aquarius:** Como assim?

Letícia: Quando tu te utiliza do uniforme? Só na escola?

**Aquarius:** Só na escola.

Letícia: Tu saindo daqui, tu troca de roupa pra ir embora pra casa?

**Aquarius:** Não. Eu vou...

Letícia: Tu vai pra casa com o uniforme? E só, só o trajeto casa-escola?

**Aquarius:** Isso.

Letícia: Em outro lugar?

**Aquarius:** E quando tem desfile.

Letícia: E quando tem desfile. Em outro lugar, não?

**Aquarius:** Não.

Letícia: Não? Quais as identificações que tem no uniforme que ressaltam a identidade do colégio?

**Aquarius:** O... O símbolo do colégio e nas outras fardas, o símbolo e o barrete e o castelinho.

Letícia: O castelinho. Tá.

**Aquarius:** E a boina...

Letícia: Aham... Você se sente representada pelo uniforme do colégio?

**Aquarius:** Sim.

Letícia: Em que sentido, tu te sente representada?

**Aquarius:** Ah, por que a gente passa com o uniforme e as pessoas falam “Ah, é do Colégio Tiradentes”.

Letícia: Se sente valorizada por isso?

**Aquarius:** Sim.

Letícia: Tu sente orgulho de vestir o uniforme do Tiradentes?

**Aquarius:** Sim, sinto.

Letícia: Se sente orgulhosa por isso? An... Tu te considera parte importante da instituição por estar usando o uniforme escolar?

**Aquarius:** Ah, não sei. Por que o colégio, não... Não é que não valoriza tanto o aluno, mas ele quer mostrar o que o colégio tem. Não importa o que o aluno tá fazendo, eles querem manter um padrão nesse colégio, então tem que ficar... Não é bem valorizado o colégio.

Letícia: Não é tão valorizado quanto os instrumentos que ele se utiliza, como por exemplo, o uniforme. Pra valorizar a instituição?

**Aquarius:** Sim.

Letícia: Mas não tem o esquema dos... An...

**Aquarius:** Dos alamares? Sim, mas é que eles dão mais valor... Tem que ter nota, não importa se tu não tá entendendo a matéria, não importa. Tu tem que ter nota. E, tipo, o aluno em si não é muito valorizado, que a gente acha. A gente pede, por exemplo, se tem, pra fazer alguma mudança em alguma coisa assim e eles dizem que não por que a gente tem que seguir aquilo por que é o padrão. Daí pra melhorar o nosso ensino, daí eles dizem que não, que tem que ser o padrão e tem que ser o padrão, daí não pode.

Letícia: Uhum. Conheces a história do uniforme?

**Aquarius:** Não.

Letícia: Não, então, não sabe como foi as modificações do uniforme ao longo do tempo?

**Aquarius:** Não.

Letícia: Gostarias de ter um outro tipo de uniforme a não ser esse que tu tem? Gostaria que ele fosse de outra forma?

**Aquarius:** Acho que não.

Letícia: Tá bom assim?

**Aquarius:** Tá bom.

Letícia: É porque tu disse que ele é desconfortável, por exemplo, o que tu usa mais diariamente? De que forma ele seria mais confortável, por exemplo?

**Aquarius:** Ah, se fosse calça eu acho, mas que...

Letícia: Como se fosse o dos guris?

**Aquarius:** É, mas a gente não... A gente já teve essa coisa que foi tentar fazer calça, mas que não ia dar muito certo, que a gente ia ficar com calça e sapatinho e não fica muito bonito.

Letícia: Uhum...

**Aquarius:** Daí a gente colocou essa ideia, mas não deu certo.

Letícia: De uma forma geral tu gosta do uniforme?

**Aquarius:** Gosto

Letícia: Não usaria ele fora da escola, fora o horário de... De aula? Não?

**Aquarius:** Não, se eu for sair daqui e ir direto pro centro, aí sim.

Letícia: Mas, se não?

**Aquarius:** Não.

Letícia: Tá bom, muito obrigada Aquarius pela sua colaboração.

**Aquarius:** Merece.

## 5. ARA

Letícia: Eu vou conversar com a Ara, a Ara é estudante aqui do Colégio Tiradentes...Bruna, eu queria começar perguntando se tu gosta do uniforme?

**Ara:** Gosto. Gosto Bastante.

Letícia: Gosta, se identifica?

**Ara:** Me identifico mais porque o uniforme é uma coisa importante pra identificação, tipo, se tu vai em algum lugar, as pessoas já te reconhecem por aquele uniforme, se tu vai com a escola. E na rua, andando na rua também e... Na minha outra escola a gente podia usar só a camiseta da escola ou o casaco da escola e podia usar calça jeans e acaba que tu fica sem opção de roupa, né?! Se tu acorda de manhã, não sabe o que vestir aí fica nessa...

Letícia: Sim.

**Ara:** Aí então, aqui no Tiradentes o uniforme é esse e ponto. Economiza roupa e é diferente dos outros, então é uma coisa legal, tu te sente... Tu te sente meio exibido assim, que tu tá com o uniforme bem diferente dos outros, assim...

Letícia: Aham...

**Ara:** Ainda mais esse, ele não é lindo, mas é peculiar, identificado. Eu gosto.

Letícia: Como é que tu descreve o teu uniforme?

**Ara:** Qual deles?

Letícia: São três, como é que tu descreve os teus uniformes?

**Ara:** An... Mas em questão de cor?

Letícia: São confortáveis? São...

**Ara:** Ah... O CT1 é mais confortável que o CT2, que é todo branco e tal, ele é lindo, maravilhoso. É confortável, eu acho confortável. Agora o CT2 não é tanto por que a gente tem usar cinto e aí bota tudo pra dentro da saia e o sapatinho também, não acho tão confortável, mas dá pra usar. O CT3 é o mais confortável, a única coisa que eu não gosto é de colocar a camiseta pra dentro da calça. Eu me sinto... Não me sinto muito bem colocando a camiseta pra dentro da calça.

Letícia: Uhum... Qual é a tua identificação com o uniforme? Como tu te identifica com o uniforme? Tu te sente... Tu te sente legal com o uniforme, né?!

Bruna: Me sinto bem, me sinto diferente.

Letícia: Diferente?

**Ara:** É... principalmente quando a gente tá na rua é legal as pessoas ficam olhando, pode ser que elas achem estranho e feio, muitas acham né?! Mas, eu acho legal, eu sinto orgulho de usar o uniforme do Tiradentes.

Letícia: Na tua opinião, qual é a função do uniforme?

**Ara:** Como eu te falei, identificar acho que principalmente né?! E... Ah! Não sei, an...

Acho que padronizar todo mundo pra ninguém se sentir melhor ou pior do que ninguém... DE organizar assim, mesmo... Se um dia eu venho de CT3, todo mundo vem de CT3 e é assim que organiza, ainda mais que tem que tá em forma e batalhão e aí é uma coisa visualmente feio ver algumas pessoas de CT3 e algumas pessoas de CT2.

Letícia: Sim.

**Ara:** Acho que é pra estética também...

Letícia: Estética, pra igualar todo mundo?

**Ara:** É... pra padronizar...

Letícia: Em que momentos tu te utiliza do uniforme? Só na escola?

**Ara:** Na escola, praticamente o dia inteiro né?! An... Nos passeios que eles, que é obrigatório, nos desfiles que é bem legal né? Às vezes é o CT2, mas na maioria das vezes é CT1...E só...

Letícia: Só? Tu te sente representada quando tá utilizando o uniforme escolar?

**Ara:** Sim.

Letícia: De que forma tu te sente representada?

**Ara:** An... eu me sinto... Ah! Eu me sinto representada pelo militarismo né?! Obviamente... Pela boina, esses negócios assim, é bem característico an... Ah, parece que... A disciplina me representa, basicamente. Acho que é o que os outros pensam e eu me sinto também representada pela disciplina, pela diferença, né?! Basicamente isso... Todas as escolas tem mais ou menos o mesmo estilo de uniforme e os nossos são bem, bem diferentes.

Letícia: Diferentes?

**Ara:** É...

Letícia: Então, você se considera parte importante da instituição por estar utilizando o uniforme escolar?

**Ara:** É, eu acho.

Letícia: Você se reconhece valorizada por estar usando o uniforme?

**Ara:** Uhum... É, valorizada.

Letícia: Conhece a história dos uniforme?

**Ara:** Não, desse uniforme não. Eu acho que é baseado nos uniformes das brigadianas e brigadianos, mas...

Letícia: Nem as transformações pelas quais ele passou, não conhece?

**Ara:** Não, não conheço.

Letícia: Se tivesse um outro uniforme, você gostaria de ter um outro tipo de uniforme? Ou esse tá legal?

**Ara:** ... Ah, eu gosto desse, no momento não imagino nenhum porque é com esse que eu tô acostumada. Mas, acho que imagino um uniforme de CT3 de verão, que não seja calça, seja mais verão mesmo, que a calça é quente de certa forma...

Letícia: O abrigo?

**Ara:** É, o abrigo. Esse aqui, o CT2, eu acho que não, acho que tá bom, mas tem duas estações né?! E o CT1 pra mim tá bom, acho que só um verão de CT3.

Letícia: Pro verão...

**Ara:** Pro pico do calor.

Letícia: Uhum... Tipo janeiro e fevereiro...

**Ara:** Uhum...

Letícia: Então tá, Bruna...

**Ara:** Com regata (Risos)

Letícia: Com regata? (Risos) Muito quente a camiseta?

**Ara:** É...No verão é bem quente.

Letícia: Camiseta e calça de abrigo e tenis?

**Ara:** Tenis, eu acho que poderia continuar...

Letícia: Então tá, Ara, muito obrigada pela sua ajuda.

**Ara:** De nada, merece.

## 6. ARIES

Letícia: Eu vou conversar com o Aries. E, Aries, eu gostaria de começar te perguntando se você gosta do uniforme?

**Aries:** Não.

Letícia: Não? Porque você não gosta?



**Aries:** E acho que é mais um jeito de... Sei lá, deixar todos nós iguais e mostrar que nós somos só números pra eles, não mostrar que nós somos... Por mais que não seja tão correto, assim, julgar as pessoas pela aparência e tal, mas a gente tem que expressar do jeito que a gente é. Acho que o uniforme deixa todo mundo igual e tu ser forçado a isso, ser obrigado a isso, acho que não é certo, tu ser forçado. Tipo, a gente passa a semana aqui tendo aula de manhã e de tarde, às vezes tem que passar a sexta-feira faxinando o colégio porque tu não veio com a meia igual a dos outros. Eu, particularmente, acho isso errado. Nada deveria ser forçado, nada deveria ser obrigado.

Letícia: Uhum, então não curte o uniforme escolar, porque o uniforme iguala a todos e tu acha que o uniforme por igualar as pessoas não podem ser o que elas desejariam ser?

**Aries:** Isso, se expressar.

Letícia: Como tu descreve o teu uniforme? Ele é confortável? Ele é...

**Aries:** Ele não é nem um pouco.

Letícia: Nem um pouco confortável? Nenhum dos três?

**Aries:** O abrigo é, até.

Letícia: É confortável?

**Aries:** É confortável.

Letícia: Tu te identifica com o teu uniforme?

**Aries:** [Aceno com a cabeça]

Letícia: Não.

**Aries:** Eu fui obrigado a entrar na escola, então...

Letícia: Sim, teus pais?

**Aries:** Sim, meus pais fizeram eu entrar na escola.

Letícia: Teus pais te obrigaram a fazer a seleção pra entrar na escola. Na tua opinião qual a função do uniforme?

**Aries:** Ah, ele até tem um fundo didático de poder identificar os alunos, saber quem é e quem não é da escola e tanto que é uma escola humanitária e tem essa função do fardamento e tal, mas eu acho que não... Eu acho que fora desse meio militar totalmente desnecessário.

Letícia: Uhum...

**Aries:** Não teria tanta utilidade assim, tanto que os uniforme são extremamente caros, tecido de péssima qualidade. Eu acho desnecessário.

Letícia: Uhum... Que cuidado tu tem que ter com o uniforme?

**Aries:** Hum, tem que tá passando, engraxando sapato todo dia, se não fizer isso é complicado, aí como eu falei pra senhora, ficamos a semana toda aqui e o tempo que tem pra descansar às vezes tem que vir na sexta-feira pra ficar faxinando a escola, tem qualquer outra tarefa por que no regulamento tu foi, no regulamento, tu infringiu o regulamento. Indisciplinado só por que a tua calça não tava com vinco ou teu sapato não tava engraxado, isso pra eles é ser indisciplinado.

Letícia: Sim. Em quais momentos tu te utiliza do uniforme?

**Aries:** Só na escola.

Letícia: Só na escola, então?

**Aries:** Só na escola. E atividades extracurriculares

Letícia: Uhum, quando é solicitado?

**Aries:** Quando é solicitado.

Letícia: Então você não se sente representado com o uniforme escolar?

**Aries:** [Aceno com a cabeça]

Letícia: Não?! Você não se considera parte importante por estar vestindo o uniforme escolar da instituição?

**Aries:** Me considero só mais um só.

Letícia: Só mais um?!

**Aries:** Só mais um, assim como todos, todos iguais. Igual até ali.

Letícia: Uhum... Igual até ali, como assim?

**Aries:** Ih, vai bem mais além... Deixam... Eles aliviam pra uns e não aliviam pra outros. Eu sou mais arteiro, tipo no regulamento era pra ser pra todos mas não é.

Letícia: Uhum, conhece a história do uniforme?

**Aries:** [Aceno com a cabeça]

Letícia: Não?! Nem sabe, então, das mudanças que ele passou?

**Aries:** Não.

Letícia: Ah, gostaria ter outro tipo de uniforme?

**Aries:** Gostaria só de poder usar alguma coisa que deixasse a gente mais a vontade, que a gente tá numa escola não no quartel. Somos adolescentes não projetinhos de soldado.

Letícia: Então, tá bom, muito obrigada Aries pela sua fala.

**Aries:** Que isso... (Risos)

## 7. AURIGA

Letícia: Eu vou conversar com a Auriga. E Auriga eu vou começar te perguntando se tu gosta dos uniformes escolares que tu utiliza?

**Auriga:** Mais ou menos.

Letícia: Mais ou menos por que?

**Auriga:** Porque eles são feios.

Letícia: São feios.

**Auriga:** Eles não são feios, eles não são a última moda também... Sei lá, mas eu gosto porque o abrigo é muito confortável e tu não tem que escolher o que vai vestir de manhã.

Letícia: Uhum, é mais fácil usar o uniforme pra vira pra escola?

**Auriga:** [Aceno com a cabeça]

Letícia: Com é que tu descreve o teu uniforme? Ele é confortável? Ele é prático? Como ele é?

**Auriga:** Tem três tipos de uniforme que a gente usa aqui, o CT3 é muito confortável e muito prático, muito maravilhoso. O CT2, que é esse aqui, é... É, né?! Porque as meninas tem que usar saia e sapatinho e meia calça e meia calça fura e o sapatinho é ruim e aí é meio desconfortável, mas também é prático. Não é muito prático, que tem que tem que passar bem direitinho, eles não aceitam que não passe e o CT1, a gente usa às vezes. Então é mais pra mostrar a escola nos eventos.

Letícia: Sim. Qual a tua identificação com o uniforme? Tu te identificas com o uniforme?

**Auriga:** Acho que sim, eu nunca tenho uma opinião formada sobre isso.

Letícia: Mais ou menos de que forma tu te identifica com o uniforme?

**Auriga:** Eu não sei (Risos).

Letícia: Tu acha que tu te sente representada quando está usando o uniforme?

**Auriga:** Não.

Letícia: Pela escola, pela instituição?

**Auriga:** Tipo, pela instituição, sim. Mas, por mim mesmo.

Letícia: Uhum, você é outra pessoa...

**Auriga:** Sim, sem uniforme.

Letícia: Sem uniforme...Na tua opinião, qual é a função do uniforme?

**Auriga:** Aqui na escola é por que é militar então tem que ser padrão, mas pra mim a função do uniforme é mais, tipo, amenizar a situação de desigualdade entre as pessoas. É muito melhor.

Letícia: É muito melhor. Quais os cuidados que tu tem que ter com o teu uniforme?

**Auriga:** Tem que passar toda vez que eu vou usar, tem que ter esse friso aqui, que não tá muito bem passado, tem que tá sempre com os barretes, essas coisas... E tem que usar trança.

Letícia: Trança... Tem que tá bem apresentável?

**Auriga:** [Aceno com a cabeça]

Letícia: Em quais momentos tu se utiliza do uniforme escolar? Só na escola?

**Auriga:** Só na escola. Quando a gente sai em eventos da escola, só. Porque até não pode usar, né?!

Letícia: Uhum... An... Como é que tu te sente? Tu te sente representada, então, quando tu tá com o uniforme?

**Auriga:** Depende.

Letícia: Depende do que?

**Auriga:** Não tô entendendo, pera aí... Representada em que sentido?

Letícia: Tu te se representada com o uniforme? Que o uniforme carrega conduta, ele carrega moral, ele carrega ética. Tu é tudo isso que uniforme carrega?

**Auriga:** Ah, sim, sim. Só que, por exemplo, se eu escolher uma roupa pra vestir eu vestiria essa, mas esse mostra quem eu sou.

Letícia: Uhum, você se considera parte importante da instituição quando está usando o uniforme escolar?

**Auriga:** Sim.

Letícia: Sim? Conhece a história desse uniforme? Conhece as transformações que ele passou?

**Auriga:** Pelas fotos antigas ou...

Letícia: Pelas fotos antigas... Só pelas fotos?

**Auriga:** Sim.

Letícia: Sim. Gostaria de ter um outro uniforme escolar?

**Auriga:** Não.

Letícia: Não? Do jeito que tá, tá tranquilo?

**Auriga:** Sim.

Letícia: Tá bom assim? Então, tá bom, muito obrigada pela sua contribuição.

## 8. BOÖTES

Letícia: Vou conversar com a Boötes. E Boötes eu vou começar perguntando se tu gosta dos uniformes? São três conjuntos e tu gosta deles? Gosta do que tu utiliza?

**Boötes:** Eu gosto... De dois deles. Que é o CT3, que a gente usa quando faz educação física e o CT1 que é o de desfiles. O outro é meio desconfortável, assim, e a gente usa do dia-a-dia.

Letícia: No dia-a-dia.

**Boötes:** Isso. Bem desconfortável.

Letícia: Como tu descreve o teu uniforme? Desconfortável, então?

**Boötes:** É, o do dia-a-dia é desconfortável.

Letícia: Tem uma diferenciação entre o masculino e o feminino?

**Boötes:** É que os guris usam calça, né! A gente usa saia e tá sempre de meia claça e sapatinho.

Letícia: Isso incomoda?

**Boötes :** Incomoda bastante.

Letícia: Na tua opinião qual a função do uniforme?

**Boötes:** Ah, igualar todo mundo né?! Por que, tipo, no colégio mesmo que eu estudava antes tinha preconceito com as roupas que as pessoas usavam. Por que, por exemplo, um tem menos que o outro aí sempre vai haver o preconceito. Aqui todo mundo é igual e ninguém vê nada em ti, só ...

Letícia: E sendo assim, tu te identifica com o colégio? Que o uniforme ele carrega por trás algumas coisas né?! A instituição, além da instituição ele carrega algumas coisas e tu acaba te identificando como pessoa com o uniforme? Ou tu está além do uniforme?

**Boötes:** Ah, de certa forma, sim. Me identifico.

Letícia: Mas tu está além do uniforme? Tu é uma pessoa? Ou é simplesmente mais um com o uniforme?

**Boötes:** É... Não. Além...

Letícia: Quais cuidados que tu tem que ter com o uniforme?

**Boötes:** Ah, na rua a gente não pode ficar, tipo, de brincadeira e as pessoas, tem que ter respeito. Tem que passar a imagem do colégio né?! Tipo, dentro do colégio também não pode ter contato físico, na rua também não.

Letícia: Uhum...

**Boötes:** É o respeito. É o que tu faz na escola, né?! Tem que passar pras outras pessoas.

Letícia: Sim. Como você se sente com o uniforme escolar?

**Boötes:** De certa forma, é importante. Por que, tipo, eu queria muito entrar aqui porque eu via as pessoas na rua com o uniforme e achava uma coisa bonita, legal e eu queria muito entrar e eu consegui e eu gosto. Gosto de estar aqui dentro.

Letícia: Se sente valorizada, então?

**Boötes:** Isso.

Letícia: Sabes a história do uniforme? Conhece as transformações pelas quais ele passou?

**Boötes:** Não.

Letícia: Não. Tem três conjuntos, não que tenha que ter mais um, mas desses três conjuntos se existisse algo diferente neles, gostaria que fosse diferente ou não?

**Boötes:** ...Nossa... Não sei. Só o CT2, da saia no caso, não gostaria de usar saia.

Letícia: Gostaria de usar o que?

**Boötes:** Sei lá, que fosse calça... Que fosse tudo igual.

Letícia: Que fosse mais confortável? Tudo igual?

**Boötes:** É... Isso.

Letícia: Então tá, muito obrigada pela sua participação.

## 9. CAELUM

Letícia: Bom, eu vou conversar com a Caelum. E Caelum eu queria te perguntar, começar te perguntando, se tu gosta dos uniformes que tu veste do Colégio Tiradentes?

**Caelum:** Eu gosto só que, por um lado não (Risos). Que de um lado é bom por que todo mundo fica uniformizado, que é o objetivo. Só que, por exemplo, tem algumas regras que eu não posso usar colar pra fora da camiseta, por exemplo, e eu acho isso meio exagero. Porque né... É uma coisa minha, um jeito de eu me expressar e eu uso piercing também, daí, eu tenho que esconder e eu queria mostrar, que é do jeito que eu sou. Só que eu gosto de tá todo mundo padronizado que não tem, tipo, sempre tem um tipo de preconceito dentro das escolas por causa de marca e não sei o

que... Aí tem gente que tem dinheiro pra comprar certo tipo de roupa e outras não, aí isso acaba gerando conflito às vezes.

Letícia: Uhum... Como tu descreveria o teu uniforme?

**Caelum:** Ah, acho que meio chato, sei lá, meio... Ele não é feio, mas acho ele meio chato, sei lá, acho que poderia variar algumas coisas...

Letícia: Variar? An... Tu te identificas com o teu uniforme? Tu te sente identificada, valorizada com o teu uniforme? Pois o uniforme traz consigo algo por trás, é, não é só um uniforme por si. Ele traz uma ética, um valor por trás. Tu te identifica com isso tudo que ele carrega por trás?

**Caelum:** Um pouco. Só que quem estuda no Colégio Tiradentes an... Carrega consigo uma visão da sociedade meio “aluno padrão”, “jovem padrão”, que é certo, não sei o quê... Só que isso não é com todo mundo e eu também. Eu não sou uma pessoa padrão, que na verdade não existe, né?! Então, acho que não muito.

Letícia: Qual a tua opinião sobre a função do uniforme? Somente igualar?

**Caelum:** Sim, eu acho que igual, normal...

Letícia: Em que momentos tu te utiliza do uniforme?

**Caelum:** Como assim?

Letícia: Que momentos tu utiliza o uniforme? Só na escola?

**Caelum:** Sim, só na escola.

Letícia: E saindo daqui tu só ai pra casa? Da casa pra escola, mais nada?

**Caelum:** Sim, só uso na escola.

Letícia: Você se sente representada pelo uniforme? Você representa a escola com o uniforme? Ou você está além do uniforme? É mais um com uniforme ou você é diferente. Uma outra pessoa sem uniforme?

**Caelum:** Sou bastante diferente sem o uniforme.

Letícia: Bastante diferente? Você é uma outra pessoa?

**Caelum:** É... Outra pessoa não tem como ser, né?! Mas, eu acho que a minha personalidade aqui dentro perante as regras é uma coisa e fora é outra.

Letícia: Uhum... Você conhece a história dos uniformes?

**Caelum:** Não.

Letícia: Não conhece por quais transformações ele passou?

**Caelum:** Não.

Letícia: Se você tivesse outro tipo de uniforme, não que tu tivesse outro conjunto, mas desses três, se você... Se ele fosse de uma outra forma, você gostaria de ter um outro tipo de uniforme? Ou esse tá legal?

**Caelum:** Eu acho... Eu gostaria de ver por que... Se piorasse entre aspas, eu acho que não. Eu já tô acostumada também e né?!

Letícia: Uhum... Do jeito que tá...

**Caelum:** Do jeito que tá...

Letícia: Só se fosse um pouco mais confortável?

**Caelum:** É, principalmente o CT2 né?!

Letícia: Então, tá. Muito obrigada Caelum pela sua participação.

## 10. ANDROMEDA

Letícia: Eu vou conversar com a Andromeda e eu queria começar te perguntando se tu gosta dos uniformes?

**Andromeda:** Olha, eu gosto. Eu acho que é uma forma bem prática de... Todo dia, sabe?! Não ter que tá escolhendo roupa pra vir pro colégio, acho que facilita bastante.

Letícia: E como é que descreve esses uniformes?

**Andromeda:** Ah, eu prefiro bem mais o CT3 por ser mais confortável, por ser abrigo e tudo mais... Já o CT2 tem que tá usando sapatinho e essas coisas, passar... Tem que tá passando. Eu acho que é uma coisa mais, né? Complicadinha... Não gosto muito. O CT1 só em casos de eventos e tudo mais, mas de resto...

Letícia: Qual não é tão confortável? O CT2 não é tão confortável?

**Andromeda:** Não...

Letícia: O sapatinho incomoda?

**Andromeda:** Olha, o meu...

Letícia: Só o sapato?

**Andromeda:** Não, é que ele é desconfortável numa forma geral, assim...

Letícia: Hum... Costura?

**Andromeda:** É... tudo mais, sabe?! Porque ele é todo cheio de botãozinho e cinto e sapato, esse tipo de coisa...



Letícia: Qual a tua identificação com o uniforme? Tu te identifica com o uniforme? Que o uniforme carrega por trás toda uma identificação, uma moral, uma ética, comportamento que tu tem que apresentar de tal forma. Tu te identifica com tudo isso que o uniforme carrega?

**Andromeda:** Sim, eu acho que a partir do momento que a gente respeita o uniforme, a gente tá se identificando com ele.

Letícia: Na tua opinião, qual é a função do uniforme?

**Andromeda:** A função é justamente isso, identificar o aluno como aluno do Colégio Tiradentes, né?! Que todo mundo passa e vê “Olha esse daí...” Tem aquela coisa de respeito, não sei o quê, que todo mundo vê e tipo, “Ah, é o Colégio Tiradentes”, pelo uniforme já sabe.

Letícia: Em quais momentos você se utiliza do uniforme?

**Andromeda:** De segunda a sexta, só em momentos de aula.

Letícia: Só no colégio?

**Andromeda:** Sim.

Letícia: Fora dele tu não te utiliza dele?

**Andromeda:** Não. Só na transição do colégio pra casa.

Letícia: E como tu te sente utilizando o uniforme?

**Andromeda:** Ah, eu me sinto bem. Porque, tirando a parte do desconforto, eu acho que é uma roupa normal, assim...

Letícia: Tu te sente valorizada? Tu te sente uma pessoa importante por estar usando esse uniforme?

**Andromeda:** Ah, eu sei lá. Eu acho que me sinto normal. Tem gente até que pergunta algumas coisas, assim, quando a gente tá na rua, mas eu sei lá, eu me sinto como uma pessoa normal, como qualquer outra... Com ou sem uniforme...

Letícia: Porque como é um uniforme bem diferente de qualquer outro na cidade, ele é bem particular né?! Ele carrega por trás a cultura militar etc. Você se sente mais um no grupo, uma pessoa normal, uma pessoa importante, uma pessoa diferente?

**Andromeda:** Sim, com certeza, mais um no grupo com certeza. Até a gente diz “A família Tiradentes”, mas a gente se sente importante, mas não superior a ninguém.

Letícia: Uhum... Conhece a história do uniforme?

**Andromeda:** Não.

Letícia: As transformações que ele passou, também não?

**Andromeda:** Não.

Letícia: Gostaria de ter algum outro tipo de uniforme. Eu digo tipo, não o conjunto em si, mas gostaria de ter uma outra forma de apresentação do uniforme?

**Andromeda:** Não. Acho que não, que querendo ou não foi o que nos apresentaram e eu acho que tá bom como tá.

Letícia: Só que fosse um pouco mais confortável?

**Andromeda:** É...Só isso....

Letícia: Só isso?

**Andromeda:** Aham.

Letícia: Então, tá. Muito obrigada pelas palavras.

**Andromeda:** Eu que agradeço.

## 11. LYRA

Letícia: Eu vou conversar com a Lyra e eu queria te perguntar se tu gosta dos uniformes que tu veste?

**Lyra:** Não.

Letícia: Por que não?

**Lyra:** É Muito desconfortável. Só abrigo. O abrigo é bom, o abrigo é confortável, mas o outro não é.

Letícia: O outro que vocês usam mais, o CT2, tu diz?

**Lyra:** É.

Letícia: E o CT1?

**Lyra:** Ah, o CT1 a gente usa lá de vez em quando, então, não dá pra ser desconfortável.

Letícia: Uhum... Tem uma diferenciação entre o masculino e o feminino?

**Lyra:** Tem. An... No abrigo não tem, no CT2 tem. No CT2 a gente usa saia e sapatinho e meia calça e eles usam calça e sapato.

Letícia: Uhum...

**Lyra:** No CT1 a gente usa saia também e eles usam calça e a túnica do CT1 da gurias, no final dela é redonda, não sei descrever.

Letícia: Na tua opinião, qual é a função do uniforme?

**Lyra:** Representar a instituição.

Letícia: Representar a instituição? Por exemplo, tu te sente representada pela instituição?

**Lyra:** Não, eu que represento a instituição, ela não me representa. Eu posso ser uma pessoa completamente diferente fora daqui.

Letícia: Além do uniforme, tu é outra pessoa? Fora o uniforme, tu é outra pessoa?

**Lyra:** Sim.

Letícia: Em que momentos tu te utiliza do uniforme?

**Lyra:** Pra ir pra aula.

Letícia: Só na escola?

**Lyra:** Só.

Letícia: Que cuidados tu tem que ter com o uniforme?

**Lyra:** Ah, tem que passar, lavar... Não rasgar.

Letícia: E quando tu tá te utilizando do uniforme, como é que tu sente?

**Lyra:** Depende do meu humor, se eu tô de mal humor eu não gosto de nenhum uniforme e se eu tô de bom humor, eu tô nem aí pros uniformes.

Letícia: Uhum... Tu te acha, por usar o uniforme dessa instituição, mas se fosse de outra, te sente importante, se sente valorizada?

**Lyra:** Não.

Letícia: Não?

**Lyra:** Que quase todos tem uniforme, só explica que eu tô estudando...

Letícia: Uhum... Conhece a história dos uniformes daqui?

**Lyra:** Não.

Letícia: Nem as transformações, então, que ele passou?

**Lyra:** [Aceno com a cabeça]

Letícia: Desses três conjuntos, não que tu tivesse outro, mas desses três, tu gostaria que alguma coisa fosse diferente?

**Lyra:** Que a gente não usasse o sapatinho, mas ele eu não posso reclamar porquê, depende, tem sapatos que são confortáveis.

Letícia: Uhum, então tá bom, muito obrigada pela sua colaboração.

## 12. CAMELOPARDIS

Letícia: Bom, eu vou conversar com a Camelopardis. Camelopardis, tu gosta dos uniformes que tu veste?

**Camelopardis:** Gosto.

Letícia: Gosta dos três?

**Camelopardis:** Aham, o CT1 é o meu favorito.

Letícia: Ostentação (Risos). Como é que tu descreve o teu uniforme?

**Camelopardis:** Em que sentido?

Letícia: Ele é confortável, ele é usual... Como é que ele é?

**Camelopardis:** An... O CT1 e o CT2 são um pouco desconfortáveis, pois eles exigem que tu use sapatinho e daí tem cinto e tem a boina, daí é pouco desconfortável pra andar, essas coisas... Mas, não é tão horrível assim, sabe?! O CT3 é bem confortável, é um abrigo né?

Letícia: Tem uma diferenciação entre o feminino e o masculino?

**Camelopardis:** Tem, no CT2 as gurias usam saia e os meninos usam calça, os gurus usam sapato e as gurias, sapatinho e no inverno as gurias usam bota. Acho que é só... No CT1 também, os gurus usam calça e as gurias usam saia.

Letícia: Qual a identificação que tu tem com o uniforme? Tu te identifica com o uniforme? O uniforme carrega consigo uma moral, uma ética, carrega mais a escola por trás. Tu te identifica com tudo isso que o uniforme carrega?

**Camelopardis:** Sim, isso é bem perceptível até... Pelo fato de estar andando na rua, com uma roupa normal e eu for atravessar a rua, por exemplo, eu vou ter que ficar ali esperando, se eu não tiver na faixa, aliás. Eu vou ficar ali esperando até alguém de bom grado parar só que se eu estiver de uniforme as pessoas já param. Não sei é por respeito ao colégio ou se é por achar que a gente vai denunciar ou algo do tipo... Mas dá pra ver a diferença de quando a pessoa tá de uniforme e quando não tá.

Letícia: Na tua opinião qual é a função do uniforme?

**Camelopardis:** Ah, eu acho que seria caracterizar o aluno que estuda no Tiradentes, né?! Não só no Tiradentes, mas em qualquer outra instituição que exija o uniforme. É caracterizar a pessoa tá trabalhando ou estudando nesse lugar. Acho que seria isso.

Letícia: Quais os cuidados que tu precisa ter com o uniforme ?

**Camelopardis:** An... Passar. Deixar ele bem passado. Que é bem cobrado isso. An... O sapatinho é sempre engraxado. Tem que deixar ele bonitinho. An... Acho que só.

Letícia: Mater sempre higienizado, limpinho? Em quais momentos tu te utiliza do uniforme?

**Camelopardis:** Todos os dias (Risos).

Letícia: Só na escola?

**Camelopardis:** Aham...

Letícia: Quais as identificações que o uniforme tem que ressaltam a identidade da escola?

**Camelopardis:** Como assim?

Letícia: O que que tem que identifica a escola no uniforme?

**Camelopardis:** Tem o nome do colégio, tá no casaco, tá na calça, tá na boina também. Em qualquer peça do uniforme vai ter o símbolo do colégio...

Letícia: Que identifica ele...

**Camelopardis:** É...

Letícia: Tu sabe o significado das identificações, por exemplo, eu vejo um castelinho...  
Vejo estrelas, tu sabe o significado disso?

**Camelopardis:** Não, tipo, não.

Letícia: Não?

**Camelopardis:** Eu já vi isso, mas agora eu não me lembro.

Letícia: Aham...

**Camelopardis:** A gente já viu isso no colégio, mas eu não me lembro agora.

Letícia: Tu te sente representada pelo uniforme?

**Camelopardis:** Sim.

Letícia: Quanto tu estás com ele tu te sente valorizada, importante? Por estar com o uniforme escolar?

**Camelopardis:** [Aceno com a cabeça]

Letícia: Conhece a história do uniforme escolar?

**Camelopardis:** [Aceno com a cabeça]

Letícia: Nem as transformações que ele passou?

**Camelopardis:** [Aceno com a cabeça]

Letícia: Se você tivesse outro uniforme, você gostaria de ter outro uniforme? Não outro conjunto, mas um outro tipo de uniforme dentre os três, tu gostaria de ter um outro tipo de uniforme? Mudar alguma coisa nesses uniformes que estão hoje?

**Camelopardis:** Acho que não.

Letícia: Não?

**Camelopardis:** Porque é tudo bem... É bem... Como posso dizer? Padronizado. Tem dia que a gente tem educação física, daí é o dia que a gente vai usar o abrigo, dia de area, dia normal a

gente usa o CT2 e dai pra desfile e eventos importantes, esse tipo de coisa a gente usa o CT1, acho que cada um tem o seu papel, daí...

Letícia: Não mudaria, então?

**Camelopardis:** Acho que não.

Letícia: Então, tá... Muito obrigada Camelopardis.

### 13. MENSA

Letícia: Eu vou conversar com o Mensa. Mensa, tu gosta dos uniformes escolares:

**Mensa:** Gosto.

Letícia: Gosta? Como é que tu descreveria os uniformes escolares?

**Mensa:** Em geral, eles tem... É um pouquinho desconfortável, mas se for pensar em relação tem que acordar todo dia tem que escolher um roupa específica pra ti usar na escola e já ter uma pronta e tu ter aquilo ali é bem melhor.

Letícia: Fica bem mais tranquilo de se pensar? Tem diferença o uniforme masculino e o feminino?

**Mensa:** Tem diferença na saia. O masculino usa calça e a meninas usam a saia-calça, elas falam que é mais desconfortável que fica puxando muito, mas a nossa já é mais solta e o sapato delas, o nosso é o sapato social normal e o delas é com salto e elas falam que é desconfortável pra andar.

Letícia: Mais desconfortável? Qual a função que tu acha que o uniforme tem?

**Mensa:** Pra deixar todo mundo padrão, não tem nenhuma diferença, nenhum julgar o outro pela roupa.

Letícia: Uhum... Quais os cuidados que tu tem que ter com o uniforme?

**Mensa:** Tem que tá bem passado, tem que tá limpo, calça frisada, sapato lustrado.

Letícia: E em que momentos tu te utiliza desse uniforme?

**Mensa:** Todos os dias.

Letícia: Todos os dias, dentro da escola e fora da escola também?

**Mensa:** É mais dentro da escola, fora da escola... Eu vou pra casa de uniforme, tem poucos alunos que trocam na hora de ir embora, mas a maioria vai pra casa de uniforme. Na hora que vai almoçar, vai de uniforme.

Letícia: Tu não teria problema de se utilizar, por exemplo, se tivesse que sair daqui e ir pro cursinho, por exemplo? Ficar de uniforme não teria problema?

**Mensa:** Não.

Letícia: Porque tu gosta do uniforme, né?!

**Mensa:** Gosto.

Letícia: Não tem problema de usar. Como tu te sente usando o uniforme?

**Mensa:** Hum... Como?

Letícia: Como tu te sente usando o uniforme? Tu te sente importante? Te sente valorizado? Como tu te sente usando o uniforme?

**Mensa:** Hum, eu não me vejo diferente de nenhum outro aluno que estaria sem uniforme dentro da escola, pra mim é uma coisa normal. É só a roupa do meu colégio, é o que a gente tem que usar, é o padrão.

Letícia: Uhum...

**Mensa:** Porque saindo tu vê a diferença se eu tiver com um colega meu. Eu tenho uns amigos que estudam em outra escola e a gente anda junto mesmo quando eu tô fardado. E tu vê a diferença da pessoa passar, ela acaba olhando mais pro meu uniforme que pro colega que tá normal, chama atenção das pessoas.

Letícia: Uhum, e tu...

**Mensa:** Mas pra mim não tem diferença.

Letícia: Não, não saberia me dizer porque será que isso acontece?

**Mensa:** Ah, eu acho que pelo fato de ser uma escola militar. As pessoas veem, tem muita gente que só por a gente estar dentro de uma escola que é da Brigada que a gente já vai ser da Brigada, já passei por gente que me viu com o uniforme e perguntou se eu era da Marinha. Coisas assim...

Letícia: Uhum... E se fosse, você gosta do uniforme, mas você gostaria de ter um outro tipo de uniforme?

**Mensa:** Não...

Letícia: Não, do jeito que tá tá tranquilo. Você gosta do uniforme, então tá tranquilo?

**Mensa:** Sim.

Letícia: Dos três tipos de uniforme?

**Mensa:** É.

Letícia: Não existe diferença visível no uniforme, certo?!

**Mensa:** Não.

Letícia: Os alamares, por exemplo, eles não trazem nenhum constrangimento aos alunos que não tem alamares?

**Mensa:** Não, por que a maioria das pessoas de fora não sabem do significado daquilo ali, né?! E também que, ele é mais visível é no verão que a gente usa o uniforme sem japonsa, que no inverno mesmo, que é o período que a gente mais fica na escola a gente usa a japonsa e aí, fica por baixo, ele fica no suéter ou na gandola em si. Mas, eu mesmo agora eu não uso, mas eu usava antes e não... As pessoas vinham me perguntar o que era aquilo e eu explicava, mas depois eu perdi o alamar e não tem muita diferença, assim.

Letícia: E tu não sofria pelos outros que não tinham... Constrangimento... Porque tu tinha e os outros não?

**Mensa:** Não, não. Era a mesma coisa.

Letícia: Era bem tranquilo?

**Mensa:** Sim.

Letícia: Então tá, muito obrigada pela sua fala.

**Mensa:** Obrigado.

## 14. CÂNCER

Letícia: Eu vou conversar com a Câncer. E eu queria te perguntar se tu gosta dos uniformes? São três conjuntos e se tu gosta dos uniformes que tu utiliza?

**Câncer:** An... Eu gosto bastante do branco.

Letícia: O CT1.

**Câncer:** É bonito e a gente usa em eventos, não é sempre... An... O azul, o CT2 eu não gosto muito porque a gente usa ele segunda, quarta e sexta, então é o que a gente mais usa, é bem desconfortável, mas é bonito também. E esse daqui eu prefiro porque é de educação física, a gente usa pra fazer esporte.

Letícia: O Abrigo.

**Câncer:** É o mais confortável.

Letícia: Como tu despreveria os teus uniformes? Desconfortáveis, então?

**Câncer:** É, a maioria deles, sim.

Letícia: Porque que o CT2 é tão desconfortável?



**Câncer:** Porque, nós meninas mesmo, tem época que a gente tá com cólica ele aperta mais, pra ir no banheiro demora...

Letícia: É muita coisa...

**Câncer:** O sapatinho...

Letícia: Na tua opinião, qual é a função do uniforme?

**Câncer:** É representar a minha instituição, né?! Mesmo sendo uma escola militar...

Letícia: Uhum... E tem nesses uniformes que vocês utilizam identificações que falem qual é o colégio que vocês estudam?

**Câncer:** Sim.

Letícia: Que tipo de identificação?

**Câncer:** Tem o nome do colégio e símbolos.

Letícia: Símbolos... Conheces a identidade destes símbolos? O que eles significam? O que eles representam?

**Câncer:** É... Sei que o castelinho representa desde que foram fundado o colégio, os colégios Tiradentes.

Letícia: Basicamente...

**Câncer:** É...

Letícia: Quais os cuidados que tu tem que ter com o uniforme?

**Câncer:** Bem, quando... Depois que eu chego em casa eu tenho que... Pra não sujar, até por que a gente usa o resto da semana. Tem que tirar, quando... O CT2. Tirar os barretes, o castelinho, o nome, tira o cinto e tudo e separar pra lavar, tem que deixar separado porque a gente não pode perder.

Letícia: Manter sempre limpo e ter bastante cuidado.

**Câncer:** Ter bastante cuidado.

Letícia: Como tu te sente utilizando o uniforme escolar?

**Câncer:** Desconfortável.

Letícia: Um pouco desconfortável?

**Câncer:** [Aceno com a cabeça]

Letícia: Tu te sente representada pelo uniforme escolar? Porque o uniforme escolar ele carrega uma instituição por trás, um valor, uma ética, tu te sente representada por esses valores, essa ética, essa escola a qual tu carrega esse símbolo?

**Câncer:** Me sinto, eu acho que quando eu mais sinto que... Representada e ao mesmo tempo representando o colégio é nos desfiles em setembro, porque a gente entra lá e todo mundo vê, né! O colégio gosta, sabe o nome do colégio e tudo e a gente entra lá na avenida e representar tudo isso.

Letícia: Uhum, an... Então, você se considera parte importante quando está utilizando o uniforme, parte importante do colégio?

**Câncer:** Sim.

Letícia: Sim? Conhece a história do uniforme?

**Câncer:** Não.

Letícia: Nem as mudanças pelas quais ele passou?

**Câncer:** [Aceno com a cabeça]

Letícia: Desses três uniformes, não que existe algum outro, mas você gostaria de ter um outro tipo de uniforme?

**Câncer:** Não, só queria que fosse o CT3 sempre.

Letícia: Sempre... O abrigo sempre pra se sentir mais confortável? Porque? Porque o CT2 é desconfortável? É frio? Porque? Quais motivos que tu não gostaria de usar tanto o CT2?

**Câncer:** Que ele é desconfortável, a gente... Mesmo passa fazendo atividade, de marchando ou coisa assim... E passa o dia inteiro em sala de aula... É desconfortável, eu acho.

Letícia: Então tá, muito obrigada pela sua contribuição.

## 15. CANIS VENACITI

Letícia: Eu vou conversar com o Canis Venatici. E Canis Venatici eu queria começar te perguntando se tu gosta dos uniformes?

**Canis Venaciti:** O uniforme é bom, eu gosto da ideia do uniforme deixar tudo igual, sabe?! Não tem aquela diferença. E esse uniforme específico, o abrigo, eu acho melhor... Que é mais livre sabe?! O outro dá um pouquinho...

Letícia: Uhum... Como tu descreveria os teus uniformes?

**Canis Venaciti:** An... Esse é o que eu mais gosto pra fazer as atividades e tudo... CT2 é o que menos gosto que é o mais preso, não pode fazer muita coisa... Ele é... Não sei como explicar direito... An...

Letícia: Ele é desconfortável?

**Canis Venaciti:** Ele é desconfortável, não é muito bom...

Letícia: Porque ele não é desconfortável?

**Canis Venaciti:** Não sei... É que...

Letícia: É o sapato?

**Canis Venaciti:** Sapato... O uniforme todo tem que estar sempre com cuidado, aí fica aquela história... Fica desconfortável tá com ele...

Letícia: Tem que tá alinhado?

**Canis Venaciti:** É...

Letícia: Ele é quente?

**Canis Venaciti:** Só tem calça pros guris... Em fica...

Letícia: Uhum... E o CT1?

**Canis Venaciti:** O CT1 que é muito pouco, mas eu acho bonito o CT1... Eu gosto do CT1...

Letícia: Em que momentos tu te utiliza do uniforme? Só na escola?

**Canis Venaciti:** Só na escola...

Letícia: Só na escola...

**Canis Venaciti:** ... E no deslocamento pra casa.

Letícia: Tá... E o CT1 em ocasiões especiais. An... Quais símbolos destacam o colégio em si? Quais símbolos tem o uniforme?

**Canis Venaciti:** An... Tem o símbolo do colégio... Que é o castelo com as três estrelas e as cores...

Letícia: As cores, em particular, são aqui?

**Canis Venaciti:** São daqui. Que é azul e o vermelho... Não, são de todos os colégios...

Letícia: Então, por exemplo, em Porto Alegre são as mesmas cores?

**Canis Venaciti:** São as mesmas cores, azul, vermelho e branco...

Letícia: Só que lá não predomina mais o vermelho?

**Canis Venaciti:** Não.

Letícia: É igual? É padrão?

**Canis Venaciti:** ... Sim.

Letícia: Como tu te sente representado pelo uniforme?

**Canis Venaciti:** Não sei muito... Só mais o abrigo, um pouco... Que eu uso mais...

Letícia: Tu acha que tu representa? Ou o uniforme te representa?

**Canis Venaciti:** Eu acho que o uniforme me representa.

Letícia: Com a ética? Os valores? Toda a história que ela carrega? Te representa? Tu não é... o Joaquim é o uniforme escolar? Ou tu é outro além do uniforme?

**Canis Venaciti:** Não, eu sou uma pessoa além da escola, mas o aqui dentro eu acho que o uniforme me representa um pouco como eu sou...

Letícia: Então, você se sente importante? Se sente valorizado? Sim? Conhece a história do uniforme do colégio?

**Canis Venaciti:** Do uniforme não.

Letícia: Nem as transformações que ele passou, então?

**Canis Venaciti:** Não.

Letícia: Destes três conjuntos que tu tens, não que tu tenha mais um, mas se tu tivesse. Tu gostaria que alguma coisa destes três fosse diferente?

**Canis Venaciti:** Acho que não teria muito o que mudar...

Letícia: Mesmo sendo desconfortável?

**Canis Venaciti:** É que.. Eu não imagino um jeito de mudar ele pra ficar no padrão...

Letícia: Então, tá bom... Muito obrigada, Canis Venaciti.

## 16. HYDRA

Letícia: Eu vou conversar com a Hydra. Hydra, tu gosta dos uniformes que tu veste?

**Hydra:** Só do CT3 e do CT1 também...

Letícia: É um de gala...

**Hydra:** É de gala. E do... Do abrigo.

Letícia: Porque tu gosta?

**Hydra:** Do CT1 porque parece que eu sou da Marinha.

(Risos)

Letícia: Sim. De que maneira tu despreveria o teu uniforme?

**Hydra:** O CT2, muito desconfortável. E o CT3, acho que dá pra usar todos os dias (Risos)...

Letícia: Uhum... Tem uma diferença entre o uniforme feminino e o masculino?

**Hydra:** Acho que... Em se tratar de conforto não tem muita diferença, pois incomoda dos dois jeitos, mas o das meninas eu acho que incomoda um pouco mais, pois é uma saia e fica rodando na perna né?! Mas eu nunca usei o uniforme dos guris, então, eu não sei dizer beem...

Letícia: Preferia usar calça, de repente?

**Hydra:** Calça ia ser melhor (Risos).

Letícia: Na tua opinião, qual é a função do uniforme?

**Hydra:** É padronizar e definir de onde tu é.

Letícia: Da escola, instituição?

**Hydra:** É...

Letícia: Quais os cuidados que tu tem que ter com o uniforme?

**Hydra:** Tem que tá sempre bem passado, tem que manter limpo, não pode fazer esportes com determinado uniforme, só com o CT3. É um pouco chato, o sapatinho machuca às vezes, meia calça, tem que tá sempre com o sapato engraxado, os barretes em dia, tem que tá tudo certo. É meio chato de cuidar.

Letícia: Em que momentos tu te utiliza do uniforme escolar?

**Hydra:** Como assim?

Letícia: Onde tu te utiliza do uniforme?

**Hydra:** Na escola, na rua, eu acho...

Letícia: Na escola, basicamente?

**Hydra:** É... Que a gente passa a maior parte do tempo aqui e pra ir pra casa.

Letícia: Pra ir pra casa... Fora outro lugar, não?

**Hydra:** Fora, só se for em algum desfile que daí a gente usa o CT1, como representação do colégio.

Letícia: Você se sente representada pelo uniforme?

**Hydra:** Não, eu acho que a gente representa o uniforme... A gente representa o colégio pelo uniforme, que é... Só fala de onde tu é, onde tu estuda. É a mesma coisa que usar um moletom de uma outra instituição, mas tu representa de onde tu é usando o uniforme e não o colégio que te representa.

Letícia: Como tu te sente usando o uniforme?

**Hydra:** No colégio não é tão ruim, mas na rua parece um alien, muito diferente das outras pessoas, fica todo mundo te olhando exatamente por ser diferente, um uniforme muito diferente. Mas é meio ruim, mas, dentro do colégio é todo mundo igual.

Letícia: E tu te sente representada? Tu te sente importante com o uniforme?

**Hydra:** Acho que... Acho que sim (Risos). Acho que sim, exatamente por ser diferente todo mundo olha, por ser do Tiradentes todo mundo já te olha: “Nossa, ela é muito intelectual!”, e tal (Risos).

Letícia: Então o colégio carrega uma carga por trás?

**Hydra:** É.

Letícia: E mesmo que tu o represente, você não se sente representada por ele, mas sim, você representa ele?

**Hydra:** Eu acho que os alunos representam o colégio, não acho que o colégio represente os alunos.

Letícia: Uhum. Conhece a história do uniforme do colégio?

**Hydra:** Não.

Letícia: Nem as transformações que ele passou?

**Hydra:** Não, só alguns detalhes eu acho, mas nada de muito relevante.

Letícia: Então, são três conjuntos, dentro desses três conjuntos você gostaria que alguma coisa fosse diferente?

**Hydra:** A saia do CT2 incomoda muito a saia do CT2.

Letícia: Uhum, queria que fosse mais...

**Hydra:** Mais... É que assim, ó... Pra quem tem um corpo bonito e tal ela não é tão ruim, só que pra quem não tem o corpo do padrão, digamos assim, ela marca tudo e aí é muito ruim de usar. Fica até... Dependendo da pessoa fica meio constrangida pra quem não aceita o seu próprio corpo.

Letícia: Seria algo mais confortável, mais adequado ao corpo?

**Hydra:** É...

Letícia: Então, tá bom, muito obrigada Hydra!

## 17. DELPHIUS

Letícia: Eu vou conversar com a Delphius. Delphius, eu queria te perguntar, são três conjuntos de uniforme, tu gosta dos uniformes?

**Delphius:** Eu acho que o CT2 não é muito confortável, mas eu gosto deles.

Letícia: Eles não são confortáveis, como assim? É apertado?

**Delphius:** É por causa do sapatinho.

Letícia: Sapatinho? Tem que usar todo o dia o sapatinho? A bota nem tanto?

**Delphius:** A bota é só no inverno.

Letícia: Mas, o sapatinho...

**Delphius:** O sapatinho é no verão.

Letícia: É mais chatinho de usar... Como tu descreve teus uniformes? São confortáveis, são práticos? Como é?

**Delphius:** O abrigo é mais prático que os outros, mas não são nada muito complicados.

Letícia: Uhum, bem tranquilos de usar?

**Delphius:** [Aceno com a cabeça]

Letícia: Tu te identificas com o uniforme? Que o uniforme traz o colégio por trás, significados por trás, tu te identificas com esse uniforme?

**Delphius:** Eu não sou muito fã de usar uniforme, mas...

Letícia: Porque que tu não gosta de usar uniforme?

**Delphius:** Sei lá, só não gosto.

Letícia: Não gosta. Na tua opinião, qual é a função do uniforme?

**Delphius:** Padronizar a gente.

Letícia: Padronizar? E tu não gosta dessa padronização?

**Delphius:** É, eu acho que as pessoas deviam ser livres pra usar o que querem.

Letícia: Uhum, livres pra expressarem a sua maneira e com a roupa, uma das expressões que a pessoa... Em quais momentos tu te utilizas do uniforme?

**Delphius:** Só durante a semana.

Letícia: Durante a semana, dentro da escola?

**Delphius:** Só.

Letícia: Como tu te sente usando o uniforme? De que forma tu te sente?

**Delphius:** An... Que eu represento alguma coisa.

Letícia: Se sente valorizada? Importante?

**Delphius:** É... Mais ou menos isso.

Letícia: Mais ou menos isso. An... Conhece a história do uniforme?

**Delphius:** Não.

Letícia: Nem as modificações que ele passou?

**Delphius:** Não.

Letícia: Se você tivesse um outro tipo de uniforme, não outro conjunto, mas você gostaria de ter um outro tipo de uniforme?

**Delphius:** Eu acho que um abrigo de moletom.

Letícia: Uhum... Pra se sentir mais aquecida no inverno? Só esse detalhe?

**Delphius:** É...

Letícia: Então, tá bom. Muito obrigada pela sua colaboração.

## 18. LIBRA

Letícia: Eu vou conversar com o Libra. E Libra, eu queria saber se tu gosta dos uniformes? São três conjuntos...

**Libra:** São três conjuntos e eu gosto de cada um deles. An... Eu acho que eu gosto de preferência do CT1, que é a farda de gala, o branco, que é pra gente usar em eventos, desfiles, essas coisas. Tem o CT2, que é o azul que é o uniforme diário e também tem o CT3 que é o uniforme de educação física que, geralmente, que é o que todo batalhão de alunos gosta porque é um pouco mais solto, é mais suave é mais... A calça não é que nem a calça do CT2 que é um pouco mais apertada e tem o cinto, só tem um esláticozinho então, é melhor de usar.

Letícia: Como tu descreve o teu uniforme?

**Libra:** Em que sentido seria?

Letícia: Prático, confortável, como é que tu descreve?

**Libra:** Acho que cada um deles tem a sua função, acho que como já é visto já, o branco que é pra desfile, ele é confortável pra desfile mesmo, então acho ele bem ideal e bem adequado. O CT3 como é mais solto, é mais... Eu acho melhor, mais prático, mais pra fazer alguma atividade física que requer mais movimento, se a gente tem que esticar um pouco mais a perna, o braço esse aqui é bem elástica, então... Já o CT2, como já não é permitido fazer nenhuma atividade física com ele por causa que ele é um pouco mais apertado, um pouco mais justinho, tem é... Medindo cada parte... Circunferência de cada coisa... É mangas, cintura, quadril...

Letícia: Ele é mais ajustado?

**Libra:** Ele é mais ajustado, então eu não acho tão adequado pra atividade física, mas ele é bom pra diariamente, pois ele é um uniforme bonito.

Letícia: Qual a função, na tua opinião, que o uniforme tem?



**Libra:** Na minha opinião, o uniforme faz com que uma escola ela seja mais padronizada. Seja um... Que não seja... Por exemplo, um condomínio, um cidadão quer pintar um apartamento dele externamente só que ai se ele pintar externamente o outro vizinho dele também vai querer pintar externamente, então vai ficar um multicores. Então, eu acho que é pra isso que ser o uniforme, pra padronizar todo o colégio e, assim, fazer com que tudo fique um pouco mais normal, pra que não seja tão extravagante.

Letícia: Uhum, padronizar... Em quais momentos tu te utiliza do uniforme?

**Libra:** Em quais momentos eu me utilizo do uniforme?

Letícia: É.

**Libra:** An... Como é que eu posso dizer? Não entendi direito a pergunta.

Letícia: Quando tu está usando os uniformes?

**Libra:** Ah, diariamente, sempre. Todos os dias. An... Antes de eu entrar aqui, quando eu vim fazer minha inscrição com o sargento, ele falou assim: “Ah, porque essas roupas que tu usa não te pertencem mais porque tu vai passar o dia inteiro no colégio e tu não vai ter quase tempo pra usar nenhuma outra roupa”. E realmente, é verdade, a gente passa onze horas por dia no colégio com o uniforme e quando a gente chega em casa é quase perto da noite, então, a gente coloca uma roupa mais de casa mesmo até às vezes, um pijama, que logo depois já vai se deitar, vai descansar pro outro dia já tá aqui de novo.

Letícia: Então, tu te utiliza dele só na escola?

**Libra:** Só na escola, mas é diariamente.

Letícia: Sim, diariamente porque tu convive muito tempo aqui dentro né?!

**Libra:** Sim. Onze horas de vinte e quatro horas é muito tempo.

Letícia: Vocês vem que horas pra cá?

**Libra:** A gente vem... Depende de cada pessoa. Tem pessoas que acordam bem mais cedo pra vir, pois são de outras cidades, tem Canguçu e outras cidades...

Letícia: Mas, qual é o turno?

**Libra:** O turno é das 7:40 até as 17 horas. Ai das 17 às 17:30 é a hora de faxina da escola pra manter organizadinho.

Letícia: Então das 7:40 às 17:30, aqui?

**Libra:** Sim.

Letícia: É um bom tempo. An... Como tu te sente usando o uniforme?

**Libra:** Eu me sinto bem, porque eu sei que tô num lugar bom, adequado e isso se demonstra principalmente na questão do uniforme. Que o colégio tenta deixar isso padrão, tenta manter isso, é a padronização que é pra manter o colégio mais organizado e até mais bonito.

Letícia: Tu te sente representado pelo uniforme?

**Libra:** Sim.

Letícia: Importante? Valorizado?

**Libra:** Principalmente.

Letícia: Não tem nenhum problema em relação aos alamares?

**Libra:** É... um pouquinho. É que como essa é uma escola... Essa é uma escola mais ou menos movida a nota, sabe?! Por que, como essa é uma escola diferenciada de Pelotas ela acaba sendo única e o fato de ser única também vai ter o seus alunos únicos, os destaques e é o alamar que vai mostrar isso. Mostra quem tem a maior nota e isso é bom pois faz com que a pessoa fique encorajada pra buscar o melhor de si... Pra... Uma média maior, maior nota pra que assim, ela ultrapasse até os seus próprios limites. Mas, o problema é que isso acaba gerando muitos conflitos pois algumas pessoas quando adquirem o mesmo, elas tem algumas que começam a ficar mais arrogantes e usam dele pra se sentir superior aos outros e às vezes até usar isso contra a pessoa.

Letícia: E isso te incomoda um pouco?

**Libra:** Incomoda, incomoda...

Letícia: Você tem alamares?

**Libra:** Eu tenho...

Letícia: Mas nunca fez com que ninguém fosse superior a você?

**Libra:** Não, não. Até porque pra mim todo mundo é igual. An... Só porque eu tenho alamar não significa que eu seja melhor. Pode ser que a pessoa tenha alguma dificuldade e isso eu posso ajudar a pessoa, entendeu?! Já que eu tenho alamares significa que eu realmente entendi um pouco melhor a matéria isso quer dizer que eu posso tentar ajudar aquela pessoa que não entendeu.

Letícia: Uhum...

**Libra:** Aí eu posso até permitir que ela consiga um.

Letícia: Um ajuda o outro?

**Libra:** Sim, claro.

Letícia: E na questão do uniforme, não existe... Todos são padrões, tudo é igualzinho?

**Libra:** É... Não muito, por que ano passado, pra mim, eu acho que foi um dos piores momentos em que eu vi que o uniforme não é tão padronizado assim, por que... Por exemplo, eu

vinha de CT2, que é o azul, organizadinho, assim, bonitinho, ai tinha gente que não vinha de cinto, que é previsto no regulamento. Tem que vir de cinto, ele tem o símbolo do colégio, aí dentro da sala de aula... Dentro da sala de aula o professor pode até permitir, mas muitas vezes o professor nem sabe e tem alunos que ficam com a camisa pra fora da calça, o que não pode ou ficam sem o cinto ou com a camisa desabotoada também não pode e isso acaba não deixando o colégio totalmente padrão, mas os servidores tentam ao máximo possível manter isso... Principalmente fora do colégio, que dentro do colégio as pessoas não veem tanto, até porque eles vão estar aqui dentro, um ambiente fechado, mas fora do colégio é essencial que todo mundo fique padrão. Só que algumas vezes isso não acontece.

Letícia: Entendi, então tem alguns desvios no uso do uniforme?

**Libra:** Tem, tem algumas exceções.

Letícia: Exceções...Posso dizer que existe algum tipo de rebeldia entre alguns?

**Libra:** Isso... Eu acredito que muitas vezes, por causa... Porque, assim, eu por exemplo, tô aqui dentro por que me obrigou a entrar, só que depois de um tempo eu passei a gostar. Só que ai muitas vezes alguns alunos, eles continuam não querendo estar aqui... Acabam não gostando do colégio, gostam das amizades que se formam aqui, mas do colégio não, aí eles acabam fazendo isso pra mostrar acho que a rebeldia e a raiva deles. A controvérsia deles em relação ao colégio, em relação a obrigação dos pais de estar aqui...

Letícia: E aí fazem isso com o uniforme?

**Libra:** Com o uniforme ou com extravios ou com alguma outra coisa relacionada à escola mesmo que acaba gerando comunicações, muita papelada.

Letícia: Então, eu posso dizer que por trás do uniforme sempre tem alguém querendo se mostrar?

**Libra:** É, pois é... Muitas vezes é pra... Muitas vezes as pessoas acham isso legal ou acham isso maneiro e aí aquela pessoa acaba sendo muito comentada e acaba ficando muito popular dentro do recinto e acho que é isso, principalmente, o que as pessoas buscam. Pois quando elas buscam... Quando elas conseguem isso, elas veem que elas começam a ser muito faladas e alguns até gostam disso e então eles continuam praticando, pra eles serem conhecidos até na escola...

Letícia: Essa rebeldia chega um parecer maior que os outros?

**Libra:** Sim.

Letícia: E se faz também com os uniformes?

**Libra:** Se faz.

Letícia: Com a boina colocada de forma diferente...

**Libra:** Ou não vem com a boina. Ou a boina tá muito colocada pro lado também.

Letícia: Sem cinto, como tu falou... Com a camisa pra fora.

**Libra:** Com as boinas sem símbolos também.

Letícia: Então, cada um tem suas rebeldias?

**Libra:** Sim.

Letícia: Tu gostaria de ter algum outro tipo de uniforme?

**Libra:** Hum... Acho que não porque esse colégio tem três uniformes diferentes pra ocasiões diferentes e eu acho isso muito bom, então eu acho que não gostaria de acrescentar um, porque tem que é pra diariamente, que é bonito e é justo. Tem um que é mais leve, mais solto pra educação física e tem um que é o próprio uniforme, então, e o colégio só faz isso.. Quando é um evento, fica no colégio e educação física. Então, esses três uniformes... Eles variam bem nessa composição, fica melhor...

Letícia: E dentro desses três tu não gostaria de mudar alguma coisa?

**Libra:** Não, acho que não. Ah, às vezes por... Eu não sei se isso é próprio, mas... Próprio de menino, mas é que muitas vezes tem ar condicionado na sala de aula. An... noventa por cento que pede pra ligar o ar condicionado é sempre menino, então, às vezes eu penso será que menino sente mais calor que menina. Aí em questão disso eu percebi que o sargento que fica na portaria, ele foi... Foi dito pra ele não deixar os alunos saírem só de camisa, porque tem que tá com o uniforme completo, o que inclui o casaco e como o casaco é de forro acaba deixando a gente com muito calor. Pois é, aí acaba suando muito e aí pode acarretar em odores e uma regra do regulamento diz que o aluno não pode estar com odores desagradáveis pra não prejudicar o ambiente escolar, mas isso às vezes é até obrigado a ele a fazer isso.

Letícia: Porque o uniforme é..

**Libra:** O uniforme tem que tá completo...

Letícia: E é muito quente...

**Libra:** É... É quente. E principalmente agora no verão.

Letícia: Então tá, muito obrigada pela sua colaboração.

**Libra:** Disponha (Risos)!

## 19. CAPRICORNUS

Letícia: Eu vou conversar com a Capricornus e, Capricornus eu queria começar te perguntando se tu gosta dos uniformes que tu veste?

**Capricornus:** Gosto. Gosto, menos o saltinho que tem aquele que tem salto e short eu não gosto muito de usar, pois machuca um pouco, mas eu gosto de usar.

Letícia: Como tu descreveria os teus uniformes?

**Capricornus:** Alguns confortáveis, outros nem tanto...

Letícia: Mas tranquilo?

**Capricornus:** É...

Letícia: Tem uma diferenciação do feminino e do masculino?

**Capricornus:** A saia... E o sapato. Só.

Letícia: An... Tu te identificas com o uniforme escolar? Que ele traz valores, ética por trás dele...

**Capricornus:** Sim.

Letícia: Gosta?

**Capricornus:** Sim. É ruim, uma pessoa veste um tipo de coisa e a outra veste, outra e aí fica diferente. Não curto muito isso. Eu gosto mais de ser igual aos outros.

Letícia: Uhum... Então, na tua opinião qual seria a função do uniforme?

**Capricornus:** Ah, é igualar os outros.

Letícia: Igualar?

**Capricornus:** É...

Letícia: Quais os cuidados que tu tem que ter com o uniforme?

**Capricornus:** Tem que passar... É só isso.

Letícia: Manter limpo?

**Capricornus:** Manter limpo.

Letícia: Em que momentos tu te utiliza do uniforme?

**Capricornus:** Toda a semana, segunda, terça, quarta, quinta e sexta...

Letícia: Só na escola?

**Capricornus:** Só na escola.

Letícia: O que que tem de identificação no uniforme que fala... Que identifica o Colégio Tiradentes?

**Capricornus:** ...A escola? O nome que tem na calça, as plaquetas e o nome.

Letícia: Basicamente isso?

**Capricornus:** Uhum...

Letícia: Tu te sente representada pelo uniforme?

**Capricornus:** Sinto. Principalmente com a boina.

Letícia: Principalmente com a boina? De que maneira tu te sente usando o uniforme?

**Capricornus:** É... Me sinto bem, assim, quando eu tô na rua, por exemplo, as pessoas olham diferente, mas eu gosto de usar.

Letícia: Conhece a história do uniforme do colégio?

**Capricornus:** Não.

Letícia: Nem as transformações pela qual ele passou?

**Capricornus:** Não. Não, não conheço.

Letícia: Não. São três conjuntos, certo? Dentro desses três conjuntos, não que exista mais um, mas dentro desses três, você gostaria de ter um outro tipo de uniforme?

**Capricornus:** Não, eu gosto desses.

Letícia: Não mudaria nada?

**Capricornus:** [Aceno com a cabeça]

Letícia: Então, tá bom Capricornus. Obrigada!

## 20. CASSIOPEIA

Letícia: Eu vou conversar com a Cassiopeia. Cassiopeia eu queria te perguntar se tu gosta dos uniformes? São três conjuntos, tu gosta de usar o uniforme escolar?

**Cassiopeia:** Eu... Eu gosto, né?! Embora, sejam meio desconfortáveis, como o CT2 e o CT1 por causa do salto, mas ao todo, assim, é bom... É bonito, o CT1, principalmente. É o mais bonito e... O CT3 é o mais confortável. Não é ruim, entendeu?!

Letícia: Como tu descreveria o teu uniforme?

**Cassiopeia:** É... Uma coisa padrão, ele é bem... Ele é de uma instituição que é rígida e acho que é isso, não tem muito o que falar. Ele é bem básico.

Letícia: Básico? Desconfortável?

**Cassiopeia:** Desconfortável (Risos). Esse daqui, o CT3 até que não, mas os outros, o CT2 e o CT1, são um pouquinho mais desconfortáveis.

Letícia: Na tua opinião, qual é a função do uniforme?

**Cassiopeia:** Eu acho que é padronizar os alunos. É diminuir essa... Desigualdade de roupa, que vem um de cada jeito, entendeu?! Deixar todo mundo igual, ninguém é diferente de ninguém, ninguém é mais do que ninguém, acho que é isso.

Letícia: A função, então, é padronizar?

**Cassiopeia:** Isso.

Letícia: Há uma diferença entre o masculino e o feminino?

**Cassiopeia:** Ah, há porque o feminino, geralmente, quando troca o uniforme tem mais mudanças, o masculino só troca poucas coisas, assim, mas o feminino a gente muda tudo. Por exemplo, se é uma formatura a gente tem que botar o coque, os guris vão igual, entendeu?! A gente tem que mudar um pouquinho mais que os guris, mas é... É parecido. É só pouca coisa que a gente muda mais.

Letícia: Aham, quais os cuidados tu precisa ter com o teu uniforme?

**Cassiopeia:** Ah, eu tenho que passar ele, tenho que... Eu tenho que lavar sem judiar do tecido. Tem que lavar com cuidado, tem que ser separado, tem que passar, tem que fazer as preguinhas, botar os barretes. É um cuidado a mais.

Letícia: É, porque tu usa ele por três anos né?!

**Cassiopeia:** É...

Letícia: É sempre o mesmo.

**Cassiopeia:** Tem que tentar conservar...

Letícia: Quais são as identificações que o uniforme tem que ressaltam a identidade do colégio?

**Cassiopeia:** Ele tem a, o símbolo do colégio na boina, e nas camisetas também, na gandola tem o símbolo do colégio, na calça mesmo. No CT3 diz Colégio Tiradentes, no casaco também, em bastante partes do uniforme, assim, qualquer um dos uniformes tema alguma coisa que identifica o colégio.

Letícia: Tá. Tu te sente representada pelo uniforme escolar?

**Cassiopeia:** Olha... Isso... É muito relativo, é que eu, assim, eu gosto do CT3, eu sou eu mesma com ele, entendeu?! Com os outros eu sou mais uma pessoa na sociedade, mas os outros... Eu me identifico mais com o CT3... É esse aqui. É o melhor, que eu fico mais a vontade, sou mais eu.

Letícia: Quando tu tá com outros, como tu te sente?

**Cassiopeia:** Eu acho que eu me sinto mais bonita, mas mais desconfortável. É uma coisa que é mais de imagem pros outros.

Letícia: Imagem sua representada?

**Cassiopeia:** Isso.

Letícia: Uma imagem da instituição e não você?

**Cassiopeia:** Isso. É isso mesmo.

Letícia: Você é outra pessoa dentro daquele uniforme?

**Cassiopeia:** Exatamente.

Letícia: Mas você se sente importante, se sente valorizada com o uniforme do colégio?

**Cassiopeia:** Ah, eu acho que sim, acho que quando a gente anda com uniforme a gente carrega com a gente aquela... Aquele mérito de estar na escola, de ter passado pra aquela escola, de tá... Tá ali é uma dedicação, é um mérito nosso, sabe?! Usar aquele uniforme, por mais que, os pesares, eu acho que é... Com os altos e baixos, que toda instituição tem, eu acho que é uma escola boa e quando a gente usa o uniforme, a gente tem esse mérito estampado.

Letícia: Você gostaria de ter um outro tipo de uniforme? Não um outro conjunto, mas dentro desses três um outro tipo de uniforme?

**Cassiopeia:** Ah, eu acho que... Eu não tenho um uniforme montado assim, na minha cabeça ou algo do tipo, mas eu acho que eu procuro coisas mais confortáveis. Porque a gente passa estudando que o mais confortável deixa a gente mais a vontade pra fazer aquelas atividades do dia-a-dia e o CT2 são três dias da semana, então é mais do que o CT3, então eu prefiro o CT3 e gostaria que ele fosse mais usado assim, digamos assim.

Letícia: Em que momentos tu te utiliza do uniforme?

**Cassiopeia:** Ah, o dia todo.

Letícia: Só na escola?

**Cassiopeia:** É. Só na escola, mas o dia todo.

Letícia: Mas de que período a que período tu usa? De que horário a que horário tu usa o uniforme?

**Cassiopeia:** Eu saio... Segunda, quarta e quinta é o dia todo. Das 7 horas, que eu acordo, boto o uniforme, venho pra escola, até as 17:30 chego em casa e tiro ele e terça também desde as 7:30, mas eu chego um pouco mais cedo, que a gente chega em casa mais cedo pois não tem aula de tarde, aí a gente chega mais cedo porque é extraclasse aí não tem aula. Aí eu chego em casa um pouco mais cedo e aí eu tiro ele e sexta só manhã, mas... Mas, é praticamente o dia todo.



Letícia: E só na escola?

**Cassiopeia:** Só na escola. Na ida, assim, pra casa, que não tem como tirar toda hora, mas é basicamente na escola.

Letícia: Então tá, muito obrigada pela sua contribuição!

## 21. CARINA

Letícia: Eu vou conversar com a Carina, a Carina é estudante do Tiradentes. Marília, tu gosta dos uniformes da escola?

**Carina:** Eu gosto mais do CT3, que é o abrigo.

Letícia: Hum...

**Carina:** Do CT2 eu não gosto tanto...

Letícia: Mas é o que tu usa mais?

**Carina:** É que eu uso mais.

Letícia: E, porque, que tu não gosta dele?

**Carina:** Porque ele é desconfortável e feio.

Letícia: Feio?

**Carina:** Feio.

Letícia: Feio em que aspecto?

**Carina:** Ele parece uma roupa de gari.

Letícia: Gari?

**Carina:** Sim.

Letícia: E roupa de gari é feio?

**Carina:** Normalmente é, não é que tipo assim, ele é cinza então, ele não é bonito. Não é aquela coisa que tu olha e diga “Bá aquela alegria de vestir o uniforme!”, ele é cinza.

Letícia: Como é que tu descreve, então, o uniforme?

**Carina:** Ele é chato, ele é desconfortável, acho que essas são as melhores palavras que eu consigo descrever ele.

Letícia: Chato e desconfortável?

**Carina:** É...

Letícia: Tem uma diferenciação entre o uniforme masculino e o uniforme feminino?

**Carina:** Tem, as meninas usam saia-calça e os guris usam calça.

Letícia: E essa diferenciação é ruim ou é boa?

**Carina:** Eu não vejo motivo, que se no abrigo todo mundo pode usar calça, porque que no CT2 as gurias não podem usar calça?

Letícia: Qual a tua identificação com o uniforme?

**Carina:** Como assim?

Letícia: Como tu te identifica com o uniforme escolar?

**Carina:** Não sei, sou só mais uma aluna...

Letícia: Mais uma aluna?

**Carina:** Mais uma aluna com o uniforme.

Letícia: Na tua opinião, qual é a função do uniforme?

**Carina:** Deixar todo mundo igual.

Letícia: Deixar todo mundo igual?

**Carina:** É, por fora.

Letícia: Por fora?

**Carina:** É.

Letícia: Que mesmo usando o mesmo uniforme...

**Carina:** Ninguém é igual a ninguém por dentro.

Letícia: Quais os cuidados que tu tem que ter com o uniforme?

**Carina:** Ai tem que passar, quando chegar em casa, tirar, bota no cabide se não amassa. Tem o CT2 pra lavar, tem que lavar direitinho se não dá ruim. É chato cuidar do uniforme.

Letícia: Uhum, quais momentos você se utiliza o uniforme?

**Carina:** Só quando eu tô no colégio.

Letícia: Saindo daqui?

**Carina:** Aí eu tiro. Chego em casa e tiro o uniforme.

Letícia: Só trajeto casa-escola, então?

**Carina:** É.

Letícia: Nenhum outro momento? An... Quais identificações do uniforme ressaltam a identidade e a missão do colégio?

**Carina:** Aqui, dizendo Brigada Militar.

Letícia: O símbolo?

**Carina:** Acho que só o símbolo.

Letícia: O símbolo dele?

**Carina:** É.

Letícia: Conhece a missão do colégio?

**Carina:** Ensinar?

Letícia: Conhece... Vocês ensinados a reconhecerem a missão, a ética, a visão da escola?

**Carina:** É...

Letícia: Você se sente representada pelo uniforme escolar?

**Carina:** Não.

Letícia: Porque não?

**Carina:** Tipo assim, eles... O Uniforme eu sigo porque eu tenho que ser padrão, tenho que agir corretamente, tenho que ser mais certinha e eu não sou assim.

Letícia: Tem que te portar de uma maneira que tu não se sente confortável?

**Carina:** não é que não me sinto confortável. É que eu só não sou assim.

Letícia: Uhum... Você se considera parte importante da escola, da instituição quando está utilizando o uniforme escolar?

**Carina:** Na verdade não, me sinto mais uma aluna.

Letícia: Te sente, então, se sente... Essa é a forma que você se sente, não se sente de outra maneira? Só mais uma aluna...

**Carina:** É...

Letícia: Conhece a história do uniforme?

**Carina:** Não.

Letícia: Da instituição, nem a história dos uniformes?

**Carina:** Dos uniformes eu não conheço.

Letícia: Tá. Não sabe por quais mudanças o uniforme do colégio, por exemplo, passou?

**Carina:** Não.

Letícia: Gostaria de ter outro uniforme?

**Carina:** Ah, eu até gostaria.

Letícia: Que tipo de uniforme? E porque?

**Carina:** Tipo, eu não me importaria de ficar usando o abrigo, mas o CT2 ou mudassem a saia-calça pra um jeito dela ser mais confortável ou todo mundo usando calça.

Letícia: Uhum... Confortável. É confortável, tu gostaria que fosse tudo mais confortável.

**Carina:** Confortável.

Letícia: Então, tu. Resumindo, se fosse te perguntar assim, tu te sente identificada como pessoa com o uniforme escolar? Sim ou não?

**Carina:** Como assim?

Letícia: Tu, Marília, e o uniforme escolar, que tipo de identidade tem vocês os dois?

**Carina:** Só pro colégio.

Letícia: Só o colégio?Ele não te representa?

**Carina:** Não.

Letícia: Só a escola?

**Carina:** Só a escola.

Letícia: Fora da escola?

**Carina:** Não me representa.

Letícia: Não. Então, tá bom, muito obrigada Carina.

## 22. CENTAUROS

Letícia: Vou conversar com a Centauros. E eu queria começar te perguntando se tu gosta dos uniformes? São três conjuntos...

**Centauros:** Sim...

Letícia: Tu gosta?

**Centauros:** Sim. Muito, porque fica mais fácil quando a gente tem que... Pra gente não utilizar a roupa bonitinha na escola... Aquele negócio já acorda sabendo o que tu tem que usar, não tem que te preocupar é bem melhor.

Letícia: E como tu descreveria o teu uniforme?

**Centauros:** Como assim? Tipo...

Letícia: Como ele é pra ti?

**Centauros:** Confortável e chique, o CT3 é confortável e o CT2, ele é um pouco desconfortável, mas eu gosto dele pois no inverno ele é quentinho.

Letícia: É um pouco desconfortável, por?

**Centauros:** Por causa que é muita roupa, sabe?! Tipo, tem que usar meia calça, daí, de fio de nailon, ela fica rasgando e tem que ficar trocando, aí compra muita, muita, muita... Fica rasgando. Aí tem que usar o cinto, que de vez em quando aperta, aí a saia e aí tem a gandola, que de vez em quando o botão “coiseteia”, sabe?! Sai, descostura, tem que ficar costurando toda hora...

Letícia: E o CT1?

**Centauros:** A gente usa muito pouco, mas eu gosto dele além dele ser bonito!

Letícia: É o uniforme ostentação...

**Centauros:** É...

Letícia: Tem uma diferença entre o uniforme feminino e o masculino?

**Centauros:** Tem no CT2... E no CT3 também que é aquele cinzinhão e o branco, que as gurias usam saia-calça e os guris usam sapato, que a gente usa um sapatinho, e calça, mas não faz muita diferença...

Letícia: Qual identificação que tu tem com o uniforme?

**Centauros:** Identificação? Como assim?

Letícia: Tu te identifica com o uniforme? O uniforme ele traz consigo várias coisas, né?!

**Centauros:** Sim, a gente tá num colégio militar, então por exemplo, no CT2 a gente usa a boina, é uma característica daqui. Eu gosto, assim, eu acho bem legal. A característica, assim, tipo a cor da escola, a bandeira da escola, assim, a gente tem as cores dela no uniforme, então me sinto muito caracterizada da escola.

Letícia: Na tua opinião, qual é a função do uniforme?

**Centauros:** Além de identificar que nós somos alunos daqui para os olhos de fora, tipo, como é que vou te explicar? Me fugiu as palavras (Risos). Xiu, me identificar? As pessoas de fora identificam a gente, por ser, tipo, quando a gente viaja é mais fácil a gente se achar... E aqui dentro mesmo, a gente sabe reconhecer quem é aluno e que não, de vez em quando né?! É uma escola grande, então é melhor. Eu gosto.

Letícia: Sim... Pra se identificarem com os outros?

**Centauros:** É...

Letícia: Que cuidados que tu tem que ter com o uniforme?

**Centauros:** A gente tem que passar, pra ter o friso, não sei o que... Tem que lavar todos os dias, porque a gente usa o uniforme todos os dias... Mas, principalmente passar, deixar bem...

Letícia: Quais momentos que tu te utiliza do uniforme?

**Centauros:** Sempre...

Letícia: Sempre?

**Centauros:** Sim, todos os dias da semana, daí, fim de semana que eu uso civil.

Letícia: Só na escola, né?!

**Centauros:** Sim.

Letícia: Se sente representada, importante?

**Centauros:** Sim, sim

Letícia: Valorizada?

**Centauros:** Sim, muitas pessoas param a gente na rua e perguntam sobre a escola, justamente por a gente estar vestindo o uniforme. Curiosidades que elas tem, aí a gente responde de boa vontade.

Letícia: An... Então, você se considera parte importante quando usa o uniforme?

**Centauros:** Uhum...

Letícia: Conhece a história do uniforme do colégio?

**Centauros:** História? Como assim, história?

Letícia: A história, a trajetória que uniforme passou, as transformações que ele passou...

**Centauros:** Tem no regulamento do ano passado, mas de cabeça eu não lembro.

Letícia: Você gostaria de ter um outro uniforme?

**Centauros:** Eu gostaria de fazer modificações no uniforme.

Letícia: Como, por exemplo?

**Centauros:** Eu queria poder usar calça de vez em quando, tipo, tem vezes que a gente usa o CT2 e aí a gente tá com aquela meia calça e saia que vai um pouquinho abaixo do joelho e aí gente sente frio nas pernas apesar de estar de japonsa e tal, daí, eu queria poder usar calça. Aí, seria uma modificação que eu faria.

Letícia: Seria principalmente no inverno, né?!

**Centauros:** Sim.

Letícia: No verão nem tanto...

**Centauros:** Não, no verão nem tanto. Porque essa calça aqui não é quente e tal... Aí fica tudo bem.

Letícia: Uhum...O mais tá tranquilo?

**Centauros:** Uhum...

Letícia: Muito obrigada pela sua colaboração!

**Centauros:** E eu espero ter ajudado, que eu não sou muito boa com as palavras!

## 23. CEPHEUS

Letícia: Bom, vou conversar com o Cepheus e eu quero começar perguntando se tu gosta dos uniformes da Escola Tiradentes?

**Cepheus:** Não.

Letícia: Porque?

**Cepheus:** Existem dois tipos de uniforme, o CT2 que eu não gosto muito e o CT3 que eu gosto mais, que é o abrigo. O CT2 não tanta liberdade de movimento, por isso que eu não gosto.

Letícia: Por isso que tu não gosta. Como tu descreve, então, o teu uniforme? Desconfortável?

**Cepheus:** É. O outro é desconfortável, esse é bom.

Letícia: Esse é bom. O abrigo é tranquilo?

**Cepheus:** É, o abrigo é tranquilo.

Letícia: Tu te identifica com o teu uniforme?

**Cepheus:** Sim.

Letícia: Tu te acha representado pelo uniforme?

**Cepheus:** Sim.

Letícia: Na tua opinião qual é a função do uniforme?

**Cepheus:** Causar menos desigualdade entre as pessoas. Um dos principais motivos pra tu não... As pessoas não se achar superior as outras pessoas é por causa do vestimento e também pra poder padronizar. É ser todo mundo igual.

Letícia: Que cuidados que tu tem que ter com o uniforme?

**Cepheus:** Não sujar, não rasgar...

Letícia: Manter sempre higienizado?

**Cepheus:** Sim, sim...

Letícia: Passadinho, limpinho...

**Cepheus:** Isso, isso.

Letícia: Em que momentos tu utiliza do uniforme?

**Cepheus:** Só quando tô no colégio.

Letícia: Só quando tá no colégio.

**Cepheus:** Isso.

Letícia: An... Se tu tiver que sair em algum momento ou ficar por mais tempo com ele na rua não gosta?

**Cepheus:** Eu troco.

Letícia: Troca. Se sente representado pelo uniforme? Que o uniforme não é só um uniforme por si, ele carrega por trás ética, moral, etc. Tu te sente representado por ele também?

**Cepheus:** Sim.

Letícia: Pelos valores que ele tem, etc. Tu conhece a história do uniforme?

**Cepheus:** Não.

Letícia: Nem pelas transformações pela qual ele passou?

**Cepheus:** Não. Ele foi sendo aprimorado né?! Mas eu não conheço.

Letícia: Não conhece. Tá, são três uniformes certo?! Mas você gostaria de outro, outro mas entre esses três, gostaria de ter outro tipo de uniforme?

**Cepheus:** Acho que não, esses dois já estão bons, por que o que é menos confortável é o que é mais social, no caso. E o que eu tô usando hoje, o abrigo, é mais pra educação física. E eu acho que não teria outra ocasião pra criar outro uniforme.

Letícia: Sim. Então, do jeito que tá, tá tranquilo?

**Cepheus:** É, tá tranquilo.

Letícia: Então, tá bom, muito obrigada Cepheus.

## 24. MONOCEROS

Letícia: Eu conversar com o Monoceros. Monoceros, você gosta do uniforme que você veste do Colégio Tiradentes?

**Monoceros:** Eu gosto. Eu gosto muito deles, assim, antes de entrar pro colégio eu já olhava os alunos que usavam aqui e eu queria entrar por colégio e achava muito bonito o uniforme.

Letícia: E porque que tu gosta, além de achar bonito?

**Monoceros:** Eu gostar do uniforme também já se encaixa por eu gostar do militarismo no colégio, pelo colégio ser militar foi isso que me trouxe pro colégio, então, consequentemente, essa coisa de todo mundo tá igual, tá certinho, essas coisas... Tudo assim, eu gosto.

Letícia: Tu gosta. Como tu descreve o teu uniforme?

**Monoceros:** Tem o CT2, que é a gente usa que é parecido com uma farda com boina e tudo. Que esse é o que a gente tem que ter mais cuidado, assim, porque a gente tem que tá com ele sempre passadinho, sempre bonito, assim, mas... E é o que é mais confortável, assim, perto do abrigo, que é o CT3.

Letícia: Uhum...



**Monoceros:** O abrigo já é o que todo mundo gosta, menos gosta ou os que não gosta de nenhum, é o que menos gosta, assim... É o que menos gosto, então é isso.

Letícia: Uhum... An... Na tu opinião qual é função do uniforme?

**Monoceros:** Hum... A função do uniforme que eu vejo, assim, é tornar todo mundo igual, assim, não mostrar as diferenças entre todo mundo, entre as pessoas, assim, amenizar um pouco a diferença e ajudar as pessoas a não olhar pros outros já julgando, principalmente, pela roupa que é o caso do uniforme, assim.

Letícia: Uhum... Tem alguma identificação no uniforme que reslta a identidade do colégio?

**Monoceros:** Bem, tem o símbolo do colégio. Todos uniformes tem o símbolo do colégio e o nome do aluno, nome de guerra do aluno e só. Só o CT1, que é o uniforme de gala que esse não tem nada, o resto todos tem.

Letícia: Sim. Você se sente representado pelo uniforme?

**Monoceros:** Sim, eu me sinto, assim. Não é algo, assim, que me coloca pra baixo, nada assim, não. Gosto bastante.

Letícia: Conhece a história do uniforme do colégio?

**Monoceros:** Não, não conheço.

Letícia: Não conhece?

**Monoceros:** Não.

Letícia: São três conjuntos, certo? Não que existisse mais um, mas desses três conjuntos você gostaria que fosse, que alguma coisa fosse diferente?

**Monoceros:** Eu acho que só a japona, talvez. A jaqueta que a gente coloca no inverno, assim, ela pudesse... É um detalhe, só o capuz só, mas fora isso...

Letícia: O capuz, por capuz por causa do inverno?

**Monoceros:** É, só no inverno assim, pra botar...

Letícia: Pra proteger um pouco mais ?

**Monoceros:** É, principalmente na chuva, assim.

Letícia: Sim. Então, tá bom, muito obrigada Monoceros pela sua fala, viu?!

## 25. CETUS

Letícia: Vou conversar com o Cetus. E, Cetus, eu queria começar te perguntando se tu gosta dos uniformes que tu veste?

**Cetus:** Eu acho bem legal... Eu acho um tipo de roupa bem diferente, assim... E... É o que eu mais uso né?! Atualmente, assim... Finais de semana geralmente fico com roupa civil, né?! Mas, a maior parte do tempo de toda semana eu fico com esse uniforme. Eu acho ele bem legal.

Letícia: E pra ti qual será que é a função do uniforme?

**Cetus:** Eu acho que é padronizar a tropa em geral, assim... Pra ficar aquele negócio bonito, sabe?

Letícia: Hum, todo mundo padrão... An... Qual a identificação com o uniforme que tu tens? Como tu te identificas com o uniforme?

**Cetus:** Tipo, se eu me acho bonito com ele?

Letícia: Sim, se tu te sente bem com o uniforme?

**Cetus:** Eu diria que... Que... Eu não sei ao certo, sabe?! Eu não...

Letícia: Tu acha que, por exemplo, o uniforme te representa como pessoa?

**Cetus:** Não.

Letícia: Não? Tu representa o uniforme será?

**Cetus:** Sim.

Letícia: Sim?

**Cetus:** É... Mais quem tá usando é quem vai... Vai dar a beleza no uniforme. Por exemplo, tem alunos que usam aquele... Aquela farda com a gola pra fora, assim, fica um troço feio, mas já tem alunos que usam ela bem passado fica mais bonito, eu acho...

Letícia: Sim. O uniforme ele traz uma história por trás, uma moral, uma ética e tal. Tu te sente representado através do uniforme com tudo isso que ele carrega?

**Cetus:** Até que sim...

Letícia: Sim? Quais cuidados tem que ter com o uniforme?

**Cetus:** Bem, com a farda?

Letícia: Uhum...

**Cetus:** É bom sempre passar bem ela na parte do friso e nas mangas também. É bom deixar ela bem passadinha, assim... O de educação física não precisa ter tanto cuidado como a farda e com o de gala é o que mais precisa ter cuidado, por causa que ele é um uniforme branco, assim, claro e como qualquer coisa suja, assim, é muito delicado. E ter que se preocupar bastante com

aquela parte... Dos barretes que ficam nas golas agora. E... E, tipo, o cinto também. O cinto tu... Mais ou menos ter que usar de forma correta...

Letícia: Tu tem que estar bem alinhado e bem apresentado, higienizado?

**Cetus:** Sim.

Letícia: Você se considera parte importante da instituição por estar usando uniforme?

**Cetus:** Hum... Sim...

Letícia: Conhece a história? Sabe as transformações que o uniforme passou? O uniforme do colégio?

**Cetus:** História cem por cento não conheço mas, acredito que no início a Escola Tiradentes, era uma escola só para alunos de... Dos filhos de Policiais Militares né?! Só que era um uniforme... Acredito que fosse um uniforme mais diferente, assim, um uniforme mais simples, assim... Eu acho que aos pouco eles começaram a deixar mais parecido com o uniforme da brigada, assim...

Letícia: Uhum...

**Cetus:** Eu acredito que seja assim...

Letícia: Dentro destes três conjuntos, não que existisse mais um, mas dentro destes três tu gostaria de ter outro tipo de uniforme? Uma outra maneira?

**Cetus:** Eu acho que não é necessário.

Letícia: Tá tranquilo do jeito que tá?

**Cetus:** Sim.

Letícia: Então, tá bom. Muito obrigada, Cetus pela sua colaboração.

## 26. COLUMBA

Letícia: Vou conversar com a Columba, Columba, né?!

**Columba:** Isso...

Letícia: Taiane, tu gosta dos uniformes do colégio?

**Columba:** Gosto. Gosto.

Letícia: Como tu descreve os uniformes do colégio?

**Columba:** São confortáveis, na maioria das vezes... Não sei...

Letícia: Na maioria das vezes, ou seja?

**Columba:** Se a gente que ir prum lado e pro outro, fazer muita coisa... Nem sempre é confortável, como o sapatinho das gurias tem um saltinho, então, é meio chato, às vezes. Se tem que fazer alguma atividade.

Letícia: Além disso não? Além do salto, o resto é tranquilo?

**Columba:** Além do salto o resto é tranquilo, é confortável.

Letícia: Tem uma diferenciação entre feminino e o masculino?

**Columba:** Só o sapato mesmo, na verdade não é bem uma diferenciação pois o da guria também é sapato, só que o do guri não tem salto, não tem tamanho e tudo mais do salto. Então pra eles eu acho que é mais confortável, o sapato deles é como se fosse a nossa bota no inverno. Ai no verão, eles continuam com o sapato e a gente coloca o sapatinho aberto aí é meio chato.

Letícia: Uhum, tu te identificas com o uniforme? Pois o uniforme não é só um uniforme por si só, ele carrega valor, carrega moral, carrega um monte de coisa por trás do uniforme, ele não vem sozinho.

**Columba:** Sim.

Letícia: Tu te identificas com essa... Com o uniforme, como tudo que ele traz por trás, que ele é um uniforme militar.

**Columba:** Eu acho que sim, Primeiro, porque eu acho que eu gosto do militarismo, segundo que eu acho ele bem confeccionado como o de esportes, ele é bem confortável, todo mundo fica igual. Ele não é colado, nem nada... E o outro uniforme que seria o do cotidiano, mais ou menos... Ele carrega o símbolo do colégio que é a instituição que a gente passa a maior parte do dia. Então, eu acho uma coisa importante e é na altura do peito, ou seja, a gente tá aqui pra representar o colégio e eu acho isso muito importante. Eu acho que ele é um uniforme bem chique também, bem bonito e que a gente fica com a apresentação pessoal muito elegante.

Letícia: Então, pra ti qual é a função, na tua opinião, qual é a função do uniforme?

**Columba:** É... na maior parte das vezes eu acho que o uniforme é mais pra não ter diferenciação das pessoas. Isso eu, realmente, não gosto. Eu prefiro muito mais o uniforme, que assim não tem ninguém falando que tem roupa mais bonita, que isso, que aquilo... Não, é todo mundo igual, tá todo mundo aqui pra estudar e é essa importância do uniforme.

Letícia: Em quais momentos tu te utilizas do uniforme?

**Columba:** Como assim?

Letícia: Só na escola?

**Columba:** Só na escola, basicamente.

Letícia: Basicamente... Quais as identificações que o uniforme que ressaltam a identidade do colégio?

**Columba:** O castelinho, o símbolo do colégio e não é bem do colégio, mas tem a plaqueta do nosso ano. O que de certa forma é do colégio que tem a plaqueta do nosso ano e o nosso nome, basicamente isso.

Letícia: Tu te sente representada pelo uniforme?

**Columba:** Não.

Letícia: Porque não?

**Columba:** Eu acho que eu represento o uniforme.

Letícia: Você representa o uniforme?

**Columba:** Eu represento, ele não representa nada pra mim, mas se eu estou vestida como todos os meus colegas, o que depende muito da pessoa, eu represento o meu uniforme.

Letícia: Então, se você representa o uniforme que cuidados que você tem que ter com o uniforme?

**Columba:** Aí, isso eu acho uma coisa bem importante, por que tem gente que não tem apresentação pessoal. Tem que ter... Tem que passar, andar sempre na linha, com ele... Com os frisos e bem apessoado, não tem que andar amassado, desleixado ou fora do padrão, eu acho que não custa nada, é uma coisa bem simples, não é difícil. Não jogar o uniforme num canto e deixar lá ele vai tá sempre cuidado e eu acho que é isso que é importante.

Letícia: A maneira de se portar também é importante?

**Columba:** Sim, bastante.

Letícia: Com o uniforme?

**Columba:** Sim, o jeito. Na verdade, eu acho que o jeito que tu anda também, porque se tu vê um aluno do Colégio Tiradentes de uniforme todo amassado, todo desregulado e andando mal e porcamente, assim, é bem diferente de tu ver um aluno que tá com o uniforme passado e bonito e andando com postura, representando a moral da pessoa, o jeito que ela é. Isso é uma característica bem forte.

Letícia: Muito bem, conheces a história do uniforme do colégio?

**Columba:** Não.

Letícia: Nem as transformações pelas quais ele passou?

**Columba:** Não.

Letícia: Dentre os três conjuntos, se existisse alguma modificação, você gostaria de ter um outro uniforme?

**Columba:** Talvez. Eu acho que seria legal modificar os nossos uniformes de agora, tem algumas coisas que são bem complicadas de cuidar o tempo todo e às vezes a gente não percebe e acaba nos prejudicando, que a gente tem que andar na linha. Essa é a parte mais difícil. Nem sempre é algo bem visível. Acho que seria essa a modificação, mas de resto...

Letícia: Modificaria a questão do conforto, então?

**Columba:** É, em algum aspecto é.

Letícia: Então tá, muito obrigada pela sua fala.

## 27. CRUX

Letícia: Eu vou conversar com o Crux. E eu queria começar te perguntando se você gosta dos uniformes que você utiliza na escola?

**Crux:** Gostar, como? De ser confortável ou de...

Letícia: Pode me dizer tudo. Não gosto, não são confortáveis...

**Crux:** A gente tem dois uniformes que... Esse aqui e a gente também tem o CT3 e ele é mais confortável, melhor pra jogar bola e coisa assim, esse aqui não dá pra fazer nada, não dá pra correr. Machuca o pé se ficar muito tempo de pé.

Letícia: Hum... por causa do sapato?

**Crux:** Por causa do sapato também, com as gurias acho que é pior que elas usam sapato...

Letícia: ... De salto.

**Crux:** Sapatilha com salto de três centímetros. Mas eu acho bonitos e pra um colégio militar ser um, sei lá, básico.

Letícia: Hum... Tu gosta dele?

**Crux:** Não.

Letícia: Não. Acha desconfortável?

**Crux:** Aham... Mas pras pessoas de fora como que, o colégio tenta deixar uma boa imagem, eu acho importante o uniforme. Minha opinião não, só que como a imagem te que ser preservada, o uniforme ajuda.

Letícia: Uhum... Como tu descreveria, então, descreveria ele como desconfortável, mas?

**Crux:** Trazendo uma boa imagem pro colégio.

Letícia: Uhum... Há uma diferenciação entre o feminino e o masculino?

**CruX:** Ah, sim. Tem saia, meia calça, sapatinho.

Letícia: Então, bem visível, bem tranquilo?

**CruX:** Sim.

Letícia: An... Qual a identificação que tu tem com o uniforme? Tu te identifica com ele, com o uniforme da escola? Tu te sente representado pelo uniforme da escola?

**CruX:** Como assim, representado pelo uniforme da escola?

Letícia: Tu te sente valorizado? Tu te sente importante? Te sente parte integrante da instituição por estar usando o uniforme?

**CruX:** Eu acho que sim, mas eu acho que é mais eu que represento o uniforme do que o uniforme me representa. Porque se o uniforme tem esse nome que tem por causa do Tiradentes, eu acho que foi por que os alunos criaram isso. Não porque o uniforme fez isso.

Letícia: É o aluno que representa e não ao contrário?

**CruX:** Isso.

Letícia: Porque na verdade, quando vocês estão de uniforme precisam se portar de determinada maneira, certo?

**CruX:** Certo. E se a gente, até nos falam que se é pra gente fazer alguma coisa de, de ruim na rua, assim, fazer alguma coisa que faça a gente passar vergonha que não esteja com o uniforme do colégio, que a gente vai tá representando o colégio. A gente não pode trazer uma, uma imagem...

Letícia: Sim. Que cuidados tu tem que ter com o uniforme?

**CruX:** Tem que deixar ele passado, não pode deixar amassado, não pode deixar atirado, tem que limpar a cada duas vezes que eu uso. Por exemplo, a gente usa esse segunda, quarta e sexta, de quarta pra sexta tem que limpar. Só que o outro, o CT3, ele é mais leve, ele não precisa de tanto cuidado assim, se quiser pode deixar amassar um pouco, não é tão...

Letícia: Rígido?

**CruX:** É, rígido.

Letícia: Em quais momentos tu te utiliza do uniforme? Só na escola?

**CruX:** Só na escola. É que eu vou da escola pra casa e de casa pro colégio, basicamente, mas se eu vou no mercado às vezes, que eu vou, eu coloco outra roupa.

Letícia: Uhum... Então...

**CruX:** Eu não gosto de sair com o uniforme.

Letícia: Porque?

**Crux:** Por que eu gosto mais das minhas roupas.

Letícia: Sim.

**Crux:** An... Deixa eu pensar um pouco... No regulamento já diz pra gente não ir, por exemplo, em lugar que fala sobre, sei lá... Algum lugar de política de uniforme, porque o uniforme não é pra gente... Não é pra representar o Colégio Tiradentes em lugares errados, então eles já, já avisam: “Ó usa o uniforme pra vir pro colégio e depois troca de roupa”. Mas não é só por isso também, que é desconfortável eu usar uniforme depois as minhas roupas normal, eu não precisaria usar as minhas roupas... E também que eu não gosto de chamar atenção, eu sou uma pessoa que gosta de ser discreto.

Letícia: Sim. Você se sente representado pelo uniforme? Se sente importante com o uniforme? Ou se sente normal, mais um? Mais um?

**Crux:** Acho que uma pessoa normal, não. Acho que traz uma diferenciação, mas não chega a esse ponto, acho que eu já tô acostumado. Às vezes traz até inferioridade, que a gente tem que passar pelo exército e prestar continência com o uniforme, sem uniforme a gente não precisa.

Letícia: Então não é mais um?

**Crux:** Não, não é mais um. Só que não é chamativo. Tem vezes que as pessoas passam por mim e começam a perguntar sobre o colégio, como é que é. Então, acho que mais um eu não sou, mas não sou “aquele lá”.

Letícia: Aquele lá?! Conhece a história do uniforme? Desse uniforme? E as transformações que ele passou?

**Crux:** Não.

Letícia: Não? Gostaria de ter um outro uniforme?

**Crux:** Não, a gente já tem seis uniformes.

Letícia: Não gostaria de ter outro diferente?

**Crux:** Diferente não, mas pensando como aluno e não como comandante eu preferia que fosse CT3 todos os dias. Obviamente.

Letícia: Só o abrigo (Risos).

**Crux:** É, so o abrigo. E deixar esse aqui só pra eventos e coisas assim.

Letícia: Só pelo conforto?

**Crux:** É...

Letícia: Então tá, Crux, muito obrigada pela sua fala.

**Crux:** De nada.



## 28. GRUS

Letícia: Eu vou conversar com Grus, e eu queria começar te perguntando se tu gosta dos uniformes? São três conjuntos e, gosta deles?

**Grus:** Bem, na verdade, isso depende né?! Que o CT3 não é um uniforme muito bonito, mas ele é mais confortável. O CT2 eu não gosto muito, na verdade, é muito ruim ficar de sapato todos os dias, sabe?! Todos os dias tu é obrigado a ficar de uniforme, com sapato e acaba machucando o pé e aquela roupa, a maioria das pessoas devem ter te dito que não gostam também. Tem o CT1 que é o uniforme de gala, ele é bonito, mas é só isso que tenho pra falar dele.

Letícia: Ele é pra ocasiões especiais?

**Grus:** Sim, pra ocasiões especiais.

Letícia: Como tu descreveria, então teu uniforme?

**Grus:** Como assim?

Letícia: Como ele é, então, desconfortável e o que mais?

**Grus:** Qual deles? Todos eles, num geral?

Letícia: Uhum...

**Grus:** Eles não são nem desconfortáveis nem, tipo, confortáveis mesmo, nem muito bonitos nem muito feios, fica no meio termo.

Letícia: Fica no meio termo?

**Grus:** Isso...

Letícia: Tem diferenciação entre o uniforme feminino e o masculino?

**Grus:** Só no CT2 e o CT1 que as meninas usam saia.

Letícia: O CT3 é igual pra todos?

**Grus:** Sim.

Letícia: Na tua opinião qual é a função do uniforme?

**Grus:** Bem, nesse colégio aqui eles querem que todos sejam iguais perante eles, claro, mas não funciona muito bem aqui, mas na visão deles... Bem, que na verdade é o objetivo do uniforme é isso ai né?! Em colégios públicos, por exemplo, ou particular as pessoas sofrem muito bullying por causa do tipo de... As pessoas mais pobres, claro, podem debochar do uniforme delas ou coisa do tipo... mas é esse objetivo do uniforme.

Letícia: Mas por que tu acha que não funciona? Aqui?

**Grus:** Aqui, porque não funciona?

Letícia: É.

**Grus:** Por exemplo, aqui como a senhora já deve saber tem coisa de classificação dos alunos e gente que eles gostam mais e gostam menos e gente que eles são indiferentes, entendeu ? Por exemplo, tem os destaques. Que são quem tira a nota mais alta que pra eles são melhores que os outros, que por exemplo, vamos supor que eu seja comunicado que esteja com cabelo fora do padrão, na visão deles eu sou mais ou menos indiferente. Tá, vamos supor eu vou arrumar o cabelo, mas outra pessoa que tem um alamar, por exemplo, tipo foi comunicado pra mim ele vai uma punição e pra ela (outra pessoa) ele vai fazer vista grossa.

Letícia: Uhum... Por causa dos alamares?

**Grus:** É por causa da classificação... Então, nesse colégio não dá muito certo esse negócio de uniformes.

Letícia: Então...

**Grus:** Apenas por ser uma instituição... De uniforme...

Letícia: Então tem uma diferenciação?

**Grus:** Sim, com certeza.

Letícia: Não, eu não tinha ouvido isso.

**Grus:** Não tinha ouvido?

Letícia: Pelo contrário...

**Grus:** Pelo menos na minha opinião, tem gente que pode dizer que sim...

Letícia: Eu ouvi que os alamares não tinha diferenciação nenhuma.

**Grus:** Tecnicamente, pro colégio em si não tem diferenciação. No regulamento deles, mas pra eles em si tem, entende?! Talvez por serem politicamente corretos, eles sempre digam as coisas boas do colégio, mas eu vou falar a verdade pra senhora.

Letícia: Sim... Quais cuidados, pensando assim, quais cuidados tu tem que ter com o uniforme?

**Grus:** Bem, o CT2, por exemplo, eles pedem que tu deixe ele sempre bem passado né? A calça eles querem que tenha um friso sempre, bem passado. Tudo no padrão que eles pedem, desde as meias até o cabelo, o cabelo, a barba até as tuas unhas entendeu? Qualquer coisa, inclusive até tatuagem. Segundo o regulamento não pode ter tatuagem em lugares aparentes, por exemplo. Tem que ter cuidados, isso eles nem cobram muito, mas eles não querem que venha com o CT3 muito amassado. Normalmente, eles nunca inspecionam, por que é o uniforme de gala, mas sempre tem que ser bem apresentado.

Letícia: Quais momentos tu te utiliza do uniforme?

**Grus:** Todos os dias. Por exemplo, passo muito mais tempo de uniforme que uma roupa que eu tenho na minha casa. Ah uma coisa boa do uniforme é que tu acaba gastando bem menos dinheiro com roupas. De comprar roupas né?! Que tu acaba, gastaria bem mais se estivesse em outro colégio, exemplo.

Letícia: E como tu te sente com o uniforme, já que tu passa o dia inteiro com ele?

**Grus:** Acaba virando muito costume, né?! É rotineiro, é como... Não sei... É como perguntar pro pessoal como se sentem usando roupas, suas próprias roupas, entendeu?! Mas, não me sinto mal. Normal. Antes eu não gostava muito, claro eu me achava meio estranho, me achava... An... Sei lá, um pouco feio, coisas do tipo.

Letícia: Mas, por exemplo, tu tá usando o uniforme de uma instituição, como tu te sente? Te sente representado por essa instituição? Tu te sente valorizado? Como tu te sente vestindo esse uniforme também?

**Grus:** Isso depende da, tipo, de como as pessoas de fora veem a nossa instituição. Se elas veem como, por exemplo, as pessoas sempre veem isso aqui como lugar de gente, tipo, sempre... Como posso explicar pra senhora? Séria, fazendo tudo que mandam ou bem disciplinados, então que vê a gente na rua com esse uniforme vê pessoas muito disciplinadas, que cumprem regras ou coisas do tipo, entendeu? Mas, claro, eles acham que a gente é sério o tempo inteiro e coisas do tipo, mas como a senhora pode ver, a gente também... Tem pessoas normais, tipo, a gente é adolescente, isso eles também não entendem, nesse colégio eles cobram muito, coisas da gente que é... Difícil explicar pra senhora... Só estando aqui pra realmente entender como funciona tudo isso.

Letícia: Tu conhece a história do uniforme?

**Grus:** Do uniforme em si ou do uniforme do colégio?

Letícia: Do uniforme do colégio?

**Grus:** Na verdade não.

Letícia: Não?

**Grus:** Acho que nunca ouvi falar... Nada...

Letícia: Nem as transformações que ele passou, então?

**Grus:** Não.

Letícia: Se tivesse, não mais um, mas destes três, se algum deles sofresse alguma transformação, alguma modificação esses uniformes, gostaria que mudasse alguma coisa?

**Grus:** Bem, por exemplo, CT2 eu gostaria de mudar o sapato, mas deixaria estranho... Mudar a gente sempre vai querer mudar alguma coisa, mas não pode entende?

Letícia: Mudar, deixar mais confortável, de repente?

**Grus:** Eu deixaria o máximo que dá, sabe?! Mas acredito que mudar só uma coisa, eu acredito que perderia a essência que eles querem que tenha esse uniforme... Por exemplo, como um uniforme deve ser: camisa, calça, o sapato, o cinto essas coisas...

Letícia: Sim...Então tá, muito obrigada pela sua fala.

**Grus:** Eu que agradeço a senhora.

## 29. FORNAX

Letícia: Eu vou conversar com a Fornax. Fornax, tu gosta do uniforme da escola?

**Fornax:** Depende, gosto do CT1 e do CT3. O CT1 que é bonito e o CT3 que é confortável, o CT2 não é bonito nem confortável.

Letícia: O CT3 é o que vocês mais utilizam?

**Fornax:** Não, a gente utiliza apenas nas terças e nas quartas. Quintas, desculpa.

Letícia: O CT3 é o que tu não gosta?

**Fornax:** Esse aqui é o CT3 que eu gosto, o CT2 é segunda, quarta e sexta.

Letícia: É o que tu não gosta?

**Fornax:** É.

Letícia: Então, é o que você mais usa, é o CT2?

**Fornax:** É...

Letícia: Como é que tu descreve o teu uniforme?

**Fornax:** Ah, não tem bem o que descrever. Todos... Eu tenho que descrever fisicamente, por exemplo, ah, azul ou...

Letícia: Confortável?

**Fornax:** Bom, depende qual. O que eu mais uso é o CT2 que é o desconfortável.

Letícia: Desconfortável?

**Fornax:** Que é o que eu não gosto e o CT3 é confortável.

Letícia: Porque que ele é desconfortável?

**Fornax:** Assim, a saia ela apertada muito aqui...

Letícia: A cintura...

**Fornax:** A cintura do corpo, sabe?! A cintura, o quadril. Até pra andar é ruim por causa do sapatinho e pra marchar também é ruim.

Letícia: Uhum... Tem uma diferenciação entre masculino e o feminino?

**Fornax:** Sim, tem as gurias usam a saia-calça e os guris usam calça.

Letícia: No inverno vocês usam bota?

**Fornax:** Sim.

Letícia: E no verão?

**Fornax:** Sapatinho.

Letícia: É frio no inverno?

**Fornax:** Sim.

Letícia: E no verão é quente por causa da meia calça?

**Fornax:** Não, não é quente. Quando tá quente é até bom usar, pois a meia calça não é tão grossa. Parece até fresquinho.

Letícia: Aham... Mas é desconfortável?

**Fornax:** Uhum...

Letícia: Na tua opinião, qual é a função do uniforme?

**Fornax:** Deixar todo mundo padrão.

Letícia: Padrão, igual?

**Fornax:** Uhum...

Letícia: Tem diferenciação?

**Fornax:** De aparência, não.

Letícia: De aparência não, qual é a diferenciação que tu acha que tem?

**Fornax:** Ah, eu acho que é o jeito das pessoas. De agirem aqui na escola.

Letícia: Como, por exemplo? Me dá um exemplo.

**Fornax:** Não sei, por exemplo, tem um colega que ele faz muita piada em aula ai tu vê que esse é o jeito dele e é diferente por causa disso.

Letícia: Uhum... Então, ele é diferente mesmo estando usando o uniforme?

**Fornax:** Mesmo usando o uniforme ele é diferente.

Letícia: Ele é diferente. Que cuidado que tu tem que ter com o uniforme?

**Fornax:** tem que manter limpo, tem que passar a roupa enfim, tem que deixar nos conformes.

Letícia: Apresentável?

**Fornax:** Apresentável.

Letícia: Quais momentos tu utiliza o uniforme?

**Fornax:** Só quando venho pra escola, no caso de manhã e de tarde, de segunda à sexta.

Letícia: Fora da escola tu não usa?

**Fornax:** Não.

Letícia: Tem o hábito de usar só p trajeto casa-escola escola-casa?

**Fornax:** Sim.

Letícia: Se tu precisar sair em algum lugar tu não...

**Fornax:** Não.

Letícia: Não. An... Quais são as identificações que tu vê no uniforme que tem da escola?

**Fornax:** Como assim?

Letícia: A identificação que tem no uniforme da escola?

**Fornax:** Nome...

Letícia: Nome, que mais?

**Fornax:** Tem o nome e tem os barretes, que no caso o CT3 não tem, mas aparece que indica se tu tá no segundo ou terceiro ano, primeiro ano.

**Fornax:** Tá, tem mais alguma coisa que identifique alguma diferença entre alunos além dos segundo, terceiro ano? Mais algum emblema, alguma coisa assim?

**Fornax:** Ah, sim. Tem a alamar. Só que aí por questão de disciplina de nota, entende?! Tem medalhas também, só que aí tu consegue ou por ser disciplinado ou ser bem no esporte ou tirar boas notas.

Letícia: E esses alamares, por causa das notas, por causa... Dessas medalhas... An... Tu vê alguma diferença entre os alunos que recebem isso e os alunos que não recebem isso?

**Fornax:** Sim, tem os alunos... Geralmente, os do alamar eles precisam ser disciplinados pra dar exemplos aos outros que não tem.

Letícia: Mas não tem muita diferença, então?

**Fornax:** São só alunos mais regrados.

Letícia: Mais regrados? Sim. An... Tu te considera parte importante da instituição e fora da instituição usando o uniforme escolar?

**Fornax:** Mais importante, tipo, todo mundo ou importante fazendo parte do conjunto?

Letícia: Fazendo parte do conjunto.

**Fornax:** Pra todo mundo é importante aqui, na verdade. Não importa se tu tu tá igual a todo mundo, mas cada um é importante.

Letícia: E você se sente usando o uniforme escolar?

**Fornax:** Eu não me sinto bem, bem importante, mas é... Eu faço parte da escola.

Letícia: Uhum, e você se sente valorizada?

**Fornax:** Me sinto parte de um grupo.

Letícia: Parte de um grupo. Uhum, então, essa é a forma como você se sente, parte de um grupo?

**Fornax:** [Aceno com a cabeça]

Letícia: Você conhece a história do uniforme escolar?

**Fornax:** Não.

Letícia: Não. Então não sabe nem por que, an... Como foi que ocorreram as transformações do uniforme escolar, não?

**Fornax:** Não.

Letícia: Gostaria de ter outro uniforme escolar?

**Fornax:** Não. Sim... (Risos), mas acho que por exemplo, o CT2 poderia ser mais confortável, sabe?! Todo mundo poderia usar calça, por exemplo, entende?!

Letícia: Aham...

**Fornax:** Sem essa coisa das meninas usarem saia, então é só isso.

Letícia: Só isso? Por que? Pra ser mais...

**Fornax:** Sei lá... Que fosse mais confortável mesmo.

Letícia: Mais confortável...Então tá bom, muito obrigada dona Fornax, né?! Muito obrigada pelas suas considerações.